

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ARMANDO RIBEIRO JUNIOR

A PÓS-MODERNIDADE EM CAMPOS DE CARVALHO:
Um estudo sobre a liquidez, o desvario e o niilismo nos
romances *A lua vem da Ásia* e *O púcaro búlgaro*

UBERLÂNDIA

2013

ARMANDO RIBEIRO JUNIOR

A PÓS-MODERNIDADE EM CAMPOS DE CARVALHO:
Um estudo sobre a liquidez, o desvario e o niilismo nos
romances *A lua vem da Ásia* e *O púcaro búlgaro*

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Letras – Curso de Mestrado em Teoria Literária, no Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teoria Literária.

Linha de pesquisa: 1 – Poéticas do texto literário: cultura e representação.
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Kenia Maria de Almeida Pereira

UBERLÂNDIA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R484p Ribeiro Junior, Armando, 1981-
2013 A pós-modernidade em Campos de Carvalho:
 um estudo sobre a liquidez, o desvario e o niilismo nos romances A
lua vem da Ásia e O púcaro búlgaro / Armando Ribeiro Junior. - 2013.
 123 f. : il.

Orientadora: Kênia Maria de Almeida. Pereira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Letras.
Inclui bibliografia.

1. Literatura - Teses. 2. Carvalho, Campos de, 1916-1998 - Teses. 3.
Pós-modernismo - Teses. 4. Niilismo - Teses. I. Pereira, Kênia Maria de Almeida.
II. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Letras.
III. Título.

CDU: 82

Aos meus pais. Sempre!

AGRADECIMENTOS

À professora Kenia Maria de Almeida Pereira, minha orientadora, cara *Lady Perséfone*, a primeira a chegar depois de todos terem partido.

Ao poeta Heleno Álvares, figura indispensável para o desenvolvimento desta pesquisa, por sua paciência em cada uma das entrevistas cedidas, por sua disposição em vasculhar sua biblioteca pessoal para me fornecer materiais inéditos.

Ao professor Leonardo Francisco Soares, por seu multimidiático grupo de estudos.

Ao professor Alcides Freire Ramos, dono de uma fabulosa máquina de abrir horizontes.

À poeta Lisa Alves, por sua maldição, por sua profecia.

À caríssima Valéria D. Bittencourt, pelas discussões intermináveis.

À Soraia Cristiane do Amaral Ribeiro, toda consideração pela paciência e pelo companheirismo.

Em memória do camarada Ruy Barbosa da Silva Júnior, *‘stamos em pleno mar!*

É preciso ter o caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançarina.
Nietzsche

A chuva dá de beber aos mortos.
Campos de Carvalho

RESUMO

São raros os trabalhos sobre o romancista mineiro Walter Campos de Carvalho (1916–1998), aos quais incide grande obscuridade na tentativa de definição. Embora, depois de décadas desaparecido, tenha retornado às páginas da imprensa nos últimos anos, graças às adaptações teatrais dos seus quatro romances, permanece um silêncio incompreensível acerca de sua literatura – que, não raro, é tomada simplesmente como uma experiência humorística. Percebendo-se o exposto, esta dissertação tem como principal objetivo observar o desenvolvimento da pós-modernidade, a partir do viés do sociólogo Zygmunt Bauman, nos romances *A Lua vem da Ásia* (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964), respectivamente o primeiro e o último dos romances de Campos de Carvalho, apontando que Waltinho em verdade antecipou experiências narrativas muito próprias da contemporaneidade e que parte da incompreensão que o cerca se dá em consequência desse fato.

Palavras-chave: Campos de Carvalho. Pós-modernidade. Pós-modernismo. Caos. Niilismo. Liquidez.

ABSTRACT

Works on the novelist Walter Campos de Carvalho (1916-1998) are rare. Great obscurity falls on that works in the attempt of definition. Although, after being decades absent, he had returned to the pages of the press in the last years, thanks to the theatrical adaptations of his four novels, there are still an incomprehensible silence about his literature – which is often merely taken as a humoristic experience. Thus, this dissertation has as its principal objective to observe the development of postmodernity, according to the sociologist Zygmunt Bauman's view, of the novels *A Lua vem da Ásia* (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964), respectively the first and the last of Campos de Carvalho's novels, showing that the novelist in fact anticipated narrative experiences proper of contemporaneity and that part of the incomprehension about him is due to this fact.

Keywords: Campos de Carvalho. Postmodernity. Postmodernism. Chaos. Nihilism. Liquidness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Explicação necessária	06
Os prolegômenos.....	11
1. O NOVELO GÓRDIO.....	18
1.1. Simpatia pelo demônio.....	25
1.2. Tem, mas acabou!	32
1.3. Um passeio pelos campos de carvalho.....	36
2. DO ORIENTE VEM ARTÊMIS	50
2.1. Vou-me embora pra Bulgária.....	64
3. SURREALISMO POSSÍVEL E REALIDADE INSUPORTÁVEL: DO REALISMO- FANTÁSTICO AO REALISMO CAÓTICO	77
4. IDENTIDADES FRAGMENTÁRIAS	87
5. AS ÚLTIMAS GOTAS DE UM SÉCULO LÍQUIDO OU UM SÉCULO ATÉ A ÚLTIMA GOTA!.....	92
6. SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO: O DESENVOLVIMENTO ARQUETÍPICO DO ETERNO CAMINHANTE	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	117

INTRODUÇÃO

Explicação necessária¹

Que a chamada pós-modernidade, nesse ponto decisivo, não haja superado a modernidade nem criado nada de novo já se revela na falta de conteúdo de seu próprio conceito, que só remete a um 'futuro' vazio. A pós-modernidade, além de não fornecer nenhuma orientação cultural, erige a falta de orientação em virtude a fim de seguir rodando por inércia, eternidade afora.

Robert Kurz, sociólogo e ensaísta alemão

A produção literária de Campos de Carvalho enfrenta desde o momento de seu lançamento uma dificuldade de classificação, sendo bastante distinta das realizações estéticas de sua época, por mais que estas fossem variadas e amplas. A terceira fase do modernismo e o possível surrealismo em que Campos convencionalmente é encaixado não fornecem todas as respostas quando se estuda suas obras mesmo que superficialmente. Daí advém a necessidade de uma releitura teórica para tanto.

O psiquiatra, psicanalista e crítico literário Paulo Castro esboçou, em 2007, em Portugal, um trabalho vinculado à Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão sobre as noções de mania nas obras de Campos de Carvalho. Porém, como aqueles que percebiam, no tempo da publicação dos livros de Campos, que o autor só seria compreendido adequadamente, e se o fosse, em trinta anos ou mais, Paulo Castro, em entrevista a um periódico lusitano, assim justificou as opções teóricas de seu projeto:

(...) Os pós-modernos são controversos, cá e em qualquer lugar do mundo. De difícil trato e muito a dizer, leio-os com interesse e intensidade. A modernidade e suas respostas não convencem mais e doravante não convencerão. Não é mais possível separar modernidade, pós-modernismo e pós-modernidade. Imbricação que une forma, conteúdo e continente. (...) Campos de Carvalho, tal as criaturas de suas fabulações, é cosmopolita. Pode ser lido mais facilmente em qualquer canto do Ocidente que a maior parte dos romancistas brasileiros do último século. Um tanto da peleja em se definir o momento ocupado pelo Waltinho na linha evolutiva da literatura brasileira está em sua distância entre a realidade brasileira de seu tempo e

¹ O anacronismo dos subtítulos é proposital: uma espécie de homenagem à introdução do romance *O Púcaro Búlgaro*, de Campos de Carvalho, dividida em "Explicação Necessária", "Explicação Desnecessária" e "Os prolegômenos".

as realidades mais globais de suas ficções. Outra parte se dá pela antevisão de tempo a fazer parte simultaneamente do presente e do porvir. (...) Os recursos para estudar Campos de Carvalho são mais apropriados e vastos hoje que outrora. (CASTRO, 2007, pp. 07-08).

Guiando-se pela mesma linha da colocação de Paulo Castro, nesta dissertação há uma opção pela palavra pós-modernidade numa conotação que deve previamente ser explicada: não um período de tempo compreendido como o fim da modernidade ou ainda um pré-o-que-virá, independente do que virá, se é que virá, mas uma terminologia utilizada de modo recorrente para caracterizar autores – muitos dos quais nem se sentem à vontade sob este guarda-chuva semântico, quando não o rechaçam completamente –, que, de algum modo, questionam, invertem, exploram, remanejam, desconstroem ou subvertem valores, teorias, diagnósticos e leituras de mundo próprias do primeiro momento da modernidade, a modernidade dura, entusiasmada; se crítica, certa de seu poder; se contraditória, passível de correção; se excludente, pronta para agregar; se instantânea, disposta a durar.

A visão de pós-modernidade vem ao encontro das teorias de Zygmunt Bauman, que separa a modernidade em duas fases: uma sólida e outra líquida, não sendo possível estabelecer uma data precisa de transição entre um momento e outro. Bem como não seria razoável separar pós-modernidade e pós-modernismo; o segundo conceito seria só a estetização do primeiro, ambos caminhando lado a lado.

Ao contrário da história tradicional, orientada desde muito pelo costume arbitrário de eleger datas para estabelecer mudanças de períodos, como a tomada de Constantinopla em 1453 pelos turcos otomanos, de onde pessoas do medievo, quase que por milagre, tornaram-se imediatamente modernas; ou a Queda da Bastilha em 1789, ainda mais sintética, por pretender ser o marco inicial da Idade Contemporânea (então o que virá depois dos contemporâneos?), não é possível nos apegarmos, ao se falar em modernidade e pós-modernidade líquida, em sólidos referenciais representados por eventos. As datas transitórias trazem consigo muitos questionamentos sobre a artificialidade ou mesmo ficcionalidade de tais opções, assim sabiamente notaram teóricos da meta-história, conforme a observação de Hayden White:

A narrativa histórica não reproduz os eventos que descreve; ela nos diz a direção em que devemos pensar acerca dos acontecimentos e carrega o nosso pensamento sobre os eventos de valências emocionais diferentes. A narrativa não imagina as coisas que indica: ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal como faz a metáfora. Corretamente entendidas, as histórias nunca devem ser lidas como signos inequívocos dos acontecimentos que relatam, mas antes como estruturas simbólicas, metáforas de longo alcance, que "comparam" os acontecimentos nelas expostos a alguma forma com que já estamos familiarizados em nossa cultura literária. (WHITE, 2001, p. 108).

A sociologia de Bauman, na mesma vertente de Hayden White, prefere pensar que a modernidade acelerou seus processos e foi aos poucos se fundindo. Porém é certo que a partir da segunda metade do século XX a liquidez ultrapassou a permanência das formas.

Portanto a pós-modernidade não é compreendida como um novo tempo apesar dos perigos, uma vida melhor no futuro vista por “cima do muro de hipocrisia”, de acordo com a canção *Tempos Modernos* de Lulu Santos. Todos os elementos que compõem o que é aqui entendido como pós-modernidade, já se encontravam, ainda que em germe, em estado embrionário, cristalizados na modernidade. A pós-modernidade, partindo deste entendimento, nada seria além de uma modernidade hiperampliada em toda sua natureza, em todas suas possíveis virtudes, em todos seus potenciais malefícios, em todas suas notáveis contradições, em todo seu peculiar ceticismo.

A própria sociologia líquida de Bauman possui raízes evidentes na seguinte passagem do *Manifesto do Partido Comunista* (1848), texto considerado por Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982) a primeira de todas as obras do modernismo e o primeiro de todos os manifestos modernistas, antecipando em muito Marinetti e seu tresloucado futurismo:

A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, como isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. (ENGELS; MARX, 2001, pp. 28-29).

A transição de eventos nos romances de Campos de Carvalho é guiada por uma total flutuação de fidelidades e valores um dia rígidos, um *nonsense* não interiorizado ou estetizado, pelo contrário, exposto e declarado como natureza social da contemporaneidade que se estabeleceu, até pelo nome, *Idade Contemporânea*, como um presente perpétuo e circular. E se Marx promovia a crítica radical da lógica econômica capitalista, foi capaz, ao mesmo tempo, de realizar uma apologia grandiloquente das realizações burguesas, fato que não escapou às observações de Marshall Berman:

Os paradoxos no interior do *Manifesto* se mostram praticamente desde o início: especificamente, a partir do momento em que Marx começa a descrever a burguesia. “A burguesia”, afirma ele, “desempenhou um papel altamente revolucionário na história”. O que é surpreendente nas páginas seguintes é que Marx parece empenhado não em enterrar a burguesia, mas em exaltá-la. Ele compõe uma apaixonada, entusiasmada e quase lírica celebração dos trabalhos, ideias e realizações da burguesia. Com efeito, nessas páginas ele exalta a burguesia com um vigor e uma profundidade que os próprios burgueses não seriam capazes de expressar. (BERMAN, 1988, p. 90).

Atestado de que a natureza da modernidade é ambígua, dotada de um espírito dual, simultaneamente a enojar e fascinar. Transparente em seu ideal de liberdade individual, omissa em sua indiferença aos famélicos da terra; democrática em sua apologia do governo do povo pelo povo e para o povo e absolutamente partidária das abstrações monetárias em detrimento do bem-estar humano. Hoje não se é pensável uma crítica à modernidade, por mais extremista que seja, que pretenda eliminar, como os luditas no século XIX, a tecnologia moderna. O que se busca é uma arquitetura de um modelo de progresso mais razoável, sustentável e possível de ter suas benesses compartilhadas pela totalidade do gênero humano.

Robert Kurz, um dos mais ferozes opositores do atual estado de coisas, abraça esta contradição no ensaio *Supressão e Conservação do Homem Branco* (1992), em que, após descrever um longo histórico de perversidade engendrado pela sociedade europeia desde antes da Revolução Francesa e da “Navalha Nacional”, aponta simultaneamente os setores desta mesma sociedade que se opuseram a tais realizações. Por fim, Kurz termina por resumir a fórmula para a composição de uma nova crítica, apropriada à maré de nossos dias:

Nessa medida, o fim efetivo da colonização externa e interna ainda se encontra à nossa frente e, enquanto meta para o século XXI, pode ser resumido em uma fórmula curta: Supressão e conservação do homem branco. (KURZ, 1997, p. 52).

A natureza das personagens de Carvalho é este perpétuo estado de ser e não ser, aproveitado na relação externa e interna de colonização de incertezas e variação de perspectivas.

A liquidez percebida por Bauman teve suas origens num vazamento da represa de ideologias que edificou a modernidade. E a não solução de problemas antigos desencadeou graves problemas. A flexibilidade das formas guiou o gênero humano a forma nenhuma. Os universais foram anulados e tudo que se vê é um retorno violento ao éter que precedeu o caos.

No livro *Poética do pós-modernismo*, Linda Hutcheon (1991, p. 20) propõe que o que ela quer “chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político.” Linda funde sociologia, história e literatura em seu discurso, preferindo não separar com limites estanques pós-modernismo de pós-modernidade.

Indispensável pensar que a sociologia de Zygmunt Bauman é em grande medida uma experiência literária. O jornalista e crítico literário José Castello assim a caracteriza:

Bauman traz para o interior da sociologia (se é que podemos dar esse nome ao que ele faz) os atributos da literatura. A independência. A solidão. A coragem de pensar por si mesmo. A curiosidade caótica e interminável. Uma alma líquida, enfim, capaz de penetrar nos mais secretos vãos do real. Aspectos que distinguem os escritores e que lhes emprestam energia e coragem. (CASTELLO, 2012).

Independência e caos. Duas palavras indispensáveis para lançar vista aos trabalhos pujantes de Campos de Carvalho, que honrou, como poucos, a ousadia de ser ele próprio num mundo de solidão que ergueu para além de sua natureza ficcional.

Campos de Carvalho foi, em certa medida, um “profeta” do apocalipse líquido. Seus trabalhos são crônicas afiadas destes tempos estranhos, caóticos como aponta

Bauman, em que nada dura, em que nada é sério, em que nada presta, mesmo o homem.

Os prolegômenos

Se estou em cima do muro, não significa que estou indeciso,
mas que decidi ser equilibrista.

Ricardo Wagner

O autor mineiro Campos de Carvalho, em uma de suas últimas ambições, a propósito, não finalizada, sonhou um romance que necessitasse ser lido por mais de um leitor simultaneamente para ser devidamente compreendido – rompendo assim em definitivo o último limite apolíneo de sua composição literária e tornando-a dionisíaca – fazendo um amálgama único do fluxo do tempo e espaço, dando novas cores e ritmo à narrativa, que já não podia, em seu entender², ignorar as distorções da lógica euclidiana e do tempo newtoniano propostas pela física contemporânea. Afinal, o preceito de entropia das leis da termodinâmica há muito provou que o universo em sua totalidade caminha gradualmente para desordem. Revoltar-se contra tal fato é tão eficaz quanto discordarmos que um corpo parado tenda a continuar parado a não ser que haja uma força externa.

Deveras, são poucos os fenômenos culturais que, como a literatura, sintetizam, potencializam e representam a força, a cultura e o imaginário coletivo de um povo e de seu tempo. Seja por meio do louvor, da renovação, dos mitos cosmogônicos, do fundo moral, da crítica de costumes ou das análises de falhas humanas, a literatura escrita ou mesmo oral é da natureza de qualquer civilização. Suas origens, tão remotas, às vezes se confundem com a história e com a religião – mesmo com a ciência. Portanto é essencial estudar, em qualquer época, os novos horizontes devassados pela matéria literária, seus desdobramentos, suas inovações e quais são suas implicações na vida das pessoas e no desenvolvimento das sociedades em geral.

² Noções extraídas da entrevista feita com Campos de Carvalho por Heleno Álvares e originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995. Periódico em que trabalhei por dois anos.

Embora a narrativa literária sempre tenha sido vária, com manifestações diversificadas de representação, peculiares de cultura para cultura, há pouco mais de cem anos começaram a se desenvolver novas abordagens narrativas, influenciadas pelas vanguardas culturais do início do século XX, que introduziram, por assim dizer, uma gota de caos na matéria ficcional – demolindo os últimos pilares da estética realista tal ela se cria. Num dos pontos mais oblíquos desta trilha de transformação encontra-se o escritor mineiro Walter Campos de Carvalho, que, com uma produção enxuta, porém significativa, elege como tema e estilo a desorientação humana e a crise de identidades diante das dinâmicas “realidades” pós-modernas.

Obviamente experimentações ocorreram constantemente na história da literatura e do gênero ficcional – sendo a própria narrativa de ficção, por que não dizer?, uma experimentação bem sucedida. Não obstante, a liberdade conquistada pelo grito dos modernistas expandiu as fronteiras e flexibilizou as regras, autorizando propostas que pouco tempo antes seriam julgadas inapropriadas e quando não ridículas. Entre o inapropriado e o ridículo Carvalho cavou suas linhas, estando perigosamente à berlinda. E no seu equilíbrio na corda bamba do abismo se expressa a admiração e o perder de fôlego que tanto nos intriga em sua leitura.

A mudança de postura no trato literário propiciada ainda na alvorada do “Breve Século XX”, na expressão de Hobsbawm (1996, pp. 500-501), pode ser enxergada não apenas como um fenômeno arbitrário – embora em certa medida o seja –, extravagante ou ainda um levante contra o excesso de formalidade, mas um fruto genuíno da segunda fase da modernidade, denominada, nos trabalhos do sociólogo Zygmunt Bauman, como *modernidade líquida*.

Daí decorre a elaboração de narrativas psicológicas, biografias ficcionalizadas, meta-narrativas, narrativas fragmentadas, quebradas, que passam pelo questionamento de um mundo aflito, expressando essa realidade ou ainda superdimensionando-a, ao mesmo tempo em que se relacionam diretamente com a própria vida humana, que, em dado momento do século XX, perdeu a essencialidade *in natura*, passando a disputar de igual para igual sua existência, legitimidade e essência com abstrações ideológicas e frutos do consumismo.

Conforme expresso na prosa de Campos, os antigos pilares, boias de resgate e ao mesmo tempo sustentáculos morais, da religião, do humanismo, da família e do Estado apresentaram-se doravante erodidos, deixando-nos carentes de significado

per si. E se o antropocentrismo renascentista conduziu à era moderna, tirando um Deus tirano da caminhada histórica, seu excesso fez de nós criaturas por demais egoístas; levando-se em conta que nossa espécie é gregária – que se afirma consciente, racional, maravilhada pela antroposfera que fez à sua imagem e semelhança, uma segunda natureza edificada como um totem à glória de si mesma. Sobre tal egoísmo fundido ao tédio contemporâneo, Carvalho tem a dizer:

O peripatetismo, doutrina que abracei não só por causa do *peri* como sobretudo do *patetismo*, fez-me circular nestes últimos tempos pelas ruas as mais diversas e pelos caminhos mais ínvios, sempre acompanhado da minha sombra e do meu irmão dentro de mim, e tendo por única bússola a flor do meu umbigo, pobre mas exata. Esquecia-me do meu relógio, é verdade, mais meu do que nunca, e no qual eu vejo passar os segundos como poderia, se quisesse, ver passar os dias e os anos, desde que dispusesse de uma cadeira para sentar e de uma caderneta em que fosse anotando a evolução do tempo. (CARVALHO, 2002, p. 130).

O modo como os conceitos da inquietante pós-modernidade líquida se operam na narrativa fluida de Walter Campos de Carvalho, principalmente aqueles temas apresentados pelo sociólogo Zygmunt Bauman em seu *Ciclo Líquido*³: o medo, o individualismo, o ódio organizado, o amor *fast food*, a exploração de tudo e de todos em nome de uma realização absolutamente individual e não muito bem definida, diluída, efêmera, flutuante, sem intensidade necessária para ser lembrada ou motivos verdadeiramente fortes para ser esquecida, desprovida de raízes por não ter tempo para estabelecer-se, vacilante em estrutura por faltarem alicerces à nova dinâmica, nada de traumas porque não há entrega sincera, tampouco nostalgia porque o novo deslumbra mais até se tornar também obsoleto, esta variante absoluta, do relativismo totalizado, relaciona-se diretamente com o momento histórico da segunda metade do século XX, intensificando-se às raias do delírio até os dias atuais.

Assombro a constar nas teses de Linda Hutcheon, que vislumbra um fenômeno de supraconsciência na narrativa pós-moderna:

Apesar da ambivalência em relação à narrativa autoconsciente como um todo, ela é uma das atrações formais mais importantes. Seu arcabouço realmente vem ao encontro de nosso usual humor infantil contemporâneo – nossa própria dúvida que se congratula, nosso alienado e positivístico

³ O chamado *Ciclo Líquido* é compreendido principalmente pelas obras *Modernidade Líquida*, *Vida Líquida*, *Medo Líquido*, *Amores Líquidos: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, *Tempos Líquidos*, *Vidas para Consumo* e *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*.

pessimismo... E vem ao encontro também de uma qualidade mais nobre da vida contemporânea: nosso deslumbramento ao descobrir como as coisas funcionam ou não, nosso prazer em ver objetos por si mesmos, apreciando suas cores e texturas. (HUTCHEON, 1991, p. 15).

A postura literária de Campos de Carvalho antecipa a consciência da sociedade líquida e é profundamente relacionada à intrincada problemática desse período. Estudar Campos e a modernidade fluida não é apenas demonstrar de onde o atual estado das coisas veio, mas também, e principalmente, aonde decerto vai parar.

Certo que no último século a humanidade assistiu não só a um desenvolvimento tecnológico sem precedentes em sua história, mas também a uma aniquilação de valores tidos como pilares desde o início da modernidade e ao desmoronamento do entusiasmo em relação ao ideal do progresso, sacralizado nas primeiras máquinas a vapor que começaram a chacoalhar Manchester, poluir seus rios e ares para em seguida prosseguir pela Inglaterra e pelo mundo afora numa marcha de engrenagens sangrentas. A pós-modernidade lançou-se como uma grande indagação após a decepção das expectativas relacionadas ao progresso. Uma indagação angustiante e insidiosa, um conceito analisado sob diversas óticas, em que a única unanimidade, aparentemente, advém da sensação cada vez mais sufocante e generalizada de que a humanidade se fez prisioneira num beco evolutivo – as metas para o fim desse impasse ainda estão longe de uma solução definitiva e muita gente lúcida já afirma termos ultrapassado ou estarmos muito próximos do ponto sem retorno possível, de Jarred Diamond em *O Colapso das Civilizações* (2005) ao astrônomo britânico Martin Rees, herdeiro do ceticismo absolutamente humanista de Carl Sagan, em seu desconcertante ensaio *Nossa Hora Final*⁴ (2004).

Na introdução da edição britânica de sua futurologia distópica, Martin Rees (2004, p. 09) afirma que catástrofes de milhares de vítimas nem chamam mais a atenção, porém há uma probabilidade gigantesca de que até em 2020 pela primeira vez um milhão de pessoas sejam mortas instantaneamente por algum acidente ou ato terrorista. A perspectiva de aniquilações multitudinárias, na mesma proporção

⁴ O nome original de tal obra é *Our Final Century*, contudo a tradução estadunidense seguida no Brasil optou por *Nossa Hora Final*. Segundo o autor, a decisão em alterar o nome de seu livro tomada pelos editores usamericanos reflete o desejo imediatista daquela sociedade e sua busca desesperada por respostas aqui e agora.

em que se tornou incapaz de produzir pavor genuíno, alimenta nosso imaginário num fascínio macabro por meio de obras de ficção. O sucesso de filmes como *Armageddon* (1998), *Impacto Profundo* (1998), *Extermínio* (2002), *O dia depois de amanhã* (2004), *Eu sou a lenda* (2007), *Sunshine: alerta solar* (2007), *2012* (2009), *A Estrada* (2010) e *Contágio* (2011), atesta em favor. E embora a maior parte das películas do gênero não seja considerada mais que cinema-pipoca, arrasa-quarteirão, é também possível observar criatividade, inventividade estética, intensidade e qualidade autoral em alguns filmes apocalípticos, como nos casos do experimental *Extermínio* e do belíssimo *Sunshine – alerta solar*, ambos do diretor inglês Danny Boyle. Antes do cinema, Campos de Carvalho ironiza em *A Lua vem da Ásia* (1964) a banalidade em torno de eventos cataclísmicos, aqui se vê:

Em Cochabamba, na Bolívia, num concurso para coveiros instituído pela municipalidade, obtive o segundo lugar, o que me valeu um contrato por dois anos com direito a dormir no cemitério. Pablo Morales, que foi nomeado comigo e obtive o primeiro lugar devido à sua larga experiência agrícola, era de pouca conversa e tinha verdadeira paixão pelo seu métier, ficando irritadiço e insuportável quando não tínhamos nada a fazer e nos víamos obrigados a cruzar os braços, como mineiros em greve. O que nos valia eram as revoluções constantes no país, que nos davam sempre um trabalho intensivo durante uma semana ou duas - ou então uma ou outra epidemia imprevista e fulminante, que arrasava com pelo menos um terço da população. De uma feita chegamos a receber duzentos mortos de uma localidade vizinha, onde ocorrera um terremoto de magníficas proporções e que proporcionou a Pablo (e a mim também) alguns serões maravilhosos, à pálida luz da lua. (CARVALHO, 2002b, p. 63).

Sobre o último trecho do parágrafo citado, é difícil não pensar que haja uma referência inserida ao atormentado poema de T. S. Eliot *Terra Devastada* (1922), cuja intensa desesperança chega a fascinar, observando-se o seguinte verso desse poema: “À pálida luz do luar, a relva canta.” (ELIOT, 1999, p. 09).

Que diferente, para pensarmos em outro momento da modernidade, neste caso a modernidade incipiente, a reação do personagem Cândido na obra *Cândido ou o otimismo* (1759) de Voltaire, diante do terrível terremoto de Lisboa, de 1755. Nesta obra literária, o cismo e a mortandade dele decorrente serviram para que Cândido questionasse sua própria ideologia espelhada no pensamento comodista de Leibniz, segundo o qual tudo vai bem no melhor dos mundos possíveis, e decidiu que o correto era cultivar o próprio jardim em vez de esperar pelas flores do acaso. Por sua vez, historicamente, o plenipotenciário Marquês de Pombal, contrastando

com as reações da supersticiosa Corte portuguesa, expôs sua objetividade ilustrada com a seguinte declaração sobre as medidas a serem tomadas: “Sepultar os mortos e socorrer os vivos.”. Tal manifestação, ainda que um tanto fria, expressava com clareza a necessidade de seguir a vida, que se fazia mais urgente do que as lamentações, as novenas intermináveis, as autoflagelações e o temor da ira divina. Cândido também se decidira pela ação. O que não é o caso dos personagens de Campos de Carvalho, aos quais não há tanta diferença assim entre a vida e a morte – sendo a morte antes uma solução que um inconveniente. Para acrescentar, em *A Lua vem da Ásia* (1956) o narrador-personagem escreve o seguinte aforismo numa noite de duras reflexões:

Os homens, as pulgas e as ratazanas se assemelham nisto: que hoje estão vivos mas amanhã estarão mortos, irremediavelmente mortos, e para sempre. (CARVALHO, 2002b, p. 52).

E Eric Hobsbawm (1996, p. 22), em sua horripilante descrição do próspero século XX, frisa categoricamente: “Antes do século XX os mortos eram contados às dezenas, às vezes às centenas, raramente aos milhares, mas nunca aos milhões.”

Partindo dessa abordagem multifacetada e tão delicada de nossos dias, apontada pelo cinema, pela literatura, pelos quadrinhos, por teóricos literários amplamente amparados na sociologia, como Linda Hutcheon, e por sociólogos mergulhados na verve literária, como Zygmunt Bauman, o trabalho proposto pretende analisar o desvario, a descrença e o niilismo, a irreverência e a paródia nos romances *A Lua Vem da Ásia* (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964) do autor mineiro Campos de Carvalho e sua própria vida marcada por silêncios e solidões.

A busca pela compreensão da matéria literária e do peculiar, por assim dizer e por enquanto, “surrealismo” dos personagens e das situações arquitetadas pelo autor mineiro Campos de Carvalho serão as diretrizes desse projeto, bem como a divulgação da prosa desse autor, que, em 1964, pela voz de um de seus personagens, fazia uma inquietante observação – previsão? – de que sua obra não deveria ser publicada, pelo menos não até o início do século XXI, período em que certamente o mundo já não faria o menor sentido.

Para tanto o caos e o individualismo exacerbado presentes nos romances *A Lua vem da Ásia* e *O Púcaro Búlgaro* serão investigados à luz das teorias

contemporâneas sobre o desenvolvimento da modernidade, buscando-se os pontos de encontro entre a narrativa de Carvalho e a dissolução dos valores, almejando-se compreender de que modo a entropia da sociedade construída no decorrer do “Breve Século XX” imprimiu marcas na excêntrica prosa literária de Campos de Carvalho.

A fim de investigar a narrativa de Campos de Carvalho e suas relações com a crise da modernidade, a fundamentação teórica do trabalho proposto se serve sobretudo dos desdobramentos intelectuais do sociólogo europeu Zygmunt Bauman, especialmente os conceitos de liquidez dos valores modernos e das incertezas impostas pela sociedade contemporânea à maior parte da humanidade – para tanto explicitar as relações dos pressupostos pós-modernos com a temática de Carvalho, empregando como base teórica especialmente pensadores contemporâneos, críticos do atual estado das coisas e das supostas realizações positivas da contemporaneidade.

Assim, o primeiro capítulo do trabalho situará o espaço do autor, da obra e de sua fortuna crítica. O segundo capítulo se debruçará sobre os dois romances escolhidos no *corpus* e o dilema de identidade vivido pelos seus protagonistas. Avaliando a crise da modernidade, o terceiro capítulo opera a falta de sentido da sociedade contemporânea antecipada pelos romances de Campos de Carvalho. O quarto capítulo tratará da diluição do conceito de identidade. O quinto capítulo avaliará o desmoronamento do século XX nos romances de Campos de Carvalho. E o sexto capítulo será dedicado ao empenho desbravador, errante, que orienta tanto a narrativa de *A Lua vem da Ásia* quanto a de *O Púcaro Búlgaro*, com o substrato mítico.

A fundamentação histórica do período terá como sustento a obra *A Era dos Extremos* (1994), de Eric Hobsbawm, caminhando de “A Era das Catástrofes” ao “Desmoronamento”⁵. Do romantismo parisiense à desilusão *fin de siècle*.

⁵ Títulos da primeira e da última parte de *A Era dos Extremos*.

1. O NOVELO GÓRDIO

Primeiro há a montanha;
Depois não há a montanha;
Depois há.
Milenar khoan

A corda de quatro pontas. Eis o título inicial do escrito de Juva Batella (2004), claramente inspirado em um dos itens da maior importância listado em *O Púcaro Búlgaro* para a viagem ao reino da Bulgária: uma corda de duas pontas. Pode-se dizer que *A corda de quatro pontas* é o único livro que se propôs a estudar academicamente as obras de Walter Campos de Carvalho. Um academismo alternativo a bem da verdade, livre de entraves engessantes e bem mais flexível do que costumamos ver em outras abordagens, por assim dizer, mais centradas no *argot* institucional. Nem é preciso dizer que o próprio objeto de estudo de Juva seria sumariamente traído diante de uma formatação absolutamente rígida e bem delimitada. Daí a qualidade do trabalho desenvolvido por Juva e também sua coragem em se meter na trilha de carvalhos, de onde nunca se sai como entrou. Isto quando se sai. Isto quando se entra. Ainda que se tenha uma corda de quatro pontas como guia e referência.

A corda de quatro pontas... este intrigante título é uma referência às quatro obras que Campos de Carvalho efetivamente legou ao mundo. Seus outros trabalhos, por opção própria e por um raro respeito editorial, praticamente se perderam na noite dos tempos. Não há como dizer se foi uma escolha acertada deixar que tais páginas sumissem assim. Há opiniões dos poucos leitores delas de que não as republicar se trata de uma grande perda. Durante a produção deste trabalho, houve eloquência nas entrevistas realizadas com o poeta Heleno Álvares sobre a grandeza e a qualidade das obras que ficaram para trás:

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: Há esta questão não muito bem resolvida sobre as obras não republicadas. Como Campos encarava isto?

HELENO ÁLVARES: O Walter não ligava. Era homem desligado pra essas coisas e também teimoso. Botou na cabeça que as obras não prestavam e assim seguiu.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: E você as leu?

HELENO ÁLVARES: Sim, sim. As duas. Os romances inacabados. Seu livro inédito de poesias. Textos avulsos. Alguns até tenho comigo. Cópias da época do mimeógrafo. Tudo, tudo.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: E qual é sua visão sobre as obras banidas, especialmente sobre a qualidade delas?

HELENO ÁLVARES: São de outro momento. Mas muito boas. Diferentes dos romances consagrados, nem por essa razão são ruins.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: Então você acha que os livros *Tribo e Banda Forra* deveriam ser relançados?

HELENO ÁLVARES: Sim, com toda certeza. Sem sombra de dúvidas.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: Mesmo desrespeitando a opinião de Campos?

HELENO ÁLVARES: Tenho certeza que ele diria que isso é ridículo. Estando ele morto, que diferença faz? Para o Walter a morte era o fim de tudo. O que ficasse passava a ser problema dos vivos.⁶

Heleno Álvares foi uma das raras pessoas que conviveram com Campos de Carvalho em seus últimos anos. Outros tantos afirmam que o autor teve razão em realizar um recorte tão significativo em sua já miúda produção – seus primeiros trabalhos, neste entendimento, seriam amadores, ainda sem a identidade intensa que caracterizou a produção de Carvalho. Opinião sustentada pelo escritor, psiquiatra e psicanalista Paulo Castro:

Ocorreu-nos em tertúlia assim de inverter o que vulgarmente é definido como loucura, historicamente um conceito capcioso, mais inclinado à repressão social do que às patologias reais tais quais como definidas pela literatura médica. Surpreso expliquei que o nosso melhor circulou por cá, devíamos começar por ele. Apresentei-lhes então a obra completa de Campos de Carvalho, como si próprio a cristalizou, desprezando *Tribo e Banda Forra*, livros restritos ao humor risível, o humor vulgar. O humor do Walter assume por depois uma conotação psicanalítica, clínica, e se nos permite rir, não é sem incômodo. (CASTRO, 2007, pp. 08-10).

Independente de qual destas opiniões seja a mais acertada, só podemos contar com o que houve, com o enigma de mistério algum da corda de quatro pontas. Guiar-nos por uma ponta dela é atingir tudo, menos o razoável – os trajetos dissolutos das linhas de Campos, as ilusões destruídas e ao mesmo tempo erigidas em sua narrativa plenamente lúcida num mundo grotescamente irracional, um caleidoscópio que ao invés de confundir o visível e promover o simulacro da cópia da cópia da cópia, em verdade nos permite um olhar por outras perspectivas para a máquina do mundo e questionar sua lógica de engrenagens eternas e voltas infinitas... *r-r-r-r-r-r eterno!*

Não é em vão que Paulo Castro ressalte o uso da loucura como instrumento de repressão. Michel Foucault assim observou a forma que o conceito de loucura assumiu na modernidade tardia:

⁶ Declaração do poeta Heleno Álvares em entrevista realizada por mim no dia 23/09/2011.

O louco não é mais o insensato no espaço dividido do desatino clássico; ele é o alienado na forma moderna da doença. Nessa loucura, o homem não é mais considerado numa espécie de recuo absoluto em relação à verdade; ele é, aí, sua verdade e o contrário de sua verdade; é ele mesmo e outra coisa que não ele mesmo; é considerado na objetividade do verdadeiro, mas é verdadeira subjetividade; está mergulhado naquilo que é sua perdição, mas só entrega aquilo que quiser entregar; é inocente porque não é aquilo que é, e é culpado por ser aquilo que não é. (FOUCAULT, 2005, p. 521).

O louco se move nas contradições da sociedade contemporânea, onde tudo se cria e tudo se esvai rápido demais para a perspectiva humana. A fim de sobreviver aos imperativos impostos pela modernidade líquida é preciso estimular em certa medida o duplipensar à moda orwelliana – e não são todos dispostos a aceitar o ser e o não ser simultâneos assim tão confortavelmente.

A corda de quatro pontas: A Lua vem da Ásia (1956), *Vaca de Nariz Sutil* (1961), *Chuva Imóvel* (1963) e finalmente *O Púcaro Búlgaro* (1964). Nomes inusitados para obras pouco extensas e sobremaneira desconhecidas. Portanto não chega a chamar a atenção um único trabalho publicado disponível – disponível? – sobre os romances de Campos de Carvalho. Autor de edições raras não poderia ter outra coisa senão o único estudo sobre sua prosa também fora de catálogo.

A corda de quatro pontas? Sim. Pois com ela seria possível efetivamente enforcar os pacientes amigos de Godot e livrá-los do impasse absurdo de um único cinto para dois pescoços, criar uma cama de gato para simetrias terríveis de tigres tigres de bengala ferozes, lançar uma linha não mais imaginária entre ocidente e oriente, entre hemisfério sul e hemisfério norte, e com a ajuda do sextante ou talvez do *oitante*, como preferiria Campos de Carvalho, calcular precisamente a que horas a lua desponta do oriente.

A corda de quatro pontas! Não há absurdo na colocação do título, nem na significação assignificativa deste *khoan* pós-moderno. O que há é um erguer de olhos desconfiado, próprio de uma lógica que se crê senhora do mundo e começa a constatar que seu reino não é tão definitivo, plano e pleno. Nos interstícios do absurdo opera o núcleo duro da realidade sem máscaras.

A corda de quatro pontas; suponha um fio de Ariadne a sugerir quatro saídas diferentes do labirinto de Dédalo e a decepção de se descobrir, então liberto, assim à luz do dia, ao frescor da brisa, que, pelo menos lá dentro, a única ameaça era o minotauro.

Juva Batella acabou por abandonar o título *A corda de quatro pontas*. Estando seu estudo pronto, enfrentou considerável dificuldade para colocá-lo no mercado. Nem a editora em que os trabalhos de Campos eram publicados interessou-se pelo livro de Juva. Se poucos conheciam Campos, quem haveria de ler um ensaio sobre... *de quem vocês estão falando mesmo?*. Talvez por isto Juva tenha optado por outro título, tão instigante quanto o primeiro, porém um tanto mais inquisidor, que lança à face de todos e de ninguém uma escandalosa e urgente pergunta: *Quem tem medo de Campos de Carvalho?*

Há autores amados e nunca lidos. Bem como obras de cabeceira sequer folheadas. Livros queridos por todos e conhecidos por ninguém, enfeites de estante com lombadas sempre à mostra às visitas e aos seus olhares curiosos; potencializadores de intelecto de traças, dos quais, volta e meia, estão seus admiradores a discutir apaixonadamente, quase refazendo a obra eles próprios à imagem e semelhança de um esvanecido conhecimento. Não há como negar que há algo de curioso nisto – mesmo de passional; quem sabe uma *diegese* involuntária. Neste ponto, estes autores, ainda que não suas letras, conheceram uma espécie de glória. E suas obras, edições de luxo, filigranas de ouro, ilustrações encomendadas por mestres da pintura; pdfs. disponíveis em acervos às centenas na rede mundial de informação, ou tão simplesmente brochuras de papel jornal vendidas até em postos de gasolina, estarão eternamente entre nós.

Com Campos de Carvalho por ora não podemos dizer o mesmo. Se de carvalhos fossem feitos os livros, Campos teria prejudicado pouquíssimo a árvore que lhe deu nome. Gozou de breve reconhecimento durante a publicação de suas obras entre os anos 50 e 60 do século XX. Reconhecimento torto, típico de quem não sabia precisar se estava diante de uma farsa ou de algo profundamente original. E quem de nós quer ser o primeiro a se manifestar e incorrer posteriormente, para todos, num erro profundo? O primeiro título do livro de Juva é bastante contundente. Entrementes bem possível que sobrasse ponta de corda para ser agarrada. Bem como não houve gente suficiente para carregar o caixão de Campos em seu féretro (PRATA, 1998).

Mas *Quem tem medo de Campos de Carvalho?* coloca todos face a face com dois impasses terríveis: o do silêncio e o do esquecimento.

Tentativas bravas e sinceras de colocar Campos de Carvalho na ordem do dia, realmente, têm surgido nos últimos tempos. Mas ao contrário de outros autores sequer citados nos manuais didáticos, tais como Luís Roncari, Carlos Herculano Lopes, Ana Cristina César, Rafael Nollí Duarte, Evandro Affonso Ferreira, Ricardo Wagner, Raduan Nassar, Evandro Affonso Ferreira, Lisa Alves, Adriana Falcão, José Cândido de Carvalho e continua..., os esforços são um tanto tantálicos, e Campos de Carvalho, como bem observa o jornalista Fernando Vieira: “Não vai cair no vestibular.”. Vieira ainda adverte: “Cuidado: Campos de Carvalho pode te enlouquecer.” (GOETTEMS, 2011).

É de ser lamentar. Não o fato de Campos enlouquecer os outros, mas de estar fora da lista dos concursos. Ainda que os processos vestibulares não raro emburreçam a leitura, tornando um agradável princípio num mesquinho fim. Haja vista o processo de educação fordista adotado agressivamente pelos pré-vestibulares, que chegam a vender livros de resumos das obras a serem adotadas em cada universidade, não raro por preços bem mais elevados do que os das obras em questão, e a completa falta de estímulo destas instituições em promover a leitura integral de obras. A rede pública, por seu turno, em sua maioria, está atrelada por demais às gramatiquices para se permitir o luxo de ensinar literatura. Ainda assim, talvez, se os livros de Campos de Carvalho fossem cobrados em exames, pudéssemos testemunhar seu nome elevando-se acima das curiosidades das artes perdidas – e certamente ele tem o potencial para agradar leitores mais jovens, graças ao seu despudor e anarquismo ostensivo⁷.

Mas, poderiam dizer – e certamente dirão –, que as coisas mudaram e muito. A encenação teatral de *O Púcaro Búlgaro* tocada por Aderbal Freire-Filho tem gozado de grande prestígio, já a adaptação cênica que Moacir Chaves fez de *A Lua vem da Ásia* foi quase unanimemente criticada – e é bem verdade que o espetáculo não consegue realizar a transmigração de linguagens, operando simplesmente uma

⁷ Incluí a obra completa de Campos de Carvalho como leitura obrigatória para o Ensino Médio quando lecionei Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Salesiano Dom Bosco/Araxá de 2006 a 2010. Atualmente o livro foi banido da citada instituição.

leitura em palco do que é bem mais prazeroso no claustro ⁸ . As avaliações da encenação de *Vaca de Nariz Sutil* pelo grupo Os Parlapatões, como na *Veja São Paulo* de 17/09/2010, exaltaram a beleza plástica da realização, o mesmo se deu na *Folha de São Paulo* de 15/04/2009. No mais, as críticas, no geral, foram bastante insossas, um tanto perdidas. Como se não soubessem se deveriam ou não aprovar o resgate de um ator pelo que dizem tão bom... e esquisito. Em *O Globo*, Jefferson Lessa, criterioso, foi menos generoso e menos *sutil*:

Enfim, em seu primeiro trabalho dramático, os Parlapatões deixam a desejar. Mas, nas palavras do próprio Campos de Carvalho no texto ora adaptado, "(...) há verdades de todos os tipos, para todos os gostos, é estender a mão e colher". Os Parlapatões, com toda a sua história, estão a nos dever verdades que rendam colheitas mais ricas. Mas vão precisar contrariar o mestre: para alcançá-las, não basta estender a mão.

Quanto à *Chuva Imóvel*, o dramaturgo Alan Castelo realizou uma leitura dramatizada um tanto redutora⁹. O que leva a questionar até quando se estenderá o entusiasmo dessa onda *Campos de Carvalho é massa*. Por isto não é exagero dizer que Campos permanece num estranho limbo e que, por hora, não há Dante em vista para socorrê-lo – tampouco Virgílio. Juva Batella, um pioneiro no caminho solitário rumo ao inferno, cruzou os portões a partir dos quais todas as esperanças devem ser abandonadas. Ele foi. E por lá ficou.

Mas quem tem medo de Campos? E quem não tem?

Juva arrisca: os poetas, as crianças e os loucos.

⁸ Como pude testemunhar no dia 25 de outubro de 2011 no 21º Encontro SESI de Artes Cênicas em Araxá, Minas Gerais. É dever mencionar aqui que graças aos esforços do poeta Heleno Álvares, e seu trânsito pela vida cultural de Araxá, a peça foi encenada na cidade.

⁹ Como atestei ao assistir uma filmagem da peça gentilmente cedida por Heleno Álvares.

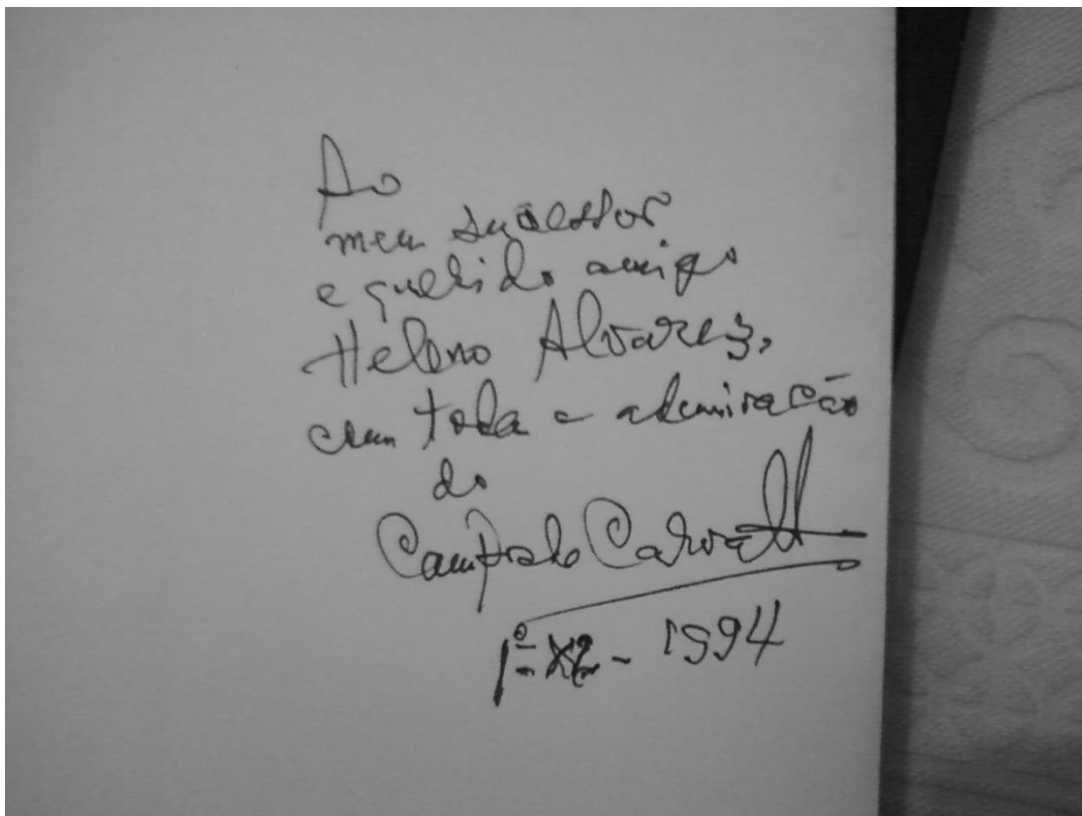


IMAGEM 01: Dedicatória de Campos de Carvalho ao poeta Heleno Álvares num exemplar da primeira edição de *Vaca de Nariz Sutil*.



IMAGEM 02: Heleno Álvares consegue convencer Campos de Carvalho a abandonar seu autoimposto isolamento. Na foto, um raro momento de descontração no restaurante *La Villete*, em São Paulo, 1995.

1.1. Simpatia pelo demônio

Meu nome é Legião, porque somos muitos.
Evangelho de São Marcos - 5,1-20

*O diabo vem de Uberaba. Foi lá em que ele nasceu. Nada daquele papo de chefe dos querubins que despençou feito esmeralda do Paraíso. Que cor de anjos? Que terço o seguiu? Que chifres e rabo? Não, ele estava só. As Escrituras mentem! E muito!*¹⁰

Poderíamos assim começar uma biografia do camaleão Campos de Carvalho, o múltiplo e o múltiplice, e, se estivesse vivo, certo de que não a aprovaria, segundo atesta Heleno Álvares, mas bem possível que gostaria desta introdução. O próprio Campos costumava dizer a Ênio Silveira, seu bravo editor: “Sou um autor sem biografia e quase sem fotografia.”¹¹.

Um exagero, certamente, contudo há abismos impossíveis de serem cobertos no decorrer dos oitenta e dois anos de vida de Campos. Abismos cavados pela reclusão, pela intransigência e principalmente pela indiferença e pela pouca afinação da trindade candidiana autor, público leitor e obra.

De pia trouxe o nome Walter Campos de Carvalho, nascido em primeiro de novembro de 1916, na cidade de Uberaba, Minas Gerais, que, àquela época, não passava de uma vila – bem menos desenvolvida que outras cidades da região, por exemplo, Araxá. Fez-se advogado, embora detestasse as leis. Como comprovam sortidas declarações do autor de sua interpretação anarquista da realidade. Entrevistado pelo diário *O Globo*, em 08/04/95, foi questionado sobre o empenho libertário de seus personagens, que, por regra, constantemente se voltavam contra a autoridade, os paradigmas, e o saber tal como se pensa saber. Ponderou: “Eu sempre fui anarquista, liberto de qualquer dogma.”.

Sabe-se que Carvalho colaborou com panfletos libertários como *A Plebe* e *A Lanterna*, embora se deva lembrar que a esquerda o considerava um alienado. Especialmente diante de algumas declarações de Campos, a seguir:

Aos dezoito, achava Marx bárbaro. Aos trinta, só um perfeito imbecil ainda alimenta alguma dúvida a respeito e eu acabei descobrindo que cada um

¹⁰Declaração do poeta Heleno Álvares em entrevista realizada no dia 09/11/2011.

¹¹Tradução livre de: “A son éditeur brésilien, Walter Campos de Carvalho affirme: ‘Je suis un auteur sans biographie, et presque sans photographie.’. Texto presente na orelha da edição francesa de *A Lua vem da Ásia*.

tem o Marx que merece. Os meus chamam-se Grouxo, Harpo e Chico. (CARVALHO apud SILVESTRE, 1969, pp. 42-44).

Fruto de uma geração bastante cética em relação ao ideário emancipatório cantado pela liderança dos países do Leste sob marteladas de foice, Campos de Carvalho ironizou abertamente o comunismo em *A Lua vem da Ásia* e em entrevista no turbulento ano de 1969, rasgado entre os tanques soviéticos na Primavera de Praga e os Livros Vermelhos do Maio francês, assim se colocou diante da ideologia:

Comunista nunca fui, nem serei. Não seria lógico abandonar dogmas feito Deus, família, etc. e depois abraçar outros. Quero escrever com absoluta liberdade de expressão, só e exatamente o que quero. Não discuto a insignificância do homem no universo, sobretudo a do americano e do russo, mas não vejo também por que pôr em dúvida a tremenda importância que tenho dentro de minha casa ou mesmo no banheiro. A arte não tem absolutamente nada a ver com a Política. (CARVALHO apud SILVESTRE, 1969, pp. 42-44).

O autor também confessou ter se descoberto subitamente ateu aos dezesseis anos, quando retornava de uma missa na Igreja de São Domingos em Uberaba. Fato que ocultou da família, que era extremamente carola.¹² Aos dezesseis anos. Justamente a idade em que o protagonista de *A Lua vem da Ásia*, decerto não por coincidência, assassina seu professor de lógica, já na linha inicial do romance.

Porém, por mais que Campos tenha se afastado do Criador, refletindo, inclusive: “é mais fácil eu existir do que Deus” (CARVALHO apud PRATA, 1998), Campos nunca se distanciou do diabo, por quem nutria, por assim dizer, uma especialíssima simpatia.

Em vida exerceu as funções de advogado, jornalista e escritor semidesconhecido e, por fim, aposentou-se como Procurador do Estado de São Paulo, onde viveu até seu último dia. Diante de tantas classificações ensaiadas, discutidas, negadas e reafirmadas, chamavam-no na maioria das vezes simplesmente de escritor atípico (PRATA, 1998). Ele preferia *satanista*.

Há quem me tome por louco e eu mesmo já me tomei. Mas basta uma visita ao hospício para me convencer — desgraçadamente — do contrário. É como se fosse um lobo vestido com a pele de um cordeiro: expulsam-me só pelo faro. O título do livro que estou escrevendo no momento é exatamente *Maquinação da Máquina, Especulação de Espelho*. Assim como a 4ª Sinfonia de Charles Ivens exige a presença de três maestros para ser bem interpretada, assim também penso que esse meu novo livro, para ser bem

¹² Evento descrito por Paulo Roberto Pires em *A Paixão Anarquista da liberdade*. In: O Globo, Rio de Janeiro, 08 abril 1995.

compreendido, deva ser lido simultaneamente por três leitores.
(CARVALHO, Revista O Cruzeiro, 30 de outubro de 1969).

Foi colaborador esporádico de *O Pasquim* e de *O Estado de São Paulo*, no período de 1968 a 1978. Oficialmente parou de produzir literatura em 1964. Seus livros permaneceram aos trancos e barrancos circulando por meio de cópias mimeografadas, realizadas por meia dúzia de admiradores fiéis, vistos com descaso pelo próprio autor. “É difícil pedir que eu respeite uma pessoa que se interessa pelas coisas que escrevo.”¹³.

Somente em 1995 a editora José Olympio agrupou seus trabalhos em *Obra Reunida*. Todavia os trinta anos de silêncio desde a última publicação de Carvalho fizeram com que a coletânea passasse como a redescoberta de um ilustre desconhecido para o grande público. Não teria sido diferente se o tivessem lançado como autor inédito. Campos afirmou, sem lamento, nunca ter visto alguém comprar um livro seu.

No Rio, quando eu lancei os livros, eu ia para as livrarias e ficava esperando, vendo se alguém comprava um livro meu. Mas nunca vi ninguém comprar.¹⁴

Teve algumas fagulhas literárias despertadas nos últimos anos de vida, para além de *Maquinação da Máquina*, *Especulação de Espelho*, romance em que afirmou estar trabalhando em fins dos anos 60 e de *O Concerto no Ovo*, romance iniciado em meados dos anos 80 e nunca concluído. Pouco antes de falecer alimentava o sonho de escrever um livro sobre sua entidade predileta: Satanás. “Mas o diabo é que não consigo encontrar humor no Diabo”¹⁵, reclamava.

Estranha, como quase tudo em Campos, essa sua fascinação por Belzebu. Declarando, para além das definições possíveis ou impossíveis sobre seu trabalho, que sua melhor classificação era satanista, em *O Púcaro Búlgaro*, apresenta suas reservas sobre o fato de duvidar da existência da Bulgária, sendo bem atilado nesta ruminação:

O autor pessoalmente, e é o que se verá, já teve oportunidade de conhecer e mesmo de entabular conversação com mais de um relutante búlgaro, e

¹³Entrevista originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

¹⁴Entrevista a Antonio Prata e Sergio Cohn, *Campos de Carvalho*. In: Revista Azougue, s/d.

¹⁵ Declaração extraída da biografia do autor apresentada no site *Tiro de Letra*: <<http://www.tirodeletra.com.br>>. Acesso em 17 dez. 2012.

até mesmo com uma búlgara, todos de uma reputação acima de ilibada e merecedores da maior estima e simpatia: mas como também já viu de perto alguns fantasmas e até o próprio Diabo, reserva-se o direito de só opinar definitivamente sobre o assunto depois que outros mais abalizados ou afortunados o tenham feito, à luz das novas ciências ou das que porventura ainda estejam por surgir. (CARVALHO, 2002d, p. 209, grifo meu).

Metido em seu peculiar ocultismo anarquista, Campos de Carvalho faz inúmeras referências ao diabo e a fantasmas em *A Lua vem da Ásia* e em *O Púcaro Búlgaro*. Julia Kristeva (1997) aponta que a palavra fantasma descende da raiz grega “fae”, que se relaciona com uma noção diáfana de luz. Portanto, fantasma é um termo simbolicamente permeado de contradições: o fato de ser banhado de luz e ao mesmo tempo relacionar-se com as trevas, de aparecer às pessoas mas ser preferível que estivesse oculto, representar o que não devia escapar do campo do delírio, de atizar a curiosidade e ao mesmo tempo a repulsa. A vida humana é em certa medida moldada por uma fantasmagoria, segundo Kristeva, e o espaço, por excelência, em que se podem extrapolar os fantasmas é a arte. O imaginário geral é regulado por fantasmas variados. O que talvez venha a explicar como um ateu pôde ser tão determinantemente satanista, como no caso de Campos de Carvalho. Seu satanismo profanava sua própria descrença, transgredia seu ostensivo ceticismo, desmistificava sua iconoclastia.

Gilles Deleuze assim reúne as principais características das fantasmagorias:

Ele, fantasma, não representa uma ação nem uma paixão, mas um resultado de ação e de paixão, isto é, um puro acontecimento. A questão: tais acontecimentos são reais ou imaginários? não está bem colocada. A distinção não é entre o imaginário e o real, mas entre o acontecimento como tal e o estado de coisas corporal que o provoca ou no qual se efetua. Os acontecimentos são efeitos (assim, o “efeito” castração, o “efeito” assassinio do pai...). Mas, precisamente enquanto efeitos eles devem ser ligados a causas não somente endógenas, mas exógenas, estados de coisas efetivos, ações realmente empreendidas, paixões e contemplações realmente efetuadas. Eis porque Freud tem razão de manter os direitos da realidade na produção dos fantasmas, no momento mesmo em que reconhece estes como produtos que ultrapassam a realidade. (DELEUZE, 1974, p. 216).

Podemos, a partir de tais palavras, perceber que as fantasmagorias de Campos de Carvalho, ao mesmo tempo em que possuem um fundo real, ultrapassam a própria realidade cognoscível. E, com toda seriedade, a despeito de seu ateísmo, Campos afirmava já ter se encontrado com o demônio pessoalmente. Obviamente que *O Púcaro Búlgaro* (1964) se trata de uma obra de ficção, portanto,

em tese, não haveria por que relacionar estas questões com a vida do autor. Também na introdução de *A Chuva Imóvel* (1963), o narrador declara a epifania de encontrar o Anjo Caído em toda sua (in)glória:

Isto me lembra aquela noite, verídica, em que eu fui se não o protagonista pelo menos o agonista — e, para ser sincero, a única testemunha. Embora se tenha passado comigo, acredito nela piamente.

Faz sete anos, poderia fazer sete séculos ou sete minutos: eu deitado, no pré-albor de um domingo igual a tantos, o umbigo voltado para o teto, aquele corpo morto ao lado, o mesmo de sempre. Acordo e vejo-O nitidamente à minha frente, junto à parede, de pé, fitando-me, fitando-me: reconheci-O como se reconhece alguém diante de um espelho, sem um segundo de hesitação: nenhum medo, nenhuma surpresa. Era, e é, todo negro, um verdadeiro príncipe etíope, só os olhos em brasa para identificá-Lo, sem pálpebras, e sem sequer supercílios: e FITANDO-ME, agora com um quase sorriso. Durou talvez um minuto a visão, nem isso: mas ainda hoje me ofusca, me enlouquece, tira-me da minha órbita ou de qualquer órbita, como só Lázaro talvez depois que lhe arrombaram o sepulcro: dia após dia a mesma Noite sempre. (CARVALHO, 1963, p. 07).

Tudo isto não passaria de liberdade poética, não fosse a insistência de Campos de Carvalho em afirmar que realmente encontrou o Príncipe das Trevas, cada vez esforçando-se por demonstrar que não se tratava, de sua parte, de um truque, encenação ou de uma pilhéria:

— Já vi o diabo uma vez, há coisa de nove anos, aqui no Rio mesmo, dentro do meu quarto, às quatro horas da manhã. Não foi sonho nem alucinação, foi visão mesmo, como vejo você ou qualquer outra pessoa às cinco horas da tarde, num canto da Livraria S. José. Ele se limitou a fitar-me por alguns instantes, todo de preto, os olhos que eram uma maravilha: encostado à parede, perfeitamente visível na escuridão. Meu coração bateu um pouco mais forte e foi só.¹⁶

Tal estranheza de Campos, ateu, anarquista e satanista, inspirou o poeta Ricardo Wagner a começar a desenvolver do seu primeiro – *Rumores da Existência* (2001) – ao seu quarto livro – *Com Fissoes de um protusuário de boteco* (2004) – sua doutrina definitiva: o anarcossatanismo, cuja máxima é “As moscas são os anjos de Belzebu!”.

Na mesma vertente, a poeta, escritora e jornalista araxaense radicada em Brasília, Lisa Alves, em convite para o evento *Sarau de poesia Eloisa Cartonera* na Embaixada Argentina, enfatizou os aspectos demoníacos e pluralistas de Campos de Carvalho com a declaração:

¹⁶ Jornal de Letras, nº 121, setembro de 1959.

Sou nada e pouca coisa, que no final das contas, não é nada disso nem isso tudo. Sou clara e escura, minhas veias estão à mostra, mas meu sangue é transparente. Sou muitas e ninguém, sou legião como Campos de Carvalho, a quem dedico essa poesia.¹⁷



IMAGEM 03: Cartazes de divulgação do evento *Sarau de poesia Eloisa Cartonera*.

¹⁷ Pode parecer uma imensa coincidência que Araxá abrigue tantos escritores e admiradores da obra de Campos de Carvalho. Mas tal peculiaridade pode ser razoavelmente explicada: Heleno Álvares realiza há décadas um trabalho ostensivo de divulgação da obra de Campos em todos os meios possíveis. E por Heleno se tratar de uma personalidade bastante conhecida e respeitada em Araxá, muitos daqueles que se interessam por literatura na cidade acabam fatalmente seguindo alguns de seus passos.



IMAGEM 04: Na fotografia, a escritora Lisa Alves, à direita, ao lado do também araxaense Francisco Alvim, poeta e diplomata internacionalmente reconhecido, e outros participantes do evento *Sarau de poesia Eloisa Cartonera*.

Curiosamente diversas “modernidades” brotam no flerte com o oculto: Dante com sua *Divina Comédia* (1321), dando início à Renascença europeia, Milton com seu épico *O Paraíso Perdido* (1667), questionando o puritanismo de seu tempo ao exaltar o anjo caído Lúcifer e vislumbrando a queda e a sucessão de poderes na Europa, Goethe recolocando o homem no centro da Criação, capaz de desafiar a Deus e ao Diabo e ao mesmo tempo anular esse maniqueísmo no megalomaniaco *Fausto* (1832), enfim Baudelaire com seu gosto especialíssimo pelas “artes perdidas” e até mesmo a metáfora do Espectro a rondar a Europa, presente nas primeiras linhas do redentor *Manifesto Comunista* (1848) de Marx e Engels.

Em entrevista ¹⁸ com o poeta araxaense Heleno Álvares, um dos poucos amigos que Carvalho cultivou até o fim da vida, Campos, imperturbável, mais uma vez se pronunciou sobre o fato:

¹⁸ Entrevista originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

HELENO ÁLVARES: Mas, em se tratando de conceito, a Lógica é como você diz em *A Lua Vem da Ásia*: “Aos dezesseis anos matei meu professor de Lógica”, insinuando que esta não existe?

CAMPOS DE CARVALHO: Não existe!

HELENO ÁLVARES: Já que falamos de conceito, o que é sexo? CAMPOS DE CARVALHO: Também não existe.

HELENO ÁLVARES: E Deus?

CAMPOS DE CARVALHO: Não significa nada, nada, nada.

HELENO ÁLVARES: Aliás, como foi seu encontro com o Demo, o Diabo? Que Idade você tinha na época?

CAMPOS DE CARVALHO: 40 anos. Eu comecei a escrever aos 40 anos.

E, peremptório, ante a incredulidade do entrevistador, repete com idêntica certeza o vislumbre do inferno:

HELENO ÁLVARES: Esse encontro durou um minuto, um minuto e meio; você teve a visão do Diabo, realmente?

CAMPOS DE CARVALHO: Tive a visão dele.¹⁹

Pereceu em 1998, abril, ironicamente, na Semana Santa. Quase ninguém se deu conta do ocorrido. Quase ninguém sabia quem era o morto. Apenas quatro amigos no velório, a viúva e nenhum órgão de imprensa. Houve dificuldade até para carregar o caixão. Ninguém ressuscitou no terceiro dia.

1.2. Tem, mas acabou!

Por que publicar o que não presta? Porque o que presta também não presta. Além do mais, o que obviamente não presta sempre me interessou muito. Gosto do modo carinhoso do inacabado, daquilo que desajeitadamente tenta um pequeno voo e cai sem graça no chão.

Clarice Lispector

Seria um tanto leviano afirmar que Campos de Carvalho é um completo desconhecido, relegado para a periferia da literatura e perambulando nos confins de além de por órbita onde o sol não brilha. Absolutamente a questão não é posta assim e este trabalho não pretende alardear a descoberta de um novo astro, com características ignotas. Todavia é no mínimo intrigante constatar o número tão reduzido de lunetas que fixaram esta singularidade cósmica.

¹⁹ O tom adotado pela minha descrição desta entrevista, como se eu mesmo houvesse participado dela, advém da intimidade que me permiti por ter entrevistado em várias ocasiões Heleno Álvares e ouvindo suas colocações sobre o encontro marcado.

A fortuna crítica de Campos de Carvalho, embora reduzida, existe, obviamente. E desde o instante de suas primeiras publicações. Ainda assim, se comparada com a de outros autores contemporâneos a Campos ou mesmo posteriores à sua produção, perceberemos uma nítida discrepância. Levando-se, em conta, acima e a respeito de tudo, a importância e a inovação da prosa carvalhiana.

Em sua cidade natal, Uberaba, os acervos do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais da UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro não possuem um único trabalho de conclusão de curso cujo objeto de estudo seja alguma das obras de Campos de Carvalho²⁰. E nos processos seletivos da UFTM, em nenhum ano houve obra de Campos de Carvalho selecionada²¹. O mesmo ocorre na UFU – Universidade Federal de Uberlândia, que fica a apenas cento e cinco quilômetros de Uberaba²². E em Araxá, a cento e dezenove quilômetros de Uberaba, também não consta na biblioteca do UNIARAXÁ – Centro Universitário do Planalto de Araxá, nenhuma monografia do extinto curso de Letras, oferecido entre os anos de 1973 a 2008²³, que aborde o autor uberabense²⁴.

É necessário frisarmos que é em Araxá que atualmente reside o poeta Heleno Álvares, primo do prestigiado e premiado contista araxaense Evandro Affonso Ferreira e amigo íntimo de Campos. A Heleno, inclusive, foram confiados escritos inéditos. E houve, há e pelo visto sempre haverá um esforço sincero deste poeta em fazer conhecer Campos de Carvalho, torná-lo público, seja por meio de dedicatórias, publicações sortidas, entrevistas e vídeo montagens entusiasmadas na *web*. Não é por acaso que a Biblioteca Pública Municipal Viriato Correia²⁵ disponibilize em seu acervo vários volumes do romance *A Lua vem da Ásia*, todos da década de 1960. A Biblioteca Pública Municipal Bernardo Guimarães de Uberaba também oferece em seu acervo desde as primeiras edições de Campos de Carvalho até *Obra Reunida*, o que é bastante razoável.

²⁰ Pesquisa realizada nos arquivos da biblioteca da citada entidade nos dias 20 e 21/03/2012.

²¹ Dados pesquisados no site da instituição citada: <<http://www.uftm.edu.br>>.

²² Pesquisa realizada nos arquivos da biblioteca da citada entidade no dia 10/05/2011.

²³ A instituição Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá, primeira Unidade de Ensino Superior de Araxá, teve sua autorização de funcionamento concedida pelo Decreto Presidencial nº 72.688, de 24/8/1973. Estavam, assim, autorizados os Cursos de Letras, Pedagogia e Estudos Sociais, posteriormente reconhecidos pelos seguintes atos legais: Decreto nº 77.944/76 (Estudos Sociais), Decreto nº 80.025/77 (Pedagogia) e Decreto nº 79.270/77 (Letras).

²⁴ Pesquisa realizada nos arquivos da biblioteca da citada entidade no dia 19/03/2012.

²⁵ Também conhecida como Biblioteca de Araxá ou como Casa do Poeta.

Na região onde nasceu, Campos claramente não foi objeto de estudo acadêmico. O mesmo não pode ser dito de outros rincões do país. Talvez porque Campos de Carvalho residiu a maior parte da vida fora de Uberaba – se é que tal dado serve de desculpa. Num levantamento realizado no Google e no Google Acadêmico, surgiram duas teses de doutoramento e oito dissertações de mestrado cujo objeto de estudo fosse a obra de Campos de Carvalho²⁶.

Dez trabalhos. Literalmente, dá para contar nos dedos. Quer dizer que nem tudo está perdido, pois, além do eixo Sudeste, temos duas dissertações despontando no Sul: *A gargalhada mostra os dentes: o riso como instrumento de crítica em Campos de Carvalho* (Dissertação de Mestrado em Letras: Estudos Literários, apresentada em 2007 por Caroline R. Heck ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.) e *Campos de Carvalho: a subjetividade condicional* (Dissertação de Mestrado em Literatura apresentada por Alfeu SpareMBERGER em 1989 na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.) e possibilidades de ampliação deste cenário? Infelizmente, os fatos, se comparados, não parecem tão animadores assim.

Primeiramente o trabalho acadêmico mais antigo relacionado à obra de Campos de Carvalho, *Campos de Carvalho: a subjetividade condicional* de Alfeu SpareMBERGER data de 1989, embora seu primeiro livro tenha sido publicado em 1941. Um oceano de tempo entre uma coisa e outra, decerto. Depois, todos os outros trabalhos encontrados são da primeira década do século XXI. Neste ponto é possível arriscar que a disseminação da internet no Brasil tenha colaborado para que as páginas de Carvalho deixassem de ser distribuídas em fotocópias entre poucos aficionados e chegassem às mãos de um público maior²⁷. E não chega a causar espécie que o título da maior parte dos dez trabalhos acadêmicos aqui mencionados faça menção à estranheza, à dificuldade de classificação e à obscuridade que ronda os escritos de Campos de Carvalho: *Campos de Carvalho: Literatura e deslugar na ficção brasileira do século XX* (Tese de doutorado em Teoria e História Literária, apresentada em 2010 por Geraldo Noel Arantes ao Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas), *Quem tem medo de Campos*

²⁶Adequadamente citadas na bibliografia.

²⁷Embora eu tenha lido *A Lua vem da Ásia* ainda em minha adolescência, apenas em 2002 tive acesso à obra *O Púcaro Búlgaro*, que, fora de catálogo, acabou disponibilizada por algum humanista na rede mundial de informações.

de Carvalho? (Dissertação de Mestrado apresentada em 2001 por Juva Batella ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.),

Campos de Carvalho: inédito, disperso e renegado (Dissertação de Mestrado em Teoria e História da Literatura, apresentada em 2004 por Geraldo Noel Arantes ao Instituto da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas) e *Um resgate da obra de Campos de Carvalho: o surrealismo e a produção do cômico* (Dissertação de Mestrado em Letras: Estudos Literários apresentada por João Felipe Gonzaga em 2007 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte).

Outra dissertação de mestrado, apresentada em 2009 ao programa de Teoria Literária da Universidade Federal de Pernambuco por Bruno Eduardo da Rocha Brito, intitulada *Roberto Piva, panfletário do caos*, questiona muito acertadamente a pobre fortuna crítica de Walter Campos de Carvalho:

A quantidade de estudos, ainda que breves, sobre a obra de Campos de Carvalho, é ridícula ao extremo: é muito provável que existam mais estudos sobre seu sobrinho mais famoso, Mário Prata – não é interesse aqui, diga-se de passagem, questionar a qualidade da obra de Prata, muito provavelmente considerada nula pela academia mal-humorada e que tem pruridos ao ouvir a palavra “comercial”, mas é inegável que está muito aquém da qualidade narrativa e imaginativa de seu tio. (BRITO, 2009, p. 75).

Campos de Carvalho tem, mas acabou. Inclusive suas novas edições, publicadas em formato individual e em tiragens pequenas, encontram-se esgotadas. Não há uma livraria sequer de Uberlândia com obras de Campos de Carvalho disponíveis e o mesmo se dá em sua cidade natal, Uberaba.

A intenção deste trabalho, obviamente, não é exclamar cheio de entusiasmo:

Cheguei primeiro à lua! Eu descobri a Ásia! Ou a Bulgária me pertence!. Pelo contrário, a inquietação é sobre tão poucos que quiseram tomar esta via rasgada por loucos, curiosos e bravos. E se os poucos que o fizeram se inquietaram com o geral de Campos, também não é diferente com a pesquisa aqui lançada.

1.3. Um passeio pelos campos de carvalho

Este espantoso documento já estava para ser entregue a seu afortunado editor quando uma comissão de búlgaros, berberes, aramaicos e outros levantinos (...), procurou certa noite o autor e ofereceu-lhe dez milhões de dracmas para que não o publicasse – pelo menos até o começo do século XXI, quando certamente o mundo já não terá mais sentido.

Campos de Carvalho – O Púcaro Búlgaro

Não faz muito sentido falar de vanguarda no mundo pós-moderno. Certamente, o mundo pós-moderno é qualquer coisa, menos imóvel - tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente e, antes de tudo, uma direção cumulativa). É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza avançada ou retrógada, uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetidamente a ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. Não sabemos, com toda certeza (e não sabemos como estar certos de o saber), onde é para frente e onde para trás, e desse modo não podemos dizer com absoluta convicção que movimento é progressivo e qual é regressivo.

Zygmunt Bauman – O Mal-Estar da Pós-Modernidade

Permitir uma análise biográfica na tentativa de se alcançar a essência de uma obra literária e sua compreensão, por assim dizer, ideal, tornou-se por muito tempo um recurso evitado, sobretudo quando a imanência textual se sobrepôs às outras formas de investigação, buscando com isso estabelecer um campo de estudo mais ordenado e coeso para a formulação da Teoria da Literatura enquanto ciência.

É de se concordar que um ser humano é por demais vário e sofisticado para ser reduzido àquilo que compôs como se sua literatura fossem os borrões do teste Rorschach, passível de uma interpretação a partir da qual se tornaria possível um mergulho na alma do escritor que ultrapassasse o simples eu-lírico. Outrossim, o tempo de vida e as experiências acumuladas por qualquer mortal são por demais amplos, caóticos e desconexos para enquadrarem-se tão comodamente nas ferramentas cartesianas do discurso científico.

No entanto, com prudência, é possível investigar alguns aspectos da vida do autor e as relações do autor com seu momento histórico em questão e, finalmente, imaginar qual é o material depreendido dessas pressões, desde que não coloquemos o assunto encerrado por aí. E hoje, superado os excessos do século XIX, na opção pelo biografismo, e do estruturalismo do século XX, com sua espécie de “linguística literária”, podemos nos aproximar sem reservas de outras

abordagens, sejam as sociológicas, as filosóficas, as históricas e outras tantas que vem se unir ao campo naturalmente transdisciplinar da Teoria Literária, e ampliá-lo.

Embora, como já mencionado, Campos de Carvalho seja pouco conhecido pelo público em geral e até mesmo pela academia, suas realizações literárias são das mais originais e prodigiosas produzidas pela literatura brasileira na segunda metade do século passado. Em 1969, o jornalista Edney Célio Silvestre expressou seus sentimentos a respeito da obra de Carvalho e da repercussão de suas páginas com as seguintes palavras, ainda hoje atualíssimas:

(...) Este homem é um maldito. Há quem o considere o fenômeno mais importante das artes no Brasil. A cultura oficial, entretanto, ignora-o completamente. Os críticos temem escrever a seu respeito e se calam. Os leitores o consideram louco, mas seus livros estão esgotados. O que vem a ser um marginal dentro da cultura brasileira? (SILVESTRE, 1969, pp. 42-44).

O assombro e o silêncio que cercam a obra de Campos de Carvalho, de certo modo, ainda hoje se mantêm. Sobretudo se consideramos que seus trabalhos permaneceram na obscuridade por exatos trinta e um anos depois do lançamento de seu último livro (!) e só foram republicados em 1995, pela heroica editora José Olympio, em *Obra Reunida*, mesmo assim numa tiragem bastante modesta. Contudo, infelizmente, por razões inexplicáveis como tantas outras que cercam os escritos deste autor, ainda na quarta edição de 2006, a coletânea em questão insistia em erros ortográficos, de formatação, entre outros, senão tolos, de todo inexplicáveis ²⁸. Tendo em vista que as primeiras versões de seus romances, realizadas entre os anos 50 e 60 pela mesma editora, não traziam tais erros, a permanência dos citados desvios denuncia um descuido inaceitável por parte de uma editora tão vanguardista e experiente.

Só para ficar em um exemplo para cada livro, é o caso presente em *A Lua vem da Ásia*, no qual o narrador-personagem inicia o Capítulo Negro revelando seu medo acentuadamente exagerado de baratas e somos obrigados a encarar tal estultice pelo menos até a última edição de *Obras Reunidas*:

Só não amo, na Noite, as baratas e os escorpiões, estes felizmente mais raros de encontrar do que os fantasmas ou os assassinos embuçados nas esquinas sem luz, a desoras. As batatas (SIC.), temo-as como aos seres fantásticos criados pela imaginação de Jerônimo Bosch, e preferiria ter que

²⁸ Eu mesmo enviei alguns emails à Editora, advertindo sobre os erros, no entanto não fui respondido.

entrar na jaula dos leões a ter por um instante na mão um desses habitantes dos esgotos e das sarjetas, de antenas vibráteis e patas de caranguejo. Vou mesmo ao extremo de preferir uma sopa de escorpiões vivos ao simples contato de uma batata (SIC.) morta e já em parte devorada pelas formigas, de patas para o ar como uma prostituta. (CARVALHO, 2002b, p. 89, grifos meus).

E em *O Púcaro Búlgaro*, um dos personagens é alternadamente chamado ora de Pernacchio ora de Penacchio; o nome empregado do início ao fim da primeira edição de *O Púcaro Búlgaro* é Penacchio.

Nem nas novas edições das obras em formato individual publicadas pelos idos de 2008 tais pendências foram resolvidas.

Campos de Carvalho, embora tenha produzido uma obra extraordinária, infelizmente escreveu pouco, poderíamos mesmo dizer, de um fôlego só e depois desapareceu completamente da cena literária; fechando-se para o mundo e até mesmo para seus amigos mais próximos – a metáfora “sair do campo enquanto ainda está vencendo”²⁹ não faz o menor sentido nesse caso, por ser constatada a mesma desenvoltura, idêntica pujança e originalidade do trabalho inicial ao derradeiro.

Sua primeira publicação, uma coletânea de ensaios humorísticos, *Banda Forra*, se deu em 1941 e em 1954 lançou o romance intitulado *Tribo*. Após um intervalo de quatorze anos desde seu trabalho inicial, em 1956 surge *A Lua vem da Ásia*, momento em que a estética do autor se consolida nesse trabalho que disputa com *O Púcaro Búlgaro* entre o público e a crítica o título de obra máxima de Campos – Jorge Amado, admiradíssimo, adquiriu dezenas de exemplares do romance para distribuir entre os seus³⁰ e não conseguia entender, afinal de contas, o que era aquilo que tinha em mãos.

A engenhosidade de *A Lua vem da Ásia* é seguida por *Vaca de Nariz Sutil* em 1961, *Chuva Imóvel* em 1963 e finalmente o romance *O Púcaro Búlgaro* de 1964. Posteriormente, Carvalho rejeitou o livro *Banda Forra* e a novela *Tribo*, por julgarem-nos totalmente deslocados de sua produção: filhos legítimos dentro de sua produção orgulhosamente bastarda. A Editora José Olympio, cujo proprietário nutria grande amizade e admiração por Carvalho, respeitou a opinião do autor e até hoje segue

²⁹ Lembro-me nesta passagem de uma afirmação de Emil Cioran presente no documentário *O Apocalipse segundo Cioran* (1995), de que, em sua maioria, os autores escreveram demais e melhor seria se tivessem parado antes.

³⁰ Fato mencionado na matéria *Quem foi Campos de Carvalho?*, escrita pelo jornalista Ciro Pessoa e publicada na revista *Superinteressante* em agosto de 2001, pág. 18.

essa diretriz. Portanto as duas obras desapareceram na noite dos tempos, impossíveis de serem encontradas mesmo em sebos especializados ou no gigantesco acervo integrado do site *Estante Virtual*. E por Campos ser popular apenas em nichos literários, mesmo os poderes virais da internet e do condívduo não foram capazes de digitalizar tais segredos.

Carvalho chegou a divulgar, em fins dos anos 60, estar trabalhando num livro intitulado *Maquinação da Máquina, Especulação de Espelho*, que, entrementes, nem em fragmentos veio a se tornar público, também por motivos totalmente desconhecidos.

Como em outros tantos fenômenos culturais do último século, Campos de Carvalho se viu vítima do embate ideológico gerado pela Guerra Fria, conseguindo a proeza de desagradar as duas partes da liça. Por exemplo, Luiz Costa Lima escreve sobre o clima de incompreensão que envolveu a chegada do estruturalismo no Brasil na segunda metade do século XX, em que houve resistência tanto da direita quanto da esquerda:

A esquerda porque a crítica estruturalista, centrada na obra, minimizava o papel social e rara vez alcançava a articulação da base social com a produção textual, a exemplo do que Lévi-Strauss conseguira em *La Geste d'Asdiwal* (1958) (hoje in *Anthropologie Struturale Deux*). Os conservadores, de sua parte, acusavam os praticantes do estruturalismo de esmagar o prazer da leitura por demonstrações complicadas e por substituir a intuição pessoalizada por um jargão para iniciados. (LIMA, 1983, p. 224).

Com a obra de Campos de Carvalho ocorreu um fenômeno análogo: a direita não gostava do seu tom anárquico, julgando-o um agitador inconsequente, suspeito de atentar contra os valores mais estimados da tradição, da família e da propriedade. Enquanto a esquerda taxava como mero escapismo seu “surrealismo”, dizendo que Campos de Carvalho não era engajado, e, se crítica havia em sua obra, como apontavam alguns de seus defensores, ela não se limitava aos conservadores, alvejando também o sagrado credo progressista e seu autodeclarado monopólio da virtude e debochando alegremente de seus valores mais caros:

(...) Quando acordo, estamos em plena revolução comunista, com barricadas por todos os cantos e um ruído de metralha cortando o espaço em todas as direções. Lavo o rosto na poça d'água onde ainda dormia o meu irmão, e saio correndo em direção à esquina mais próxima, onde dois cachorros, indiferentes à calamidade, se entregam à doce tarefa de perpetuar a espécie, junto a um busto de Bolívar. (CARVALHO, 2002b, p. 106).

O poder ofensivo de tal passagem para o imaginário ideológico das esquerdas latino-americanas erigido no decorrer do século XX ainda hoje se faz presente e pode ser atualizado se tivermos um breve vislumbre do que pensaria o bolivariano Hugo Chávez ao lê-la e os simpatizantes de sua alternativa Socialista para o Século XXI.

E ainda:

Aos gritos de *Viva a Revolução!* e *Morra a Oligarquia!* embarco num caminhão repleto de cidadãos de má catadura e armados até os dentes, que cantam a *Marselhesa* ou coisa parecida e vociferam em todas as línguas vivas do universo, num fedor coletivo que o sol cáustico da manhã só faz aumentar à medida que alcançamos o centro da cidade. (CARVALHO, 2002b, p. 106).

É impossível não recordar a mitologia socialista da terra sem amos e do sol que nunca se poria, e de uma charge deliciosa da revista *Der spiegel*, irmã gêmea do humor seco, reto e isento a moral de Carvalho, aqui descrita:

Na "Internacional", o hino do marxismo, fala-se do maravilhoso futuro socialista: "Então brilha o sol sem cessar". Um caricaturista alemão tomou essa frase ao pé da letra e mostra, no "reino da liberdade", uns homens suarentos que erguem a vista ao sol escaldante e suspiram: "Já faz três anos que ele brilha e deixou de se pôr". (KURZ, 1992, p. 78).

O tom satírico do levante popular pastelão e do exército brancaleone descrito por Campos é bastante diferenciado daquelas trinta e três revoluções promovidas pelo Coronel Aureliano Buendía em *Cem Anos de Solidão*, obra máxima do realismo-fantástico, cuja narrativa induz a uma memória residual, não muito precisa nem definida, de uma luta severa entre conservadores e liberais nos rincões da Colômbia.

Meio zozno e com uma dor de cabeça como nunca tive igual em minha vida, trato de pôr-me a salvo na primeira porta aberta que encontro pela frente e que me leva, em dois lances de escada, a um corredor escuro e sem saída, onde me sento por um instante para tomar fôlego e considerar minha nova posição dentro do mundo. (...) Ali fico sabendo que a revolução, apesar de comunista, fracassou rotundamente – e que o número de mortos se eleva a mais de cinco mil. (...) Aos gritos de *Morra a Liberdade!* e *Viva a Oligarquia!* embarco num caminhão superlotado que desta vez me leva realmente até o ponto mais central da cidade, onde os mortos ainda jazem no meio das ruas e os moribundos balbuciam palavras incompreensíveis que tanto parecem latim como português, iídiche, russo, sueco ou outra qualquer língua desconhecida. (CARVALHO, 2002b, p. 108).

E apesar de debochar das revoluções populares, a vanguarda do progresso proletariado, e de colocar o protagonista de *A Lua vem da Ásia*, um oportunista no sentido mais profundo do termo, nos dois polos de um combate multitudinário, é impossível esquecer passagens memoráveis de seus romances, que, críticas às elites, estão entre aquilo de mais ácido, despudorado e ao mesmo tempo saboroso produzido pela literatura nacional em todos os tempos. Em um sarau realizado num palácio italiano, em pleno Salão de Madame Martínez y Viola, descendente direta da papisa Joana, atropelando a declamação do laureado Silvano dal Monte, questionou nosso protagonista, após exagerar em suas doses diárias de uísque e champanhe, aos presentes, cada um a ostentar honoráveis títulos, se eles não teriam um cu como seus servos, cavalos e cães de raça. (CARVALHO, 2002b, p. 133).

Ou mesmo o seguinte trecho, em que a completa falta de escrúpulos do personagem principal de *A Lua vem da Ásia* – um homem de muitos nomes, trocando-os e substituindo-os ao sabor das conveniências – salta aos olhos do leitor:

Reduzido à miséria, deflorei a filha de um capitalista que era dono de uma mina de estanho, e com o dinheiro da chantagem que lhe impus montei uma fábrica de relíquias e outros objetos de culto religioso, que prosperou durante algum tempo mas acabou indo à falência devido à perseguição do clero local. Como o capitalista ainda dispusesse de uma outra filha virgem, dei-lhe o mesmo destino da irmã e impus dessa vez um preço mais alto do que da primeira, o que me permitiu financiar com êxito a minha candidatura às próximas eleições locais e ser eleito deputado por expressiva margem de votos. Como não conseguisse provar minha nacionalidade belga, cassaram-me o mandato arbitrariamente e ainda me moveram um processo pelos dois defloramentos (que então já eram três) executados nas barbas do tal capitalista do estanho, do que me resultou ser condenado à prisão perpétua e a trabalhos forçados numa mina de diamantes explorada pelo Estado. (CARVALHO, 2002b, p. 64).

Há também em todo o livro uma acentuada crítica ao clero e ao misticismo, como atesta a passagem abaixo, uma das cenas mais deliciosas e também controversas já engendradas por Carvalho:

Como o calor está muito forte, entro numa igreja e me ponho a rezar. Com um picolé na mão esquerda, ensaio com a direita um sinal-da-cruz de pura gentileza e logo caio em êxtase diante do silêncio do templo, como sempre me ocorre em circunstâncias semelhantes.

Nenhum padre à vista, graças a Deus, e apenas uma velha discreta num dos bancos da frente, com o seu rosário entre as mãos. Dá-me vontade de pedir-lhe o rosário emprestado apenas por uma hora, mas o picolé na mão

esquerda me lembra que eu não poderia manejá-lo à vontade, e desisto do intento. De resto, o verdadeiro misticismo não depende de pequeninas bolas de osso enfiadas num pedaço de barbante - e eu felizmente sou um místico verdadeiro, embora sem Deus. Portanto, *Ave Maria, cheia de graça...*

(...) O certo mesmo seria eu me despir até da roupa do corpo, cueca inclusive, e colocar-me nu como nasci diante do Supremo Artífice do Universo, ou que outro nome tenha, para receber-lhe as graças em sua plenitude, sem interferência de qualquer corpo estranho. E para começar jogo longe, embora a contragosto, o picolé de abacaxi que estava uma delícia, e arranco fora o paletó e a gravata, e me ponho a tirar a camisa e os sapatos, segundo a expressa recomendação do Cristo aos que quisessem segui-lo até a morte. Em pouco tempo estou mais nu do que são Sebastião no altar da direita, e me prostro cheio de arrepios sobre a laje fria, o coração pulsando-me forte como um motor de explosão. (CARVALHO, 2002b, p. 113).

Então:

(...) se essa morte é, cada dia mais, de minuto a minuto, a grande verdade contra a qual não prevalece nenhuma filosofia do homem nem tampouco seu incomensurável orgulho, dissei-me como e sobretudo por que devo eu ignorá-la com um sorriso nos lábios, como se este mundo fora o paraíso terrestre e não a *terra deserta e sem caminho* de que fala a Bíblia, livro que em tudo mais não merece grande crédito. (CARVALHO, 2002b, p. 141).

Em “Os Prolegômenos” de *O Púcaro Búlgaro*, persistindo em sua desenfreada crítica radical aos fundamentos da cristandade, o autor declara que:

Nada tem igualmente contra os púcaros em sua simples condição de púcaros, uma vez que não se metam a búlgaros e saiam para a praça pública a gritar – SOU UM PÚCARO BÚLGARO, SOU UM PÚCARO BÚLGARO – sem que se possa examiná-los de perto e mesmo tocá-los com os dedos, como acontece nos museus. Nos dicionários eles lá estão, um e outro, com seus verbetes – mas isso é fácil, Deus também lá está. (CARVALHO, 2002c, p. 313, grifo meu).

Sua clara e indiscutível ascendência bastarda nietzschiana deixou as citadas impressões em sua narrativa. Sobre influências, apesar de ser por vezes comparado a Kafka, que dizia detestar e ter lido muito pouco³¹, o próprio autor veio a declarar:

Meus irmãos são Nietzsche, Stendhal, Lautréamont, Cesar Borgia e Gilles de Rais. (O Marquês de Sade era meu tio por afinidade, mas minha nobreza não provém dele nem de qualquer nobreza externa). (...) Sou muito mais nobre do que o rei da Inglaterra ou do que o Xá da Pérsia. A nobreza deles é tão ridícula quanto a divindade do imperador do Japão, filho do Sol e

³¹ Em entrevista originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

possivelmente pai da Lua. (...) A nobreza do sangue não existe, caso contrário não existiria a sífilis e a sangria seria crime de lesa-majestade.³²

Na mesma obra, *O Púcaro Búlgaro*, todo um capítulo é dedicado à seguinte sentença: “SÓ HÁ UMA VERDADE ABSOLUTA: TODO RACISTA É UM FILHO DA PUTA!” (CARVALHO, 2002c, p. 340), maiúsculas do autor. Em seguida, o líder da expedição ao “imaginário” reino da Bulgária, personagem principal do romance, pretende utilizar tal frase como estandarte de sua nau. Bem como se valer dos seguintes itens como lastro:

2.000 quilos de lastro (Livros de Academia, Dicionários, Gramáticas e Gramáticos, Artigos de Fundo, Fundistas, Tijolos, Paralelepípedos, Anais do Legislativo, Coletâneas de Leis e Decretos, A Suma Teológica de Sto. Tomás de Aquino, Livros de Crônicas, Discursos Políticos.). (CARVALHO, 2002b, p. 371-373, grifo meu).

Deixando de lado a oposição à genealogia judaico-cristã, sobre o suposto surrealismo de Campos de Carvalho muito pode ser dito e questionado. Primeiramente, o autor nunca se sentiu completamente à vontade com o título, o que, por si só, não é aval para a não classificação. Artistas como Amadeo Modigliani e Monteiro Lobato, por exemplo, rejeitavam as vanguardas modernas sem perceber que eles próprios bebiam na fonte do modernismo. Não obstante, é bastante precoce adscrever Campos de Carvalho no movimento fundado por Breton e Dalí. Como quer, por exemplo, a dissertação de mestrado de João Felipe Gonzaga *Um Resgate da Obra de Campos de Carvalho: o Surrealismo e a Produção do Cômico*, em que há uma defesa de um processo de automatismo na produção de Campos. Devemos nos arvorar em análises menos canônicas ao avaliar um autor com tão pouca afinidade às diretrizes e normas.

O que ocorre, contudo, é que Carvalho, por não se adequar a nada do que estava ocorrendo na literatura brasileira de então, pois não era um regionalista universal, nem um intimista epifânico, tampouco ousou resgatar tradições simbolistas, enfim, sua particularidade num campo que, reconhecidamente era diverso, porém mais fácil de ser compreendido em outros autores – a convencionalmente chamada Terceira Fase do Modernismo –, fez com que fosse, um tanto às pressas, enquadrado no campo surrealista. Haja vista que o autor colaborou bastante para merecer o título. Não obstante os surrealistas queriam, por

³² <<http://www.revista.agulha.nom.br/ag9carvalho.htm>>.

muitas vezes, viver como loucos. Não demonstrar que a vida, por si só, é uma loucura.

Portanto, se bem observado, o que Carvalho busca não é um mergulho no material simbólico do inconsciente freudiano, nem o automatismo próprio de Breton e seus pares, porém o questionamento, melhor, a constatação de que a dissolução de princípios modernos, em muito acelerada pelos eventos do século XX, conduziu a sociedade humana não só à barbárie, mas à falta de lógica generalizada. Ou ainda, pode-se dizer, ao desmascaramento de uma lógica totalitária e totalizadora, que sonhou ter domado o caos do universo e só nos revelou a nós próprios não como protagonistas, apenas marionetes do acaso, que faz da vida do homem um brinquedo. Esta incerteza abriu caminho a um cinismo e a um oportunismo sem iguais na trajetória humana. Cinismo este a compor a matéria-prima das personalidades literárias de Campos. Em uma de suas frases soltas, Nelson Rodrigues profetizou:

Daqui a duzentos anos, os historiadores vão chamar este final de século de "a mais cínica das épocas". O cinismo escorre por toda parte, como a água das paredes infiltradas.³³

O fim do entusiasmo em relação ao mito do progresso e o próprio questionamento da construção social moderna, que se pretendeu redentora do gênero humano desde o princípio, são em essência o que é exposto no trabalho de Campos de Carvalho. Bauman, ao observar o caráter dissoluto que a dinâmica histórica assumiu nos últimos tempos, aplicou em suas pesquisas sociais, com muita propriedade, diga-se de passagem, elementos originalmente reservados à dinâmica dos fluídos:

Os fluidos se movem facilmente. Eles "fluem", "escorrem", "esvaem-se", "respingam", "transbordam", "vazam", "inundam", "borrifam", "pingam"; são "filtrados", "destilados"; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos - contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados - ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de "leveza". Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos "pesados" que qualquer sólido. Associamos "leveza" ou "ausência de peso" à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos.

³³ <<http://revistaalfa.abril.com.br/blogs/o-homem-que-falava-demais/2012/08/21/o-bom-pervetido/>>.

Essas são razões para considerar "fluidez" ou "liquidez" como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, 2000a, p. 9).

Corroborando este pensamento, na Teoria Literária Linda Hutcheon assim postulou:

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como, por exemplo, as de gênero – começam a ficar visíveis e as fronteiras entre os gêneros literários tornam-se fluidas. (HUTCHEON, 1988, p. 86).

Em resumo, os pilares que sustentaram por tanto tempo o edifício moderno acima do turbilhão do caos e da folia vieram abaixo, promovendo uma longa e efetiva dissolução dos princípios que norteavam a civilização. A passagem da modernidade sólida, com seu caráter rígido, bem ordenado, de valores tidos absolutos, onde cada coisa ocupava seu lugar, abriu espaço gradualmente à modernidade fluída, em que as estruturas são vítimas das situações, sofrendo os efeitos das pressões e vergando-se à conveniência das mesmas.

À maneira de Foucault, Carvalho rejeita as formas clássicas de alienação como a loucura pura e simples, tecendo uma argumentação bem mais sofisticada; por incrível que pareça, mais lúcida que muitas composições realistas. Sua percepção da catástrofe eminente que ronda a civilização é reconhecida com mais clareza no seguinte excerto, extraído de um capítulo anômalo de *O Púcaro Búlgaro* intitulado “Explicação Desnecessária”; que nos faz lembrar à força o célebre capítulo inútil de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Se a Bulgária existe, então a cidade de Sófia terá que fatalmente existir. Este o único ponto no qual parecem assentir os que negam e os que defendem intransigentemente a existência daquele país, desde os tempos antediluvianos até os dias pré-diluvianos de hoje. (CARVALHO, 2002c, p. 309, grifo meu).

A dificuldade de classificar Carvalho dentro de uma estética hermética e “bem comportada”, ainda que fosse o surrealismo, ocorre em decorrência do caráter *líquido* de seus trabalhos. Seu pessimismo e niilismo também são bastante particulares, pois se valem do humor, da *insolência educada* na acepção aristotélica e não se curvam à tentação do pessimismo melancólico ou da denúncia desesperada. Carvalho prefere surfar no tsunami que rapidamente desloca, dissolve,

recompõe, descaracteriza e descentraliza a sociedade humana e, embora preveja as consequências da acelerada mudança, em larga escala catastróficas, permite-se gargalhar na iminência do fim, com um sorriso travesso no canto da boca, como a declarar: “Eu não disse?”.

É uma enorme coincidência Campos de Carvalho ter nascido em 1916, no mesmo ano e estado em que Murilo Rubião veio ao mundo. Embora a comparação entre os dois escritores não raro seja realizada, é bom notar que Carvalho não constrói realidades dentro da realidade, mas desnuda situações dentro da situação, retirando delas o véu do impoluto e da sacralidade. Carvalho opera no sarcasmo e na compreensão de que as certezas e os valores há muito se tornaram sombra e espuma num movimento sem dúvidas a ver com a dialética, ainda que uma espécie de dialética negativa ou antidialética:

Nos debates estéticos mais recentes, as pessoas falam de antidrama e de anti-herói; analogamente, a dialética negativa, que se mantém distante de todos os temas estéticos, poderia ser chamada de antissistema. Com meios logicamente consistentes, ela se esforça por colocar no lugar do princípio de unidade e do domínio totalitário do conceito supraordenado a ideia daquilo que estaria fora do encanto de tal unidade. (ADORNO, 2009, p. 67.).

Rubião, por sua vez, se vale da magia e da pirotecnia, sendo classificado pelos manuais geralmente como um pouco surrealista e um tanto realista-fantástico, dando vida aos sonhos e aos delírios de prédios erguidos à moda de Babel, de filas intermináveis para propósitos não muito estabelecidos, de coelhos metamorfos e de dragões negligenciados pelo atraso dos costumes de vilarejos perdidos no tempo e no espaço, as narrativas a nos aprisionar numa ciclicidade kafkaesca. Juva Batella em *Quem tem medo de Campos de Carvalho* apregoa:

Campos de Carvalho não participa de nenhuma “História da Literatura Brasileira”, senão marginalmente, fazendo parte do grupo dos que não fizeram parte de nossa literatura. Histórias únicas de literatura – as que tendem ou ao menos aspiram à totalidade depois de excluídos aqueles personagens e enredos que não correspondem aos critérios historiográficos em jogo – já hoje deveriam conviver com alternativas que se mostram, ou deveriam mostrar-se, tão variadas quanto variados são os escritores e os temas que merecem que sejam contadas suas histórias (...) a enumeração prosseguiria, ora abrangente, com algumas categorias a envolver as outras, ora específica ou hiperespecífica, como pode ser o caso de toda a literatura produzida entre as paredes do Hospício Nacional, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro: história cujo melhor exemplar, senão o único, acabaria sendo o estranho e inacabado *Cemitério dos Vivos* de Lima Barreto. Em todo caso, “a história da literatura é feita”, como diz Wilson Martins, “de

exclusões e se define tanto pelo que recusa e ignora pelo que aceita e consagra.” (BATELLA, 2004, p. 46, grifo do autor).

A escrita de Carvalho é econômica e lúcida, apesar de as situações narradas por ele se desmoronarem a cada momento, dando vez a novas perspectivas e a novas formas de se adaptar às mesmas. Seus personagens se por um momento parecem perplexos diante da dinâmica confusa e aleatória em que se encontram mergulhados, noutro momento estão plenamente adaptados e para tanto precisam ser amorais, tão determinados quanto os animais na luta pela sobrevivência. Como pode se ver neste exemplo:

Como em apartamento defunto não tem vez, a não ser em fotografia ou como fantasma, já levaram o corpo para a capela do cemitério mais próximo – com medo certamente de que o velho resolva voltar atrás e dê o dito por não dito. Nunca se sabe até onde chega a resistência de certos micróbios ou macróbios, apesar dos esforços da medicina e de todos os parentes, e sei mesmo o caso de um que só morreu no terrível desastre aéreo de junho de 1954, e assim mesmo de susto. (CARVALHO, 2002c, p. 339).

Em Carvalho a vida se resume à morte e o amor ao sexo, não há espaço para a moral, para a ética e para a fraternidade. Impõe-se um individualismo obscuro, fruto de uma sociedade que não mais respeita laços duradouros, impondo como única regra o oportunismo e o cada um por si. Nessa vertente vem esclarecer Bauman em *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*:

Amar ao próximo como a si mesmo” coloca o amor-próprio como um dado indiscutível, como algo que sempre esteve ali. O amor-próprio é uma questão de sobrevivência, e a sobrevivência não precisa de mandamentos, já que outras criaturas (não humanas) passam muito bem sem eles, obrigado. Amar o próximo como a si mesmo torna a sobrevivência “humana” diferente daquela de qualquer outra criatura. Sem a extensão/transcendência do amor-próprio, o prolongamento da vida física, corpórea, ainda não é, por si mesmo, uma sobrevivência “humana” – não é o tipo de sobrevivência que separa os seres humanos das feras (e, não se esqueçam, dos anjos). O preceito do amor ao próximo desafia e interpela os instintos estabelecidos pela natureza, mas também o significado da sobrevivência por ela instituído, assim como o do amor-próprio que o protege. (ZYGMENT, 2003, p. 99).

A dilapidação dos princípios modernos e o desmoronamento da prática humanista impuseram o amor-próprio como necessidade para a sobrevivência no mundo, retirando os traços de nobreza com os quais um dia sonhamos sermos naturalmente dotados e nos recolocando no mesmo *status* dos animais – num darwinismo social significativamente mais eficiente e talvez até mais aterrador, por

não ser reconhecido à primeira vista, do que o proposto pela prática nazista. Campos de Carvalho aponta em sua obra que essa sempre foi a tendência natural do homem e se não há melancolia em sua constatação do fim das práticas civilizatórias, é porque, para ele, todo o anterior, o amor ao próximo religioso, iluminista, socialista, nunca passaram de lero-lero, como constata a história com as fogueiras do Santo Ofício, com as vítimas de *La Terreur* ou mesmo com os expurgos de Stálin e o antissemitismo do Pai dos Pobres e Mãe dos Ricos Getúlio Vargas³⁴.

Enfim, estavam todos fingindo até agora e o agora não permite mais o fingimento, daí o egoísmo se converter em símbolo de prosperidade e de liberdade individual, sendo legitimado por todos os canais ideológicos da sociedade se-é-que humana.

Em 1997³⁵, um ano antes de sua morte, Campos de Carvalho, que passou a maior parte da vida recluso, apesar dos seus textos singulares, ignorado pelos acadêmicos, esquecido pela crítica, sequer mencionado nos manuais e desconhecido pelos leitores, concedeu sua única entrevista que se tem notícia para uma emissora de TV. Constrangeu imensamente seu entrevistador durante quase uma hora com respostas rápidas, quando não, monossilábicas. Questionado se era feliz, Carvalho, após refletir por dois minutos, respondeu simplesmente: “Não.”.

Perguntado em seguida sobre o que mudaria no mundo, se tal poder tivesse, ele, após outra pausa angustiante, respondeu peremptório: “Nada.”

Embora completamente avesso à publicidade, Campos de Carvalho escreveu com seu deboche ímpar:

(...) Quanto a mim, apetecer-me-ia ser chamado de santo, ou, melhor ainda, de fantasma, para ser obrigado a agir como tal, com esta força de convicção que emprego em tudo quanto faço, quando faço. Santo ainda seria um pouco difícil, mas como fantasma eu me sentiria inteiramente à vontade, tanto me sinto fantasma em meus momentos de devaneio e me sinto deslocado em meio aos homens movidos a intestinos e testículos. (CARVALHO, 2002b, p. 137).

Impossível neste momento não recordar da declaração escrita em 1888 por Nietzsche em *Ecce Homo*:

³⁴ Questão amplamente estudada por Maria Luiza Tucci Carneiro na obra *O antissemitismo na era Vargas*, São Paulo: Perspectiva, 2001.

³⁵ Fato mencionado na matéria Quem foi Campos de Carvalho?, escrita pelo jornalista Ciro Pessoa e publicada na revista *Superinteressante* em agosto de 2001, pág. 18.

Conheço a minha sina. Algum dia meu nome estará ligado a qualquer coisa enorme - a uma crise como nunca houve na terra, ao mais profundo conflito de consciência, a uma decisão invocada contra tudo aquilo que, até aqui, se acreditou, se estimulou, se santificou. Eu não sou um ser humano, sou dinamite. (...) Tenho um medo terrível de que, um dia, me proclamem santo. (NIETZSCHE, 2004, p. 25).

Também em *Ecce Homo* está a afirmação: "Eu sou um aprendiz do filósofo Dionísio, e faço mais gosto em ser tomado como sátiro do que como santo." (NIETZSCHE, 2004, p. 46). Esse parece também ser o credo de Carvalho: a incredulidade. Assim como Nietzsche, melancolia houve em sua vida, não em sua obra, cheia de pujança, independência e ineditismo. Assim como Nietzsche sua crítica não recaía no desespero, mas no cantar do absurdo, da aventura e da imaginação. Ambos, por excelência, autores póstumos de livros para todos e para ninguém. A prosa de Walter Campos de Carvalho parece sussurrar tentadoramente em nossos ouvidos outra máxima nietzschiana contida em *A Gaia Ciência*: "Se queres seguir-me: siga-te!". (NIETZSCHE, 2003, p. 45).

Eis a única forma de não se perder nos intrincados caminhos dos campos de carvalho.

2. DO ORIENTE VEM ARTÊMIS

À noite a lua vem da Ásia, mas não pode vir, o
que demonstra que nem tudo é perfeito.

Campos de Carvalho

A principal marca narrativa de *A Lua vem da Ásia* é o solilóquio, estrutura que atravessará junto com o narrador-personagem ³⁶ solitariamente as páginas deste romance, já que não é hábito de tal personagem se ver acompanhado seja lá por quem por período indefinido de tempo. Tanto porque sua aparente loucura o tornou um ser superracional, incapaz de compreender e de se adequar a este mundo de “homens movidos a estômagos e testículos” (CARVALHO, 2002b, p. 137). O título da obra já chama de imediato a atenção. Peculiar certamente. Principalmente se nos lembrarmos das relações estabelecidas desde a noite dos tempos entre os insanos e o satélite natural da Terra, de onde deriva a palavra lunático. E, certamente, a Ásia carrega, ainda que no imaginário coletivo, um tom acentuado de misticismo e uma linha de raciocínio em que a mística e a ciência não foram completamente desmembradas, convivendo sem grandes traumas ou cismas, ao contrário do imaginário do judeu-grego e do método cartesiano. Seria, pois, que do Oriente vem uma nova forma de pensar, que por estas bandas seria interpretada como loucura.

Sobre o propósito desta “loucura”, ela é apresentada como questionamento da lucidez; se reduzida a apenas insanidade, passaria não só por uma brutal redução da obra de Carvalho, como por total falta de imaginação em analisá-la.

Em *Além do Bem de do Mal*, de Nietzsche (2005, p. 71), há a observação de que, ao contrário do que pensa o vulgo, a loucura não é uma característica muito comum nos indivíduos, porém nos Estados, nas Instituições e nas normas reinantes na sociedade é a regra. Neste ponto, podemos e até devemos perceber que atentar contra os hábitos sociais é uma inconveniência que rotineiramente produz como resultado uma reação da generalidade ou dos poderes que dizem representar a generalidade absolutamente desproporcional sobre o indivíduo: este ser cada vez mais contido e castrado em meio a imperativos e paradigmas avassaladores, que, paradoxalmente, realizam a apologia da liberdade individual. É a questão que se lança ferina “Quem precisa ainda hoje dum Eu, quando já há tanto tempo estamos todos individualizados?”.

Fato é que a arte moderna e pós-moderna líquida, desde as paranoias de Kafka às angústias de Munch até os vislumbres sombrios de Lang e de Philip K.

Dick, habitualmente se valeu da loucura para questionar o “ódio organizado” da estrutura social, na feliz embora infeliz expressão cunhada por Erich Fromm.

³⁶ Os vários nomes adotados pelo narrador-personagem no decorrer de *A Lua vem da Ásia* serão evitados neste capítulo e analisados adequadamente no capítulo 4: “Identidades fragmentárias”.

Tratando-se do enredo de *A Lua vem da Ásia*, ele é iniciado com o assassinato da lógica formal, tendo como cenário inaugural um hospício, que, no primeiro momento, é compreendido como um hotel, um SPA para gozar de relaxamento, ainda que com regras bastante rígidas de conduta, para não dizer excêntricas. Depois progressivamente esta casa de repouso vai se revelando uma instituição manicomial que, para época, faz lembrar um campo de concentração. O personagem narrador, desde suas primeiras reflexões, revela inquietações bastante pujantes sobre a suposta natureza humana, o comportamento gregário, a arbitrariedade do poder e aquilo que Nietzsche chamaria de “moral de rebanho”:

O cristianismo impôs a domesticação do homem e chamou a isso “melhoramento do homem”: “Chamar a domesticação de um animal seu ‘melhoramento’ soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos adestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo ‘melhorada’. Ela é enfraquecida, tornam-na menos nociva, ela se transforma em uma besta doentia através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome”. (NIETZSCHE apud COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 34).

Embora as razões para o claustro do narrador não sejam esclarecidas, fato de todo desnecessário quando se dá conta do espírito crítico do qual o personagem é dotado – muito provavelmente a justificativa de se achar onde está, se há culpa ou não, doença ou não, isto é de somenos importância desde que um certo senhor K. se encontrou detido sem ter feito mal algum em *O Processo* (1925) –, com a percepção progressiva do narrador-personagem de que ao contrário de em um hotel um tanto peculiar, encontram-se na verdade num sanatório, portanto privado de sua liberdade, e, por conseguinte, de sua real condição de homem, segue-se a indignação, a rebeldia e a previsível repressão, incontínuas apaziguadas com a aplicação de alta-voltagem nas têmporas, procedimentos que, ao lado da lobotomia, mais nos parecem nos dias de hoje saídos de uma utopia negativa do que da realidade histórica do século XX, por mais absurdo que o último século tenha sido. Especialmente com os avanços da luta antimanicomial.

Como então me impuseram de novo o suplício da cadeira elétrica, como tudo está a indicar neste silêncio da sala e nesta bomba-relógio que trago dentro do cérebro e que explodirá de repente, levando-me e a todo o prédio pelos ares? Com o pouco de raciocínio que me resta, após esta batalha cruenta de um homem contra todas as forças do mal que andam soltas pelo mundo, chego a recordar em parte (ou terá sido apenas um pesadelo?) o drama em que fui mais uma vez obrigado a representar a parte principal,

com a inocência própria dos supliciados, mesmo quando grande tenha sido a sua culpa. Pois não é torturando um homem, e tentando extrair-lhe os miolos pelos processos mais modernos, que se conseguirá arrancar-lhe a sua verdade ou impor-lhe uma verdade nova e de circunstância, como se tentou fazer em todos os tempos e sobretudo nos tempos da Inquisição. A mim, pelo menos, esse processo medieval e sanguinário sempre me pareceu ridículo ao extremo, como há de parecer a todos os que pensem e sintam como eu - e o meu silêncio é tudo que lhes posso oferecer em troca, quando não uma ou outra blasfêmia inoperante, proferida em meio às minhas alucinações. (CARVALHO, 2002b, p. 66-67).

Quando todos mais se encontram loucos, não é de se admirar que a sobriedade se confunda com a folia. Debruçando-nos sobre o título da primeira parte de *A Lua vem da Ásia*, “A Vida Sexual dos Perus”, momento em que o narrador-personagem permanece trancafiado, vem-nos a percepção errônea de que tal nomenclatura se refere a certo tratado de comportamento animal distribuído em fascículos por alguma Sociedade Naturalista. Ledo engano. Na verdade se constata a mordaz ironia da civilização plástica, das mortes industriais, sejam de homens ou de bichos, do culto da violência em um êxtase diabólico e irresistível, a vida reduzida à louca procura do sexo, um artifício para colocar um pouco de sentido e de autoafirmação em nossa espécie, o *homo sapiens*, cada vez mais perdida e coisificada. Sobre os padrões sócio-históricos predominantes durante o século XX, o historiador Eric Hobsbawm organizou treze pontos nevrálgicos, e no sexto ponto considera:

Uma acentuada regressão à barbárie: condições de vida não-civilizada, crescente brutalidade e desumanização. A volta da tortura e do extermínio pelo Estado (apesar de ser uma época de desenvolvimento jurídico). Milhões de pessoas, na condição de refugiados, são forçadas a cruzar fronteiras, repatriadas e desenraizadas.³⁷

Uma crueldade observada com muita agudez por Campos de Carvalho no desenrolar de *A Lua vem da Ásia*, conforme o excerto a seguir:

Mas você, meu irmão, já imaginou o romance sensacional que poderemos escrever um dia sobre esta experiência bélica a que estamos sendo submetidos em pleno tempo de paz, se é que se pode chamar de paz a este estado de angústia permanente e de ódios gratuitos que marca todos os nossos passos, mesmo e sobretudo durante o sono? Não é qualquer romance que tem um legado pontifício, um sobrinho de Napoleão, um prêmio Nobel de Química e outras personagens de tamanha importância vivendo uma vida verdadeira e no entanto fantástica, sob as ordens de energúmenos que nem sequer se dão ao trabalho de vestir fardas para impor a sua autoridade, como se tudo fosse apenas uma farsa trágica e não

³⁷ <<http://www.perspectivas.com.br/trans30.htm>>.

crua realidade, com suplícios chineses, banho a hora certa, hora certa de dormir e despertar (e até mesmo de defecar), impossibilidade absoluta de copular com indivíduos do sexo oposto, e outras barbaridades que só mesmo o cérebro de um homem poderia arquitetar e pôr em prática, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus. (CARVALHO, 2002b, p. 84).

Experimentamos novamente a ira da pena de Carvalho se voltar contra a onipotência do deus judaico-cristão e seus julgamentos absolutamente desproporcionais lançados sobre as criaturas que criou a partir do barro e que nunca foram muito melhor mesmo que a matéria-prima da qual se geraram. À moda de Drummond a se questionar no *Poema de Sete Faces*: “Meu Deus, por que me abandonaste/ se sabias que eu não era Deus/ se sabias que eu era fraco.” (ANDRADE, 1979). E o narrador prossegue:

Se conseguíssemos, os dois, pôr no papel tudo isso que realmente estamos vivendo nesta ratoeira internacional, onde nem sequer o queijo é de boa qualidade, por certo seríamos tomados por loucos ou por mentirosos da pior espécie, quando não por extremistas sem escrúpulo e interessados apenas na perturbação da paz social, que reina neste e noutros impérios deste mundo tão perfeito; uma coisa porém seria certa, e não tenhamos dúvida a este respeito, e é que, assim fazendo, teríamos escrito um dos livros mais sérios e pungentes que jamais foram escritos pela mão do homem, como o *Dom Quixote* por exemplo ou as *Aventuras do Barão de Münchhausen*, para só citar dois exemplos realmente dignos. (CARVALHO, 2002b, p. 84).

Anula-se na passagem citada a invalidez dos loucos e promove-se a glorificação da resistência ao senso-comum. E só no último capítulo Carvalho falará de perus, de uma forma bastante intensa e promíscua:

A morte de um mosquito é tão importante quanto a minha própria morte, digo-o sem falsa modéstia, e disso o senhor mesmo terá prova ao ficar sabendo do meu suicídio, que o afetará tanto quanto a morte de um dos milhões de perus sacrificados à véspera do Natal. (CARVALHO, 2002b, p. 149).

Se não se tratasse de apenas uma deliciosa pilhéria de Fernando Sabino, as seguintes obras contidas na intrigante bibliografia de *O Grande Mentecapto* (1979, p. 249), atribuídas ao Doutor P. Legrino, seriam referências obrigatórias para este trabalho: *Hospício sem paredes* e *Os doidos têm razão*. Os loucos e a loucura tanto incomodam por trazerem em si a suspeita de que talvez, talvez, nada neste mundo faça sentido mesmo e que nada pode ser mais patético do que a tentativa humana desesperada de estabelecer alguma espécie de controle sobre a entropia. Afinal, apesar dos valentes esforços da ciência, o universo segue um lugar caótico e

incoerente embrulhado para presente num pacote de silêncio e escuridão eternas. E a vida, tendo em vista os vazios intoleráveis do cosmo, em vez de um milagre, não raro chega a parecer uma aberração da matéria.

A segunda parte de *A Lua vem da Ásia* é intitulada *Cosmogonia* e é neste momento em que o narrador-personagem abandona as paredes do hospício para se imiscuir na cidade: por excelência, o hospício sem paredes. As suspeitas sobre a sanidade geral se tornam mais claras, cada vez que a sociedade do capitalismo realmente existente dá provas de que para se viver entre feras é preciso agir feito fera também. E o personagem-narrador tornar-se-á progressivamente mais egoísta, individualista e amoral, a ponto de pôr não só em questão a existência de Deus, mas sua própria como atesta a passagem: “(...) eu que não creio em Deus nem creio que ele possa crer em mim (...)” (CARVALHO, 2002b, p. 41). Mesmo na calamidade, no fratricídio e na desonestidade, mesmo ao pilhar dos outros, se erguendo rico entre a massa empobrecida, entre admiradores deslumbrados, nada disto afeta a razão de nosso personagem e sua aguda desconfiança, sua crítica ferrenha e seu desencanto, traduzido numa solidão severa, autoimposta, nem por isto menos sentida. Se as pessoas se tornam inconvenientes, resta-nos abraçar as coisas:

O cipreste que comprei fica no campo, mas daqui até a cidade a distância não é grande e posso vir vê-lo todas as tardes, ao pôr-do-sol, e sentar-me sob os seus ramos para meditar sabiamente. Houve até uma noite, plena madrugada, em que vim vê-lo sob um luar esplêndido, e em razão justamente desse luar: é que sob o meu quarto mora agora uma pobre louca, que não suporta a lua cheia e se põe a uivar desesperadamente - e eu não suporto o uivo dos loucos, sobretudo dos que não conheço. (Sempre ouvi falar dessa história de loucos ladrarem à lua cheia como se fossem cães desesperados, mas nunca lhe dei maior atenção; agora sei que é verdade.)

Mas o meu cipreste, modéstia à parte, é um mimo de cipreste e bem mereceria estar num cemitério, ao lado de outros fantasmas de sua espécie, povoando a solidão dos mortos e velando o seu sono tranquilo e eterno. A princípio pareceu-me um pouco baixo, mas nessa noite em que a lua cheia refletiu seu vulto trágico por sobre o campo pude capacitar-me de que era o cipreste que me convinha, e passei a amá-lo perdidamente. Hoje somos um só corpo e uma só alma, e passo horas recostado ao seu tronco amigo como um filho nos braços de sua mãe verdadeira, o olhar perdido na imensidão do campo e o coração pulsando suave e sem remorsos. (CARVALHO, 2002b, p. 135).

A condição humana, moderna, líquida de se preencher os vazios da alma com algo minimamente confiável, que possa a um só tempo nos pertencer eternamente, bem como ser dispensado ao bel-prazer. E quando não aceitamos mais depositar os sentimentos num semelhante, não somente por temê-lo, mas também e sobretudo

por não mais tolerá-lo, escolhemos no reino das coisas ou na humanização das bestas nosso objeto de afeto transitório. É da natureza da modernidade líquida esta imensa e misteriosa fragilidade dos laços humanos, onde as antigas fidelidades ou expectativas de sentimento perene foram substituídas pelo amor líquido. Noções que nos são apresentadas por Zygmunt Bauman, em sua investigação do modo como as relações estão se tornando mais 'flexíveis'. Tal flexibilidade gera níveis de insegurança sempre maiores para todos os envolvidos nos processos emotivos da contemporaneidade. Bauman depreende que não sabemos mais como estimular a manutenção de laços a longo prazo e possivelmente nem queremos mantê-los. Nesta deficiência sentimental, acabamos, em maior ou menor medida, impedidos de tratar um estranho com humanidade. A própria humanidade, seu projeto tal definido nos sonhos burgueses da revolução de 1789, foi descontinuada. Estamos fazendo do desprezo ao próximo uma nova regra de etiqueta. E em nosso egoísmo contemporâneo a vida do próximo chega a valer menos que uma camiseta bem engomada. Como Campos de Carvalho descreve:

Por uma dessas estranhas coincidências que só a mim me acontecem, logo no começo da estrada o caminhão parou e o motorista fez subir para o meu lado(esquecia-me de dizer que eu estava confortavelmente instalado sobre pacotes e mais pacotes de papel higiênico, de marca por sinal não muito conhecida) justamente um dos padres que ajudaram a prender-me por ocasião do meu êxtase nudista na Igreja de Santa Úrsula: - um sujeitinho baixo, mirrado, de olhos ariscos e traiçoeiros, e que, ao reconhecer-me, logo se pôs envergonhadíssimo e não sabia se se atirava do caminhão ou não, e acabou cumprimentando-me duas vezes seguidas e se deitando de comprido sobre os pacotes de Fina Flor. Meu primeiro impulso foi de esganá-lo e de atirá-lo à estrada, mas depois fiquei com receio de amarrotar minha roupa nova, (comprada num belchior com o dinheiro do meu irmão afogado) e me pus calmamente a mascar chiclete, com um sorriso de escárnio no canto direito da boca. (CARVALHO, 2002b, p. 128, grifo meu).

O reino da semântica desde sempre capcioso. O referido irmão afogado do excerto acima não passa de um cadáver encontrado pelo personagem central de *A Lua vem da Ásia* numa praia qualquer e vendido por ele a uma Universidade de Medicina qualquer. Não deixa de causar espécie como alguns termos e palavras podem continuar sobrevivendo e sendo louvados, embora completamente esvaziados de seu sentido original. Democracia, certamente, tanto no Ocidente, quanto na República Popular Democrática da Coreia do Norte. No antigo Bloco Socialista, proletariado. Na sociedade contemporânea, amor, guerra, trabalho,

competitividade e também morte. Como no caso ilustrado, em que a fraternidade da palavra *irmão* sequer chega a ser considerada, como não o era também na medonha Oceania governada com mão-de-ferro pelo Grande Irmão.

E é por este viés que se percebe o grande distanciamento da narrativa carvalhiana de *A Lua vem da Ásia* da de outros autores contemporâneos a esta obra. Há vazio, interiorização, intimismo em Clarice, obviamente, apresentados também como um fruto do mundo naquele estágio de desenvolvimento social. Poderíamos falar da solidão em infinitas representações artísticas do século XX, dos quadros desconcertantes e melancólicos de Ed Hopper, da poesia de Florbela Espanca, aos filmes de Michelangelo Antonioni, não por acaso, conhecido como cineasta da solidão. Porém Campos aproxima sua narrativa não do lamento, mas do sarcasmo, estando atualíssimo em relação às observações teorizadas sobre a contemporaneidade, este período em que o cinismo humano atingiu proporções épicas, em que não há solidariedade nem no câncer – e em que a gargalhada já não respeita nem os velhos, os cegos ou os paráliticos. Basta saber se este riso estridente diante da catástrofe é uma constatação em certa medida compartilhada por todos nós de que o projeto babilônico ia acabar mal, se é por medo, desespero ou se realmente terminamos insanos à beira do abismo, como lemingues próximos a realizar nossos últimos voos.

Neste ponto, como se verá, especialmente no capítulo 3 *Surrealismo possível e realidade insuportável: do realismo-fantástico ao realismo caótico*, este trabalho não caminha na mesma direção de muitas das conclusões expostas por Juva Batella em seu livro *Quem tem medo de Campos de Carvalho?*, por exemplo, ao julgar que o estilo literário de Campos de Carvalho esteja fincado na seara dos romances ditos introspectivos, intimistas ou psicológicos (BATELLA, 2004, p. 52). A crítica de Carvalho é de dentro para fora, mesmo quando aparentemente se mantém mergulhado nos abismos do EU. E seu frenetismo e sua tensão edifica um realismo especialíssimo, caótico, urbano, visceral, próprio da literatura marginal e de certos movimentos literários contemporâneos do continente sul-americano, cuja modernização tardia prejudicou que os ideais iluministas vingassem por estas bandas, ainda mais que nem além do Pirineus eles vigoraram em verdade.

É por aqui que somos compelidos a perceber também um viés progressista em Carvalho, embora o protagonista de *A Lua vem da Ásia* seja geralmente inescrupuloso e egoísta; seu niilismo distancia-se dos imperativos megalomaniacos

de Nietzsche representados na vontade de potência: a alternativa à sociedade burguesa idealizada pelo filósofo alemão como louvor da força e da rapinagem, substituindo a dita moral da Judéia e enaltecendo um homem mais besta-fera do que já é. Em Carvalho evidencia-se a crítica ao modelo de sociedade esboçado com entusiasmo pela modernidade, parido coberto de sangue, fezes, urina e tripas dos pés à cabeça, e cujas promessas e sacrifícios acabaram se perdendo nos vácuos da história em prol de uma hierarquia absolutamente destoante do projeto moderno tal como pensado.

É basilar, no capítulo J, o personagem-narrador de *A Lua vem da Ásia* se exaltando num sarau absolutamente elitizado, debochando daquela nobreza decadente italiana, ainda a ostentar com orgulho títulos que deveriam ter sido destruídos às pressas até os mínimos vestígios desde o fim do Antigo Regime. Usando de uma virulência absolutamente lúcida, se pautando destemido em exemplos de baixo calão, como questionar se os presentes não teriam tal os seus cavalos de raça, seus cães e seus criados um lamentável cu no traseiro, para onde deveriam se voltar em crises de incontinência messiânica, o personagem-narrador enfrenta quixotescamente a nata da sociedade, sabendo as consequências decorrentes de atitude tão intempestiva e disposto a arcar com elas. Por tais ações, perde sua tranquilidade de *bon vivant* e passa a andarilho, como se vê:

Escorraçado da mais alta sociedade como elemento pernicioso e indesejável, e com ordem para abandonar o país emanada do próprio chefe de polícia - que, no entanto, devia ter seu próprio cu, tanto quanto os outros - comprei uma bicicleta e transpus a fronteira da Venezuela em menos de cinco horas, tendo como única bagagem meus milhões de liras honestamente ganhos no jornalismo e um velho papagaio poliglota, que fora o único a aceitar sem protesto minha veemente filosofia ano-retal, de origem visivelmente freudiana. (CARVALHO, 2002b, p. 133-134).

Nestas críticas se expõe um levante radical contra a hipócrita pretensão burguesa de se construir uma sociedade isonômica, equilibrada economicamente, até sem hierarquias, coisa que só existiu no lema tríplice da revolução de 1789 e na tentativa energética de se forçar a ética e a igualdade sobre todos pela revolução de 1917. Enfim, dois projetos que falharam redondamente, ainda que o primeiro, como um cadáver recente, cause a ilusão de estar vivo apenas porque seus cabelos e unhas ainda não cessaram de crescer.

É quase impossível esgotar os questionamentos suscitados por *A Lua vem da Ásia*. Campos de Carvalho se vale do que há de mais sofisticado no pensamento existencial, na filosofia da descrença e na crítica à orgulhosa construção social. Conforme profetizara Cioran:

A história humana não passa de um conjunto de tragédias rumando para uma inevitável tragédia final. Durante milênios não fomos mais do que meros mortais, hei-nos aqui, agora, promovidos ao estatuto de moribundos.³⁸

Não se pode negar o poder da loucura como instrumento de sobriedade e de questionamento intransigente. Ao se abrir mão dos valores estabelecidos pela moral, pelas leis e pela ética, desdobram-se ao mesmo tempo as possibilidades do impossível: é sem dúvidas neste instante que se concede de fato o conhecimento muito além daquele obtido por Eva e Adão ao se atreverem a comer o fruto proibido. Se o casal primordial obteve o discernimento entre o bem e o mal por sua desobediência, a ruptura de todos os valores seria a última fronteira: a descoberta de que o bem e o mal também não passam de engodo e de que não há nada de realmente válido e realmente certo no universo senão a dúvida e consequentemente a crítica. É contra a aceitação cega, contra a morte em vida, contra a vida sem vida que as acusações do narrador-personagem se voltam.

E com o desanuiamento das condições indignas impostas aos homens e com a observância de que nada, indubitavelmente nada tem sido feito, ou mesmo tentado, no sentido contrário, pois já não se tenta fazer o bem e sequer se evitar o mal, o niilismo se instala e a sociedade doente contempla aturdida um de seus filhos lhe erguer o punho em fúria. E o livro demonstra a triste sina do hospício sem paredes do capitalismo selvagem: produzir um individualismo impiedoso, obscenamente insensível, que, no primeiro momento, pode premiar os indivíduos em suas mesquinhas ambições materiais, mas que consequentemente leva ao vazio da existência antissocial, em que a única conclusão possível é de que a matéria não é capaz de preencher os vazios do espírito. E já que o caminho de volta ao humanismo esfacelou-se na escalada rumo ao Olimpo das soberbas pretensões humanas, o único passo adiante é o suicídio – a prova definitiva da liberdade do sujeito, da real condição de homem.

³⁸ *O Apocalipse segundo Cioran* (1995). Dir. Sorin Ilieșiu. Romênia.

Afinal, o suicídio é a marca exclusiva da espécie humana entre a Criação. No desespero, depois dos duros golpes dados por Copérnico, ao mostrar que nosso pálido ponto azul não é o centro do universo, por Darwin, ao nos colocar lado a lado com os primatas, por Freud, ao nos tirar a autonomia, o livre-arbítrio, buscou-se desesperadamente algo que nos fizesse únicos entre as bestas. Tentaram dizer que o raciocínio, as ferramentas, a política, a linguagem recursiva, a capacidade de planejar as ações seriam os traços fundamentais e genuínos do *homo sapiens*. Um erro certamente. Os outros animais, ainda que em circunstâncias e intensidades diferentes, também são dotados das supracitadas habilidades – ou, quem sabe, deficiências. Mas o suicídio, ele sim, é do homem. Nosso troféu evolutivo, uma possibilidade intermitente, e nosso prêmio, sempre prestes a ser ostentado. A dádiva final por sermos como somos.

A diferença mais instigante entre Campos de Carvalho e outros apóstolos do niilismo e da suspeita é que as histórias de Campos não são mesmerizadas pela melancolia de Schopenhauer, pelo existencialismo estéril de Camus, pelo rancor de Baudrillard, pela denúncia exaltada de Kurz, pela desesperança de Cioran ou pela arrogância triunfal de Nietzsche. Embora aproveite substratos de tais reações às condições hipermodernas, na gargalhada inconveniente se hospedou a essência literária de Walter. Ao se valer do humor com instrumento primordial da crítica, Campos de Carvalho se torna um caso à parte.

O atormentado personagem Rorschach de *Watchmen*³⁹, um justiceiro amoral e de todo desiludido das possíveis virtudes humanas, narra o seguinte episódio após comparecer ao enterro de um, por assim dizer, amigo do passado:

Me contaram uma piada:

Um homem vai ao médico. Diz que está deprimido. Que a vida parece dura e cruel.

Conta que se sente só num mundo ameaçador, onde o que se anuncia é vago e incerto.

O médico diz: "O tratamento é simples. O grande palhaço Pagliacci está na cidade esta noite. Vá ao show. Isso deve animar você."

O homem então se desfaz em lágrimas. E diz: "Mas doutor... eu sou o palhaço Pagliacci." (GIBBONS; MOORE, 2009, p. 45).

³⁹ Romance gráfico escrito por Alan Moore e desenhado por Dave Gibbons. Publicado em doze volumes em meados dos anos 1980, este trabalho é considerado pela crítica especializada a maior realização dos romances gráficos de todos os tempos, dada sua originalidade narrativa, seu agudo senso de realidade e seu *design* inovador. Ambientada em 1986, a trama de *Watchmen* acompanha a sociedade humana à beira de um colapso inevitável. Segundo o autor, Alan Moore, a obra se trata de sua visão pessoal de um apocalipse pós-moderno ainda com plenas condições técnicas e políticas de realizar-se.

Segundo Nietzsche, a arte existe para que a realidade não nos destrua. Campos de Carvalho foi como o palhaço Pagliacci, imune ao próprio humor, como as víboras são imunes ao próprio veneno e como o deus da trapaça, capaz de enganar a todos, menos a si mesmo.

É de todo oportuno estabelecer uma relação entre o tempo narrativo de *A Lua vem da Ásia* e o momento histórico do século XX conforme recortado por Eric Hobsbawm em *A Era dos Extremos*. Hobsbawm iniciava a narrativa do último século, optando não pela data inicial, ou seja, 1901. Em suas análises, o século XX teve início com o fim da *belle époque* encerrada abruptamente com os tiros desferidos pelo anarquista Gavrilo Princip em Sarajevo contra o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do então império central Austro-Húngaro. Até 1914, então, vivia-se uma extensão tardia do século XIX.

Em *A Lua vem da Ásia* nos aproximamos desta construção. Já nas primeiras páginas encontramos o personagem principal mergulhado na boêmia da Cidade Luz, despreocupado e literalmente gozando dos prazeres da vida. Calmaria que é subitamente interrompida por uma guerra:

A primeira mulher que possuí foi sob a ponte do Sena (...) No dia seguinte, como a guerra houvesse rebentado, apresentei-me a um general de divisão que encontrei espairecendo pelo Bois de Bolougne, e ele foi muito gentil para comigo, dando-me uma corneta e cinco mil francos para comprar um uniforme. Com a corneta toquei o *Danúbio Azul*, mas em surdina, e com os cinco mil francos fui a uma sessão de cinema (um filme de Clara Bow, se não me engano) e dei o resto a um mendigo que me pareceu mais honesto do que os outros – do que eu, pelo menos. À margem do Sena pus-me a pensar sobre as incertezas da vida e o absurdo da guerra recém-deflagrada entre o Japão e a China, até que o sono me jogasse de novo de encontro às pedras, as mãos espalmadas como as de um cadáver. (CARVALHO, 2002b, p. 36-37).

Neste momento da obra a narrativa está mergulhada na Era das Catástrofes, título da primeira das três partes de *A Era dos Extremos*, que compreende o fim da *belle époque* e o início do período entreguerras. Então, nos primeiros capítulos, é altamente recorrente a ideia de militarismo, ainda que algumas das guerras mencionadas nunca tenham sido relatadas por qualquer historiografia disponível no planeta, como também se observa:

Mas eu dizia, se não estou equivocado, que, finda a guerra sino-finlandesa, fui preso como espião moscovita por causa de minhas barbas patriarcais e malcheirosas, e fui submetido a um conselho de guerra composto de 15.000 generais, todos eles fardados, que me absolveram unanimemente e me repatriaram ao meu país de origem. Qual esse país fosse, nem eles nem eu sabíamos, de forma que voltei tranquilamente a dormir sob as pontes de diversos rios da Europa, os quais eu já conhecia de vista através das aulas de Geografia que me dava o meu professor de ginásio, ao tempo em que eu ainda teimava em aprender as coisas. (CARVALHO, 2002b, p. 37-38).

Outrossim:

Certa vez, no Exército, um velho sargento, sob pretexto de incutir-me no espírito a teoria do tiro, agarrou-me pelo pescoço e sacudiu-me violentamente várias vezes, levantando-me a uma altura razoável do solo. Deixei-o sacudir-me à vontade, sem uma só palavra de protesto, mesmo porque o estrangulamento fora muito bem feito e eu mal conseguia respirar; assim, porém, que me vi em terra firme, desfechei-lhe com os dedos duas violentas estocadas bem no meio dos olhos, cegando-o imediatamente. Foi reformado com o soldo integral, segundo soube, e eu continuei ileso e cada vez mais cioso de minha ignorância em matéria de balística e de carnificinas heroicas, como de resto espero viver até o fim dos meus dias. (CARVALHO, 2002b, p. 55).

À medida que as ações vão avançando, os temas bélicos deixam de ter importância – embora apareçam indiretamente, à moda da segunda metade do século XX – e entram em cena situações movidas pelo desejo de prosperidade e os interesses financeiros, ainda que absolutamente ilegais. O que indica que a narrativa passou da Era das Catástrofes à Era de Ouro, período compreendido pelo acelerado crescimento econômico global, o maior de toda história humana, e pelo desenrolar da Guerra Fria.

Com o dinheiro herdado desse prestimoso parente comprei-lhe um rico túmulo e tratei de pôr-me ao largo o mais breve possível, indo dar com os costados no Estado de Pennsylvânia (EUA), em cuja capital, Pittsburg, mais uma vez me naturalizei norte-americano e consegui viver tranquilo por um longo tempo, dado o meu gênio cordato e cheio de delicadezas. Autor de inúmeros best-sellers, todos publicados em edições *pocket-book* e magnificamente condensados para o *Reader's Digest*, granjeei em menos de um ano uma reputação literária só comparável, na época, à de um Ernest Hemingway ou à de um Leslie Charteris, o que me propiciou contribuir para o rápido enriquecimento do país através do imposto de renda. Datam dessa época minhas trinta e seis novelas policiais mais famosas, bem como os quatorze romances que Hollywood aproveitou para algumas de suas produções mais significativas, muitas delas em *technicolor* e com som estereofônico. Reduzido à mais extrema penúria pelo fisco implacável, para o qual contribuía com 200% sobre o que honestamente ganhava, abandonei a literatura e entreguei-me à traficância de tóxicos e à prática ostensiva do lenocínio, o que me valeu em pouco tempo uma cadeira de deputado pelo Estado de Minnesota e as consequentes imunidades parlamentares e

extraparlamentares, que de mim fizeram um dos homens mais poderosos da democracia norte-americana. (CARVALHO, 2002b, p. 96).

O desejo de enriquecimento se torna uma constante. Assim é possível observar os excertos:

Meus restantes quinhentos francos aliados aos 25 mil rublos do reverendo dariam bem (deixem-me fazer as contas) uns cinquenta mil ou sessenta mil pesos argentinos, já descontado o imposto de renda - mais do que o suficiente para dois sujeitos sem escrúpulos, embora honestos, recomeçarem de novo suas vidas em qualquer recanto deste mundo, (...) (CARVALHO, 2002b, p. 129).

Também:

(...) tive que atravessar às pressas o não sei por que chamado mar Vermelho que me pareceu tão azul quanto o mar Negro ou o mar Amarelo, e onde fui despojado em parte de minha fabulosíssima fortuna por um empregado infiel e sem escrúpulos, que se atirou às águas e nadou como um raio em direção ao golfo de Aden (...) (CARVALHO, 2002b, p. 94).

Ainda:

Com uma corrente de ouro que lhe consegui roubar, acompanhada do competente relógio, obtive fundos para instalar-me com uma pequena fábrica de pirulitos na cidade de Sendai, onde me naturalizei japonês com o nome de Akiito Furuashi (...) Quando o primeiro ministro Hiroshida mandou fechar minha fábrica de pirulitos, atrás da qual eu mantinha um pequeno bordel onde se podia fumar ópio dia e noite, já eu estava rico o suficiente para desnaturalizar-me japonês e tornar-me de novo um apátrida cidadão-do-mundo, sem outra preocupação que a de viver a minha vida e de cumprir fielmente o destino que Deus me reservou entre os medíocres e os medrosos de todos os países. (CARVALHO, 2002b, p. 81).

E como a narrativa situa-se na Guerra Fria, o comércio de armas, obviamente, obtém seu espaço. Nas palavras de Hobsbawm (1996, p. 250): “uma coisa pode ser dita sobre a Guerra Fria: ela encheu o mundo de armas num grau que desafia a crença.”.

Esse imperador abissínio, aliás, foi quem me nomeou governador de Harrar pelo espaço de 12 meses - levado, talvez pela minha cor etíope e por uma falsa carteira de identidade que lhe apresentei e que roubara a um pobre mendigo por mim assassinado numa rua de Gondar -; e, findo aquele prazo, eu estava mais rico do que o próprio imperador e todo o seu império, dado o negócio de armas em que me meti e que me valeu a excomunhão do Papa. (CARVALHO, 2002b, p. 94).

O narrador-personagem ainda participará de uma revolução comunista típica da segunda metade do último século, de golpes militares, do esfacelamento de nações, fará parte da maré migratória do trânsito global propiciada pela globalização dos meios de transporte. E por fim, antevê O Desmoronamento, a última parte da narrativa hobsbawniana sobre o “Breve Século XX”, em que definitivamente é deitada por terra a carapaça de humanismo que revestiu por tanto tempo a modernidade. Assim, não declarando nenhuma razão além do pressuposto vazio de si e do mundo, o narrador de *A Lua vem da Ásia* comete suicídio no capítulo intitulado O.P.Q.R.S.T.U.V.X.Y.Z., tendo antes o cuidado de enviar uma carta ao *Times*.

Sei que é de praxe o suicida invocar grandes razões, e se possível belas, para justificar seu gesto tresloucado, como dizem - e sinto ter que decepcioná-lo não invocando nenhuma razão maior para explicar esta minha fuga prematura de um mundo que afinal é o único mundo com o qual podemos contar honestamente. Se eu quisesse, certamente poderia encontrar uma dúzia ou mesmo duas de belas razões (metafísicas, econômicas, políticas etc. etc.) capazes de justificar não apenas o meu suicídio como o suicídio de toda a humanidade, nos dias que correm como em todos os tempos. Prefiro, porém, ser honesto e dizer que me mato pelo prazer único de matar-me, como existem casos de sujeitos que matam um desconhecido qualquer (não falando da guerra) pelo simples prazer de vê-lo cair morto ou para experimentar uma arma nova. (CARVALHO, 2002b, p. 150).

De tal forma se encerra a vida do narrador de *A Lua vem da Ásia*, que, por um tênue e irrelevante instante, perturbou, como poucos, a ordem do cosmos.

2.1. Vou-me embora pra Bulgária

Venham, meus amigos.
 Não é tarde demais para procurar um mundo mais novo.
 Eu estou decidido a navegar para além do crepúsculo. E
 embora não tenhamos a força que outrora movia terra e céu,
 nós somos como somos, idêntica têmpera de corações
 heroicos,
 tornados fracos pelo tempo e pelo destino,
 mas fortes em determinação.
 Lutar, procurar, encontrar
 e não capitular
Alfred Lord Tennyson

Ah, Bulgária! É impossível falar deste país sem pensar em seus... sem lembrar de suas... Pois é, a generalidade muito pouco sabe da Bulgária. E menos saberia se Campos de Carvalho não tivesse um dia duvidado de sua existência.⁴⁰

Em *O Púcaro Búlgaro* (1964), Campos de Carvalho compõe sua antiepopéia, um antiépico, a história de uma brava expedição em busca de coisa nenhuma. Brancaleones sem nobreza armados e assinalados até os dentes de discursos os mais delirantes e de ambições as mais perdidas. Se o Cavaleiro da Triste Figura brilhantemente sepultou a epopeia em definitivo, massacrando a sobrevida dada a ela pela pena de Camões, Campos de Carvalho não inova em parodiar, à moda de Cervantes, o heroísmo clássico; aquele heroísmo de Ulisses a rumar a Ítaca, sempre a suspeitá-la no horizonte, apesar dos horrores de ciclopes e da intervenção perversa de Poseidon; ou de Teseu e seus camaradas ao buscarem o velo de ouro, cuja existência era questionada, porém uma fé ancestral moveu o empreito dos argonautas ao êxito. Mesmo o Quixote, embora derrotado pela realidade, creu verdadeiramente ser um cavaleiro andante, pronto a destruir a maldade com sua fúria. Por outro lado, em *O Púcaro Búlgaro*, a epopeia pós-moderna, os aventureiros estão rumando justamente para aquilo que acreditam não existir e, portanto, não fazem a menor ideia de como lá chegar.

Em 2005, quando se deu o lançamento de *King Kong* de Peter Jackson, a crítica, a exemplo de Isabela Boscov⁴¹, elogiou o fato de o diretor neozelandês, em

⁴⁰ A atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, descendente de búlgaros, surpreendeu o público em sessão da peça *A Lua vem da Ásia* em 02/04/2011 no Centro Cultural Banco do Brasil. Dilma Rousseff também visitou o mítico país, terra natal de seu pai, Petar Rousseff, em 05/10/2011, colocando em xeque a teoria de que a Bulgária não passaria de uma lenda.

⁴¹ BOSCOV, Isabela. *Veja*. 14 de dezembro de 2005, p. 45-48.

vez de transpor a história do macaco gigante para os dias de hoje, ter optado em ambientar as ações nas primeiras décadas do século XX, em que ainda inexistiam recursos como radares, satélites, além de os aviões do período terem os voos com baixa autonomia, o que tornaria mais plausível a existência de uma ilha ainda não mapeada pelo homem. Com ferramentas simples como o *Google Earth* ou um GPS, das quais qualquer celular mediano é dotado, a proposta de um *King Kong* pós-moderno se tornaria ridícula. O mundo já foi completamente esquadrinhado. Resta à humanidade, portanto, uma glória algo decepcionante: todas as fronteiras escancaradamente desbravadas. Tal feito dissipou efetivamente o alcance de utopias mais diversas que, em todas as culturas, estimularam por anos o imaginário de povos inteiros.

Se há uma possibilidade de fugir ao mundo desencantado e desnudo, na expressão consagrada pela filosofia de Max Weber, é suspeitar de que as coisas sejam tais como são apresentadas. Há uma imensa variedade de movimentos dispostos a sustentar esta dúvida. De esotéricos que insistem na existência do continente perdido de Mu ou na Atlântica dos diálogos de Platão, de ufologistas com teses as mais variadas, desde civilizações intraterrestres, de alienígenas habitando os abismos oceânicos ou as profundezas da Antártica, até o questionamento insistente do que de fato existe em regiões não muito extensas, a exemplo de bases governamentais tais a famosa Área 51 fincada no deserto de Nevada. As manifestações desta busca por um segredo no Atlas aberto sobre a mesa trazem em seu âmago uma decepção sufocada pela constatação de que o mundo não passa disto mesmo. Grande coisa. Pequena demais para todos.

Não é leviano entender como parte do citado processo este movimento ao encontro da fantasia que a literatura contemporânea dita de segunda linha promove com vigor. Infinitamente mais popular que as ficções-científicas, o que não deixa de causar espécie em vista da robotização do homem engendrada pela *übermodernidade*, são as sagas de incautos caminhantes, guerreiros desbravadores, magos andarilhos a cruzar continentes imaginários e terras medonhas e ao mesmo tempo absolutamente fascinantes.

Narrado em forma de diário, *O Púcaro Búlgaro* inicia suas ações com o personagem principal⁴² visitando o Museu Histórico e Geográfico da Filadélfia, lugar em que é acometido por uma epifania: ao vislumbrar um típico exemplar de púcaro, uma espécie de ânfora, provindo da Bulgária, o narrador vê toda uma farsa ser desmantelada à sua frente. Quem sabe não tivesse ficado tão surpreso nem ao se deparar com dinossauros e homens das cavernas convivendo juntos, como insistem em representar vários museus estadunidenses até hoje, a despeito dos sessenta e cinco milhões de anos que separam uma espécie da outra. Quiçá não o incomodasse a negação de Darwin e a suposição de que todos os seres vivos foram criados simultaneamente. E se, na afirmação criacionista, o dilúvio que varreu da face da Terra os répteis gigantes, no entender do narrador de *O Púcaro Búlgaro*, outro Armageddon líquido se aproxima:

Se a Bulgária existe, então a cidade de Sófia terá que fatalmente existir. Este o único ponto no qual parecem assentir os que negam e os que defendem intransigentemente a existência daquele país, desde os tempos antediluvianos até os dias pré-diluvianos de hoje. (CARVALHO, 2002c, p. 309, grifo meu).

Por conseguinte, em *O Púcaro Búlgaro*, se estabelece desde o princípio uma alienação voluntária por parte do narrador-personagem, um *bon vivant*, herdeiro de uma fortuna cuja origem não é explicada, homem solitário, que passa os dias a bolinar sua empregada, Rosa, e a espiar pelo binóculo, da janela de seu apartamento, o dia-a-dia alheio; especialmente o apartamento à sua frente onde passou a residir um idoso por quem nutre certa antipatia, mas ali o que mais lhe interessa é a outra coisa:

(...) a bunda da sua neta ou tataraneta é um dos grandes melhoramentos do bairro, e se falo melhoramento é porque só se mudaram para cá há uns dois meses; antes quem morava lá era um deputado com a sua mulher, ambos sem bundas. A menina deve ter seus 14 ou 15 anos, e não sei por que cismou que quem faz parte do mobiliário sou eu e não a Rosa – e de minha parte faço o possível para corroborar a sua teoria. Despe-se na minha frente como se fôssemos copular daí a um minuto, e põe-se a acariciar os pequenos seios como se os estivesse pondo na minha boca – eu um armário. (CARVALHO, 2002c, p. 332).

⁴² O nome do personagem, *sugerido* apenas uma vez em todo romance, será evitado neste capítulo e analisado adequadamente no capítulo 4: “Identidades fragmentárias”.

Antes de chegar a esta reclusão, o narrador-personagem revela a razão de viver assim, em seu diário anota estar prestes a realizar uma "grande e misteriosa empreitada – tão misteriosa que eu mesmo me esqueci de qual seja" (CARVALHO, 2002c, p. 319). Tudo tem início quando o narrador abandona a própria esposa num hotel da Filadélfia sem deixar-lhe ao menos o dinheiro para as despesas. Tal gesto inconsequente, que não buscou justificar nem na ação de divórcio que lhe moveu a mulher, brotou do fato de ter se confrontado com um exemplar de púcaro búlgaro no Museu Histórico e Geográfico de Filadélfia. Naquele momento, sabe-se lá por que, o personagem é acometido por um grande conflito interior e retorna ao Brasil, não podendo mais tolerar o estado de espírito em que se metera.

Atilado, busca confirmar com o diretor do supracitado museu, por meio de uma missiva permeada de rodeios, se realmente havia na sala X inequivocamente um – e disse o nome. Obteve a resposta clara, sem os mesmos desvios empregados na pergunta:

Prezado Senhor.

Respondendo a sua insólita e despropositada carta de 18 do corrente, venho informar que, após minuciosa diligência efetuada por pessoal altamente técnico e de reputação acima de qualquer suspeita, chegou-se à constatação de que na sala 304-B (ala direita) deste museu existe, sem a menor sombra de dúvida, um precioso exemplar de PÚCARO BÚLGARO, provavelmente do início do século 13 a.C. – sob a dinastia Lovtschajik.

Atenciosamente. (CARVALHO, 2002c, p. 311).

Tal confirmação veio a decidir o destino do personagem principal, que passa peremptoriamente a duvidar da existência da Bulgária. Esclarece que como toda gente, desde a tenra infância, sempre ouvira falar de púcaros e de búlgaros, no entanto nunca julgou que pudesse se tratar de algo mais que um jogo inocente de palavras, quando muito um trava-língua. E não, não estava simplesmente disposto a aceitar, assim acriticamente, a existência daquela terra fabulosa, que, em seu entender, devia fazer fronteira com Pasárgada ou Nárnica e ter entre seus mais ilustres compatriotas seres da envergadura de Peter Pan, do barão de Münchhausen ou de Gandalf, o Cinzento. Empenhado em pôr abaixo a deslavada impostura acobertada pelos céus da Filadélfia, defendida pelo imperialismo ianque e os canhões do Tio Sam, o personagem-narrador de *O Púcaro Búlgaro* elabora sua odisseia negativa. Adorno faz a seguinte observação sobre o propósito das narrativas épicas da antiguidade:

As epopeias desejam relatar algo digno de ser relatado, algo que não se equipara a todo resto, algo inconfundível e que merece ser transmitido em seu próprio nome. (ADORNO, 1999, p. 48).

O que não é o caso de *O Púcaro Búlgaro*, em que o personagem-narrador se investe de uma responsabilidade única em seu entender, porém sem valor algum, indigna de ser transmita às gerações futuras, mesmo como relato de uma expedição venturosa que culminou em tragédia, pois nem isto chega a ser. A obra, depois de tantos rodeios introdutórios, centra-se na arquitetura de um diário, conforme observa Douglas Ferreira Gonçalves na dissertação de mestrado *Da Ásia à Bulgária: Um Caminho Impossível*, apresentada em 2008 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais:

O livro *O Púcaro Búlgaro* é dividido em cinco partes, sendo a quarta parte a mais importante, formada por um diário que narra os preparativos para uma expedição que visa descobrir a Bulgária, que até então era considerada uma ficção, como o continente perdido do Mu ou a Atlântida. (GONÇALVES, 2008, p. 30).

À moda das epopeias, o narrador invoca o espírito dos grandes pioneiros antes de iniciar suas desventuras:

Colombo devia sentir o mesmo quando pela vez primeira arremeteu contra as Índias e foi descoberto por indígenas a que chamou de índios e índios continuaram até hoje; e Marco Polo com suas verdadeiras patranhas, suas patranhas verdadeiras, ao descobrir que para ter vivido vinte anos no país dos tártaros teria que pelo menos ter atravessado um dia o país dos búlgaros, e se pôs então a escrever ou a ditar o Livro das maravilhas; e Amundsen ao conquistar a duras penas o polo Sul para nele depositar uma carta dirigida ao rei da Noruega, quando lhe seria muito mais fácil metê-la logo no correio ou entregá-la pessoalmente; e ainda e finalmente o primeiro homem a pisar e a mijar na Lua, ou o primeiro selenita a mijar e a pisar na Terra, deslumbrados um e outro com a hipótese de um dia ainda virem a mijar em outros planetas, em outras galáxias e em todo o universo, transformando assim o espaço cósmico nesse sonho de todos que é um mijadouro universal. (CARVALHO, 2002c, p. 318).

Também em Adorno se encontra a observação:

O narrador foi desde sempre aquele que resistia à fungibilidade universal, mas o que ele tinha para relatar, historicamente e até mesmo hoje, já era sempre algo fungível. Em toda épica reside, portanto, um elemento anacrônico: no arcaísmo homérico da invocação à musa, que deveria auxiliar a proclamação do extraordinário. (ADORNO, 1999, p. 48).

Percebendo que sozinho não teria força suficiente para colocar em prática seus planos ainda não definidos, o narrador-personagem enfim decide por um anúncio na sessão mais lida do jornal, em seu entender, o obituário, convocando uma expedição ao reino da Bulgária. Aguarda pacientemente que surjam outros céticos, bravos ou loucos como ele próprio, dispostos a provar a inexistência da terra dos búlgaros. Após registrar por várias páginas em seu diário, algo decepcionado, a ausência de voluntários, passa a receber a visita de algumas pessoas desconfiadas, como a sondar os princípios da empreitada e consequentemente seus fins.

E é assim que após descartar três imprestáveis loucos varridos, o personagem consegue fundar a MSPDIDRBOPMDB (Movimento Subterrâneo Pró-Descoberta ou Invenção Definitiva do Reino da Bulgária ou Pelo Menos de Búlgaros). Entre os membros ilustres se poderia citar primeiramente Rosa, a silente empregada do personagem-narrador tomada objeto sexual por todos os demais, entre os quais consta o eminente professor de bulgarologia Radamés Stepanovicinsky, com um sobrenome acertadamente oriundo de algum rincão do Leste Europeu, porém nascido em Quixeramobim, no Ceará; Ivo que viu a uva, descendente direto do sábio hindu que inventou o zero e portanto herdeiro dos *royaltys* de todos os zeros utilizados no planeta; Penacchio, que adquiriu a mania de andar levemente inclinado após morar alguns anos ao lado da Torre de Pisa, na Itália; e Expedito, feito membro do movimento em virtude de seu nome, que mais pareceu aos outros componentes da intentona um presságio de bom agouro.

Evidentemente *O Púcaro Búlgaro* não se resume a uma pilhéria, uma historieta de desvairados. Entre os diálogos travados pelos personagens, que superficialmente podem parecer apenas insensatezes as mais variadas, encontram-se severas críticas à sociedade e à sua lógica operante ou ainda aparente. Um dos temas mais abordados no decorrer do romance é a sexualidade humana do homem-objeto, mencionada desde o princípio, quando o narrador-personagem reflete sobre sua ex-esposa, ponderando que ela:

Foi uma mulher boa enquanto foi boa, depois as nádegas lhe cresceram tanto que eu tinha dificuldade até de atingir a cozinha, estando ela nas imediações. (CARVALHO, 2002c, p. 320).

Do mesmo modo, o narrador relembra um volume interessantíssimo datado do século XIII ou XIV que encontrou certa vez na Biblioteca do Vaticano, e que tinha

por título (em latim): “NO QUE PENSAM OS ADOLESCENTES QUANDO NÃO ESTÃO PENSANDO NO SEXO.” (CARVALHO, 2002c, p. 323). O narrador revela que as quatrocentas e tantas páginas do tratado vinham naturalmente em branco, embora amarelecidas pela ação do tempo e apenas na última página era possível ler em elegante tipologia gótica a advertência FINIS. Em nota de rodapé, o editor fictício do romance *O Púcaro Búlgaro* esclarece:

* O título exato da obra, atribuída ao célebre humanista florentino Niccolo de' Niccoli, é: “Aquilo em que, 60 minutos por hora, 24 horas por dia, 30 dias por mês e 12 meses por ano pensam os adolescentes, as crianças e as criancinhas quando não estão pensando no sexo.” Existem pelo menos duas traduções conhecidas, uma para o venezuelano e a outra para o volapuque, sendo esta última bastante incompleta, sem o título e a advertência final (Nota do Editor.) (CARVALHO, 2002c, p. 232).

Em uma das reuniões da MSPDIDRBOPMDB, Ivo que viu a uva expressou sua preocupação de que a espécie humana estivesse em vias de extinção graças à tendência moderna de os dançarinos manterem os corpos afastados um do outro. Tal inquietação é de imediato confrontada pelo expedicionário Penacchio, que observou acertadamente que:

(...) uma coisa não tinha absolutamente nada a ver com a outra, e que o crescimento da população não dependia dos que estavam dançando mas justamente dos que não estavam dançando, ocupados certamente em coisa muito mais proveitosa. Mostrava-se inclinado, como de fato se mostrava, a admitir que a dança moderna não passava de um despistamento para enganar os pais ainda demais preocupados com o hímen complacente ou não de suas filhas: após um número mais violento de *rock* ou de *twist*, para o inglês e o resto do mundo verem, o que os jovens pares iam fazer no jardim ou no assento traseiro do carro era exatamente o mesmo que sempre fizeram desde que o mundo existe – sem tirar nem pôr, acrescentou, embora a expressão aqui não devesse ser tomada ao pé da letra. (CARVALHO, 2002c, p. 357).

A homossexualidade também não é deixada de lado e embora o personagem-narrador mantenha suas constantes relações com a empregada, além do *voyeurismo* com a ninfeta do prédio à frente à moda de Nabokov, sua heterossexualidade é posta em prova em algumas ocasiões.

Uma vez encontrei um amigo de infância que não via havia muitos anos; empurrei-o de encontro à parede, abracei-lhe o pescoço, o tórax, o abdome e a bacia, puxei-lhe os cabelos que aliás já estavam ficando escassos, dei-lhe tapinhas no rosto, nas costas, nos rins, nas pernas, na bunda, mal continha a emoção de enfim encontrar um amigo entre tantos inimigos ou indiferentes, fiz em suma tudo que era possível fazer na circunstância ou

mesmo fora da circunstância: quando vi, o homem se chamava Harald Haardraade, era norueguês de nascença e por convicção, acabara de chegar de Oslo ou de Jostedal e não estou bem lembrado, não entendia uma palavra do português e pelo visto não tinha o mínimo interesse em aprender. (CARVALHO, 2002, p. 355).

Como também atestam os intrigantes diálogos travados entre o narrador-personagem e o professor Radamés sobre a acentuada presença de homossexuais nas praias do Rio:

Um grupo de três veados que conversavam junto a um poste levou-me a outra ordem de especulações.

- Professor, e como se explica que numa cidade como Copacabana, onde há as mulheres mais lindas do mundo, deem tantos veados: cada ano o dobro do ano anterior, segundo as últimas estatísticas do IBOPE?

- Preciosa!...

O professor estava gastando a artilharia sobre um morenço de seus dois metros e tanto de altura, o sexo nos batendo no ombro sem bater. Repeti a pergunta quando um guarda armado de cassetete e transístor, olhava para o professor como se o tivesse pilhado em flagrante minete em plena via pública.

- Como se não bastassem os guardas, você ainda quer que eu preste atenção nos veados!!

A indignação do professor era justa, e eu já me sentia envergonhado de haver formulado a pergunta. Mas foi ele mesmo quem, após haver coçado os escrotos na direção do guarda, se encarregou de responder:

- Quanto mais veados, melhor para nós; veja se fica bonzinho. Ou você acha que já não basta a concorrência tremenda que temos que enfrentar a toda hora, em toda parte, até dentro da igreja, sobretudo dentro da igreja? Eu adoro os veados, mas a longa distância como fazem os crentes com o seu deus, que fazem tudo para ver o mais tarde possível, se possível nunca. Mas que maravilha!... Você viu só que pedaço de mulher? Imagine inteira...

Mas voltando aos veados, voltando vírgula, eles lá e eu cá, acho-os uma das coisas mais necessárias de Copacabana ou de qualquer parte do mundo; e espero que lá no inferno eles sejam pelo menos tão numerosos quanto aqui. E digo-lhe mais – e baixou a voz, como se estivesse falando do câncer – em caso de absoluta precisão eles até que não são lá essa coisa horrível que você está pensando; conheci um, uma vez, que quase chegou a me convencer, o diabo tinha uma boca e um antípoda da boca que não ficavam a dever nada a muita mulher por aí, sobretudo essas que passam por ser de boa família e acabam se convencendo de que o são realmente: umas vigaristas que nem sequer merecem a bunda que têm. (CARVALHO, 2002c, p. 353-354).

E até insinua-se, numa madrugada de sonhos mal dormidos, uma breve e estranhíssima atração entre narrador-personagem e o emérito professor de bulgarologia. (CARVALHO, 2002c, p. 347).

Como em *A Lua vem da Ásia*, apesar de todo niilismo aparente, é possível perceber em *O Púcaro Búlgaro* uma inclinação progressista em certas críticas tecidas no romance, não apenas iconoclastia pura, especialmente aquelas passagens que dizem respeito à religião dominante e às elites:

(...) o expedicionário Ivo que viu a uva estranhou que, na marcha em que andam as coisas, a antropofagia ainda continuasse sendo condenada pela Igreja e pelos bons costumes, ou pelos maus costumes como em aparte corrigiu o professor Radamés; no seu entender, muito pior do que comer o seu semelhante é fazer com ele o que se vem fazendo desde que o mundo é mundo, sobretudo entre as classes ditas dominantes e cujo domínio é tão incerto quanto os domínios britânicos ou de qualquer outra espécie; e citou o exemplo do gato enfasiado diante do rato, fazendo dele um brinquedo quando não sente a urgente necessidade de devorá-lo. (CARVALHO, 2002c, p. 359).

Adiante, o autor pondera: “conceitos ou preconceitos morais e religiosos nunca evitaram coisíssima nenhuma, como atestam os tempos de guerra e sobretudo os tempos de paz.”. (CARVALHO, 2002c, p. 360).

É importante perceber que, embora ácida e severamente cínica, a trama de *O Púcaro Búlgaro* estimula um riso menos engasgado do que aquele propiciado em *A Lua vem da Ásia*. Igualmente pontua Caroline R. Heck:

Com uma franqueza desconcertante, faz-nos tomar consciência, com uma pancada forte, de nossa própria condição mortal e passageira. Chama a atenção para as coisas pequenas e sem sentido com as quais ocupamos nossa existência enquanto esperamos a morte e para que fazemos para nos esquecermos dela. Faz ver que, em uma instância bem mais simples do que costumamos pensar, somos todos iguais, visto que morreremos e nos tornaremos pó um dia. Ao mesmo tempo, faz-nos gargalhar de homens que se esquecem disso e se colocam em posições mais "assépticas". Apesar de todo esse choque de realidade ao qual nos submete, o faz da maneira mais agradável possível - através do riso. (HECK, 2007, p. 09-10).

Assim como muitos leitores, Campos de Carvalho considerava *O Púcaro Búlgaro* sua obra-prima, conforme atesta o seguinte trecho de uma entrevista sua concedida a Heleno Álvares: “De repente, Campos de Carvalho conta que escreveu *O Púcaro Búlgaro* em 20 dias e que o considera seu melhor livro.”⁴³.

O derradeiro livro de Campos de Carvalho faz-se mais cômico e despreocupado que o primeiro – não menos contundente. E embora os narradores de ambas as obras tenham problemas de identidade, estes desvios se manifestam de forma diferenciada. Sendo o narrador de *O Púcaro Búlgaro* algo aproximado a um Quixote pós-moderno: um senhor de posses, bem estabelecido, que passa a perceber a realidade de uma forma diferente que antes, talvez para se livrar do tédio

⁴³ Entrevista originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

e de um relacionamento erodido, empreendendo uma busca que, no fundo, significa desencontrar-se de si mesmo.

E ainda sobre as abordagens progressistas na obra, há, como exemplo notável, o estandarte da nau dos bravos expedicionários que rumarão ou não à Bulgária, onde se encontra os dizeres: SÓ HÁ UMA VERDADE ABSOLUTA: TODO RACISTA É UM FILHO DA PUTA. (CARVALHO, 2002c, p. 340). Maiúsculas do autor mantidas nas duas vezes em que a frase é mencionada na narrativa.

Registrando-se aqui, o que é tão raramente lembrado, que o conceito de raça é uma invenção moderna, posterior às luzes da guilhotina em 1789. Suas modalidades são diversas, mas o judeu surge desde o início como a maior das vítimas, assim prova o horrendo *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855) de Joseph Gobineau e as teorias igualmente abomináveis de Houston Chamberlain. A historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, professora titular da Universidade de São Paulo (USP) faz a seguinte observação sobre o antissemitismo no ensaio *A Tolerância como Virtude*:

O mais complexo entre as distintas formas de racismo é, certamente, o antissemitismo, que, nos dias atuais, se faz acobertado pelo antissionismo e o antiamericanismo. Observamos que, após a Segunda Guerra Mundial, o discurso racista passou por uma metamorfose quanto aos seus fundamentos. Deslegitimado pela ciência e repudiado pelas dimensões alcançadas pelo Holocausto – definido como crime perante a lei internacional e condenado como genocídio pelo Conselho das Nações Unidas em 1948 – o racismo foi sendo esvaziado como teoria das raças. Deixou de lado o cientificismo biológico para se fortalecer em bases culturalistas. (CARNEIRO, p. 7).

E é apropriado acrescentar aos estudos da pesquisadora, que o racismo tem retornado com aval científico e não somente cultural, sob o invólucro da cultura do gene.

Regressando ao desenrolar de *O Púcaro Búlgaro*, observemos a lista de itens essenciais à viagem tal como estabelecida em ata pelos ousados navegantes, desarmados e diametralmente opostos a um barão assinalado:

Tirando-se o que não consta da lista organizada, a lista organizada ficou sendo a seguinte:

Um quadrante. Um sextante. Se possível, um oitante. Um astrolábio.
Um planetário.

Uma ampulheta.

Tábuas astronômicas da Lua. Uma sonda de medir profundidade.

Um mapa-múndi (não desses que se vendem em qualquer bazar). Um telescópio. Um microscópio.

120 escaleres.

Um canhão.

Uma porta de emergência (sobressalente). Um saxofone.

Uma âncora, de preferência já ancorada.

Uma imagem de São Prepúcio, padroeiro dos bulgarólogos. Um eletroencefalógrafo.

2.000 quilos de lastro (Livros da Academia, Dicionários, Gramáticas e Gramáticos, Artigos de fundo, fundistas, Tijolos, Paralelepípedos, anais do Legislativo, Coletâneas de leis e decretos, Suma Teológica de Sto. Tomás de Aquino, Livros de Crônicas, Discursos políticos).

Um retrato do Papa, autografado.

Uma agulha mais ou menos magnética. Um fio de prumo.

Um calidoscópio.

Pequena Biblioteca: Ficção Científica, Folclore, Ocultismo, Magia, Mitologia, Constituições Federais e Estaduais (com as mais recentes emendas), As Profecias de Nostradamus, O verdadeiro livro de São Cipriano, Manual de equitação sem mestre, o Kama Sutra etc.

Um penico.

200 quilos de vaselina.

600 rolos de papel higiênico.

Um ventilador, com ventos nordeste, alíseos, etésios e outros. Um caixão de defunto (vazio).

Um espelho côncavo e um convexo. Um adivinho.

Um feiticeiro.

Um curandeiro.

Um paleontólogo.

Um maço de palitos.

Um livro de bordo, de preferência já escrito. Um telefone.

200 garrafas de uísque, 400 de gim, 200 de vermute, 200 de vodca, 1.000 de cachaça e 1 de guaraná.

Um oligocronômetro.

Uma cuíca.

Um sabonete.

Um desconfiômetro (para o Expedito). 8.000 baralhos.

Um caça-borboletas.

Um pé de cu-de-cachorro, ou cu-de-mulata, vulgo amarelinha. (Dois, um para o professor Radamés.)

Uma bicicleta.

Um mesolábio e um galactômetro.

Um vidro de hexametenotetramina.

Um aparelho de clister.

Um estilingue.

Um tubo de comprimidos (bem comprimidos). Duas caixas de serpentinas.

Um dicionário inglês-búlgaro (e um inglês-búlgara, para o professor). 5 guarda-chuvas.

2 pares de raquetes de tênis.

Uma faixa com o dístico "TODO RACISTA É UM FILHO DA PUTA".

Um aparelho de ar-refrigerado.

Uma escada de subir. Uma escada de descer.

Uma luneta para avistar Bulgárias (último modelo dinamarquês). Um piano automático.
 5 frações da Loteria de Natal.
 10 ampolas de vacina anti-rábica. Uma pele de tigre da Bengala. Um cocar de índio.
 Uma corda de duas pontas. Um saca-rolhas.
 Uma máscara congoleza.
 Uma cabra bem fornida (com pouco uso). (CARVALHO, 2002c, p. 371-373).

Itens da maior relevância para uma viagem tão desimportante. A magia do humor reside na insolência educada, uma catarse que conclama a todos a zombar os poderes, as instituições, a falsidade e a artificialidade das regras e de certa forma permitir que as pessoas comuns se sintam parcialmente justificadas num mundo de hipocrisia obscena.

A grandiosa empreitada de *O Púcaro Búlgaro* termina, como não poderia deixar de ser, numa gigantesca presepada. O expedicionário Expedito acaba fugindo com Rosa e com todo o dinheiro da MSPDIDRBOPMDB (Movimento Subterrâneo Pró-Descoberta ou Invenção Definitiva do Reino da Bulgária ou Pelo Menos De Búlgaros). E Radamés Stepanovicinsky, o magnânimo bulgarólogo, confessa não ser iniciado nesta ciência oculta, não passando de um mero vida-torta interessado nas curvas de Rosa, a empregada:

- Eu queria comer a Rosa, que conhecia de vista desde muito tempo, e por isso inventei aquela história toda. Uma vez que não a comi, que não a pude comer, que outro a comeu que não eu, e acredito tenha sido um dos poucos que não a comeram – não havia mais razão nenhuma para continuar fingindo que não era búlgaro, quando é muito mais fácil fingir que se é búlgaro, coisa que até hoje ninguém conseguiu provar se é ou se não é, se foi ou se não foi, se será ou se não será. E, mudando de assunto, onde é mesmo que vamos jantar hoje? (CARVALHO, 2002c, p. 377).

Assim, conforme teorizada por Adorno, a “ingenuidade épica” que moveu os heróis do passado irrefletidamente, por sina e não por opção, a comandarem feitos inigualáveis, fazendo de si mesmos campeões do destino e principalmente da vontade dos deuses, não é só invertida em *O Púcaro Búlgaro*: a impossibilidade de viajar para um lugar que não existe a fim de comprovar sua inexistência anula prematuramente a ambição dos expedicionários membros da MSPDIDRBOPMDB, que se reuniram não só para preencher seus vazios interiores, mas sobretudo por obra do mero acaso e não do destino, como quem fica sentado no ponto de ônibus apenas para contemplar o tráfego. Ou toma uma lotação qualquer tão-somente para

se sentir em movimento. Tudo incerto, menos a sensação de que até este tudo também desmorona velozmente. Eric Hobsbawm alerta nessa vertente:

Portanto, além das incertezas da economia e da política mundial, uma crise social e ética se instalou. Uma crise de crenças, uma crise de teorias humanistas, uma crise de todas as formas de organizar as sociedades. Perdemos nossas referências, não sabemos para onde vamos. As novas gerações vivem perdidas, à deriva.⁴⁴

Tal qual em *A Lua vem da Ásia*, *O Púcaro Búlgaro* compartilha idêntico ceticismo em relação ao projeto humano edificado pela modernidade e feito líquido na mesma velocidade em que a sociedade humana marcha em direção à sua dissolução definitiva. Também como em *A Lua vem da Ásia*, *O Púcaro Búlgaro* desenvolve-se como uma metaficção historiográfica, conceito definido por Linda Hutcheon (1991) como o cerne da ficção contemporânea pós-moderna, cujas fronteiras são intensamente fluidas, numa mescla de romance, coletânea de contos, biografia e história, enfim, uma hibridação definitiva de gêneros.

Os protagonistas de *A Lua vem da Ásia* e *O Púcaro Búlgaro*, cada um em sua ponta da corda, mesmerizados pela nulificação. Tal descrença está instalada na leitura que os personagens lançam sobre a realidade e faz com que o mundo lhes pareça, com razão, desprovido de qualquer lógica e, por isto mesmo, capaz de comportar mesmo as interpretações mais delirantes.

Eis a alegre sina do manicômio sem paredes. O antiépico começa em nada e chega a lugar nenhum.

E que se espalhe pelo hospício, se tão sublime preço cabem em riso.

⁴⁴ Décimo terceiro ponto sobre os padrões sócio-históricos predominantes durante o século XX, segundo o historiador Eric Hobsbawm. <<http://www.perspectivas.com.br/trans30.htm>>.

3. SURREALISMO POSSÍVEL E REALIDADE INSUPORTÁVEL: DO REALISMO-FANTÁSTICO AO REALISMO CAÓTICO

Häagen-dazs de mangaba
Chateau canela-preta
Cachaça made in Carmo dando a volta no planeta
Caboclo presidente
Trazendo a solução
Livro pra comida, prato pra educação.
Os Paralamas do Sucesso – Lourinha Bombril

Nem tudo é fantástico do lado de baixo do Equador. Agora chegou o momento de ponderarmos o problemático papel de Campos de Carvalho e de sua produção na linha evolutiva da literatura brasileira e mesmo latino-americana. Já foi anteriormente mencionado nesta dissertação que, na falta de uma classificação mais adequada, um tanto às pressas, Campos de Carvalho acabou sendo tomado surrealista. Outras definições também foram propostas. Para ficar em um exemplo, observemos o raciocínio do prolífico escritor e crítico literário Brasigois Felício:

A angústia do romance existencialista é uma presença forte na literatura brasileira. Em muitos casos fundiu-se com o realismo fantástico, casos de Murilo Rubião, José J. Veiga, Clarice Lispector, Campos de Carvalho, e até mesmo na estética da crueldade, em Bernardo Élis, ou na ficção e no teatro de Miguel Jorge, e nos contos de Delermundo Vieira ou de Antonio José de Moura. (FELÍCIO, 2009).

Quando se fala em realismo fantástico então, o local de Campos é ainda mais questionável.

Há muito se mistura o surrealismo como uma concepção de vida com o surrealismo canônico, literário, vanguardista fundado por André Breton em 1924. Uma analogia possível pode ser estabelecida entre o anarquismo enquanto doutrina filosófico-social e o anarquismo enquanto revolta não teorizada, a exemplo do movimento *punk* nascido no fim dos anos 1970 e que teve por expoente máximo a banda Sex Pistols, cujos integrantes nada, absolutamente nada, tinham a ver com Bakunin, Kropotkin, Proudhon ou Emma Goldman; ainda que se considerassem os mais anarquistas entre os anarquistas. O mesmo se dá ao afirmar que uma pessoa é romântica como postura, nunca como membro de um movimento encerrado há mais de 150 anos. Campos de Carvalho foi mais surrealista enquanto postura e menos como autor. A própria confusão de influências já é parte da arquitetura pós-moderna,

de acordo com o pensamento de Linda Hutcheon, de Zygmunt Bauman e da própria expressão criativa de Campos de Carvalho, a devorar e vomitar influências, estranhando quaisquer definições sólidas que pudessem parir delas.

Toda definição é problemática em essência. Embora se pretendam universalizantes e razoáveis, são, não raras vezes, redutoras e rasteiras. Simplificam o que se desdobra em significados e complexidades mais amplos; compactam e por essa razão eliminam as sinuosas particularidades e as arestas; achatam e portanto anulam as dimensões angulosas – de onde, em última instância, poderiam brotar os aspectos mais relevantes do objeto colocado em estudo. Não há como ser diferente: a própria natureza do conhecimento forma-se de modo semelhante, dada a incapacidade lógica da mente humana de correlacionar cada uma das infinitas circunstâncias em que se percebe dinamicamente mergulhada. Nas palavras de Edgar Morin: “O real é enorme, fora das normas em relação à nossa capacidade de compreendê-lo.” (MORIN, 2002, p. 44). Daí advêm as definições e toda carga de problemas que delas decorrem. Se das definições não podemos fugir na busca, no manejo e na construção do conhecimento, é um tanto precipitado nos entregarmos a elas como reféns, prisioneiros ou presas acanhadas. Repensá-las sempre se mostra uma atitude saudável, quiçá indispensável.

Walter Campos de Carvalho bem como o período em que sua obra se insere encontram-se igualmente cercados de definições apressadas; tecidas mais no pismo e/ou no descaso que na análise profunda, análise esta permitida geralmente, mas nem sempre, pelo tempo e pelo distanciamento histórico adequado. O irônico Primeiro Postulado do Isomorfismo, de autoria desconhecida, geralmente circulando nas bem-humoradas listas de Leis de Murphy que abarrotam caixas de email por todo mundo, propõe que as coisas que não são iguais a coisa nenhuma são iguais entre si. Não é em vão que tal axioma pós-moderno foi aqui fincado: a tentativa de se compreender Campos de Carvalho e sua prosa peculiar colocou este autor sobre o divã atemporal da estética surrealista, correlacionando delírios diversos como uma coisa só e privilegiando-os em detrimento de outras compreensões... também possíveis e talvez até mais válidas.

O surrealismo em que Campos de Carvalho foi inserido um tanto às pressas é, nesse caso, apontado como tardio pelos poucos críticos que se dispuseram a falar de sua obra, e este surrealismo tardio, por sua vez, acaba se integrando ao campo

extremamente amplo e mal explicado do pós-modernismo. Vale lembrar que as coisas diferentes entre si só conservam uma semelhança ilusória entre elas próprias. Uma semelhança, por assim dizer, *líquida*, sensível às pressões do tempo e do espaço: o que se deforma o tempo todo não é semelhante a coisa alguma senão às flutuações das pressões temporariamente exercidas. A transferência da teoria da dinâmica de fluídos da física para o campo social é uma contribuição bastante válida do sociólogo Zygmunt Bauman para devassar as brumas de nossas incertezas modernas:

"Fluidez" é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, com a autoridade que tem, nos informa, é que eles "não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis" e assim "sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão". Essa contínua e irrecuperável mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar à sua forma original. Os líquidos, uma variedade dos fluidos, devem essas notáveis qualidades ao fato de que suas "moléculas são mantidas num arranjo ordenado que atinge apenas poucos diâmetros moleculares enquanto "a variedade de comportamentos exibida pelos sólidos é um resultado direto do tipo de liga que une os seus átomos e dos arranjos estruturais destes". "Liga", por sua vez, é um termo que indica a estabilidade dos sólidos - a resistência que eles "opõem à separação dos átomos". Isso quanto à Enciclopédia britânica - no que parece uma tentativa de oferecer "fluidez" como a principal metáfora para o estágio presente da era moderna. O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. (...) Mas a modernidade não foi um processo de "liquefação" desde o começo? Não foi o "derretimento dos sólidos" seu maior passatempo e principal realização? (BAUMAN, 2000a, pp. 7-8).

Nesse sentido é preciso repensar o papel de Campos de Carvalho dentro da produção literária brasileira da segunda metade do século XX, abordando a problemática do pós-modernismo e daquilo que se convencionou a chamar de pós-modernidade – sem se prender a essas definições apressadas tampouco realizar uma apologia delas. Portanto a “pós-modernidade” em Campos de Carvalho poderia ser posta em aspas desde o título desta dissertação, pois se pretende aqui abordar um período que se configurou diferente da modernidade, também, entre aspas, “clássica”, “sólida”, “dura”, mas que de modo algum significou a superação daquele e ao mesmo tempo deste período moderno.

A veloz dinâmica assumida pela sociedade no decorrer do século XX e particularmente acelerada em sua segunda parte é a matriz da narrativa de

Carvalho, que acompanha o processo de dissolução da sociedade, da *belle époque* à pós-modernidade, das classificações fáceis de seu trabalho ao assombro amedrontado do silêncio que se seguiu, do romantismo parisiense às margens do Sena ao caos niilista do mundo globalizado que tem Nova Iorque como centro de uma periferia infinita de horizontes sombrios, da crise de identidade dos seus personagens ao homem indigente e/ou multifacetado de nossos dias.

Assim se torna esclarecedor por que Carvalho, pela voz de um de seus personagens, pontuasse que sua obra não deveria ser publicada, pelo menos até o início do século XXI, período em que certamente o mundo já não faria o menor sentido. Essa declaração de súbito nos coloca em confronto com a visão de Breton de que o surrealismo deveria contemplar aspectos da subjetividade humana, por exemplo, o sonho, que teriam sido negligenciados desde sempre em privilégio da razão (BRETON, 1924, p. 4). O que Campos acena é que a falta de sentido sempre foi a maior característica do universo, a coerência humana que é uma farsa deslavada, e que se agora as coisas parecem mais graves que antes é porque já não nos servem os ancestrais pilares de comodidade, manutenção e segurança civilizatória tais como as ideologias, a religião e mesmo a ciência que, em sua suposta imparcialidade, veio nos últimos quinhentos anos anunciar que a Terra não é o centro do universo, que o *homo sapiens* não é privilegiado em relação ao resto do cosmos, que, ao invés de anjos, os primos mais próximos dos humanos são os símios, que boa parte do que é orgulhosamente chamado de consciência ou livre-arbítrio é determinada por uma camada mental que dirige nossos passos por mecanismos desconhecidos e não acessíveis por nós mesmos, e, por fim, só para limitar os exemplos mais expressivos, que o tempo nem é uma constante universal.

As observações colhidas nas entrevistas realizadas com Heleno Álvares, único amigo íntimo que Campos de Carvalho cultivou até seus últimos dias, também não enquadraram completamente Carvalho no espectro surrealista:

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: Tenho outra pergunta. Você que conheceu o Campos... como ele lidava com esta ideia de ser surrealista? Ele se aceitava nesta condição, porque já li textos em que ele a nega, outros em que ele até elogia. Sei que ele preferia ser chamado de satanista, embora isto pouco se relacione com literatura por assim dizer.

HELENO ÁLVARES: Não. Ele aceitava, gostava da ideia do surrealismo. No entanto, ele não gostava de ser rotulado. Na entrevista que fiz, eu lhe perguntei se era certo dizer que ele fazia um "surrealismo autobiográfico".

Ele disse que sim. Mas senti que para ele faria pouca diferença ter dito que não. Tudo dependia do seu estado de espírito.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: É uma questão acadêmica que não diminui em nada a obra de Campos a meu ver. Digo, o fato de não considerá-lo surrealista.

HELENO ÁLVARES: Claro que não diminui. Acho que até a engrandece. Mas eu vejo por outro viés, não o considero surrealista. E se sim, o considero um surrealista ao seu modo. Ele não segue, por exemplo, nenhuma linha surrealista, ele criou uma realidade pessoal. Sinceramente, não creio que houve surrealismo no Brasil. Cláudio Willer, num ensaio chamado *Campos de Carvalho: prosador surrealista?*, publicado numa edição da revista *Veja* em 1998, aproximou Walter do realismo e negou sua pretensa natureza surreal.

ARMANDO RIBEIRO JÚNIOR: Influências certamente.

HELENO ÁLVARES: Sim, mas não surrealismo ao modo europeu. Como não houve cubismo por aqui, nem expressionismo, nem nenhuma das vanguardas europeias tal como elas se formaram. Houve influência, claro, mas não a ponto de consolidar um movimento, lhe dar nome e forma. Épocas diferentes, pessoas outras, sentimentos muito diversos. Acho que o Walter rasga um caminho original como Machado no Realismo. Walter, para mim, é muito maior que o surrealismo de um modo geral e não é puramente uma expressão do delírio e da loucura como costumam enxergá-lo. Numa passagem de *Quem tem medo de Campos de Carvalho?* há um trecho que menciona que seria muito fácil resolver as obras de Campos classificando-as surrealistas. Não é o próprio Juva quem diz. É a citação de outro autor, que define o Walter como um realismo atroz. Com esta abordagem, penso que ele estaria mais para um ultrarrealismo.

ARMANDO RIBEIRO JUNIOR: Concordo com essa abordagem. Tanto que ele nunca cita nenhum autor surrealista quando fala de seus livros prediletos.

HELENO ÁLVARES: Penso que mesmo assim, não há nenhum mal em chamá-lo de surrealista. Porém sabendo-se que seus livros não são só um reflexo de um fenômeno europeu, mas algo genuíno. O Walter dizia que não gostava de nenhum autor surrealista brasileiro.

ARMANDO RIBEIRO JUNIOR: Entendo.

HELENO ÁLVARES: Os livros dele estão dentro do conceito da ruptura com a realidade, passando uma nova abordagem. Mas em momento algum ele se considerou "academicamente falando" um surrealista.⁴⁵

Linda Hutcheon (1991) abre o leque de abordagens, fazendo de sua teoria literária uma análise mais ampla, passando pela arquitetura, pela música, pelos monumentos, e outros fenômenos tipicamente urbanos a exemplo do grafite.

A reutilização radical dos espaços urbanos está em nossas pautas. A arte após-moderna empregará sua criatividade na superação do tédio arquitetônico e na eliminação do frenetismo cinzento das cidades. Quem, por meio de uma pichação, conseguir despertar um sorriso sincero ou uma reflexão momentânea dos transeuntes, terá alçado êxito maior que os poetas presos aos limites editoriais e às prateleiras das livrarias e bibliotecas; poetas que, em última análise, só servirão de alimento às traças e aos gramáticos. Intervenções teatrais nas praças, grafite, danças de rua, saraus em botecos, luaus regados a vinho e poesias de movimento. Quem preferir ser estático não servirá nem para os arqueólogos.

As palavras de ordem são:

⁴⁵ Entrevista realizada por mim no dia 23/09/2011.

Arte de coletividade!
Irreverência e acidez!
Caneta e papel para todos!⁴⁶

Hutcheon estabelece que a arte pós-moderna não tem compromisso com a coerência estilística, social ou individual, nem mesmo com a compartimentação de saberes. Nos discursos pós-modernos, no olhar da pesquisadora, o que se observa é o descentramento, o instantâneo, a ambiguidade, a liquidez e a incerteza. Análogo ao que se vislumbra em Bauman:

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo. (BAUMAN, 2007, p. 10).

Talvez por isso o intento fugidio das personagens carvalhianas, ao suspeitar uma felicidade inatingível.

E a relação entre Campos de Carvalho e o realismo-fantástico, indicada por Brasigois Felício, é igualmente duvidosa. Principalmente quando constatamos que o realismo-mágico é uma experiência nascida na modernização tardia do continente latino-americano, em que o progresso científico mesclou-se com a tradição e a lenda, inclinando-se à Lei de Clark, que postula: qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia.

Campos antecipa em verdade o realismo caótico, o realismo anárquico, que, aliás, são vieses legítimos da pós-modernidade. Vieses também engendrados na América do Sul, conforme estabelecidos pelo Movimento MacONDO, surgido no início da década de 1990. Tal movimento, criado pelos escritores chilenos Alberto Fuguet e Sergio Gómez, que logo encontrou adesão de outros tantos, pretendeu representar uma nova realidade política na América Latina e não só abrir mão, como combater o Real Maravilhoso que se tornou uma marca do exotismo sul-americano.

Efraim Medina Reyes, pertencente à nova leva de escritores contrários ao realismo fantástico, e autor do estranhíssimo romance *Técnicas de Masturbação de Batman e Robin* (2004), descreve lucidamente que a maior parte das populações

⁴⁶ Fragmento do *Manifesto Potencialista – uma nova interpretação para a interpretação de um mundo novo*, capítulo 4.2. *O Pop na Arte: Da Sociedade do Espetáculo à Conclusão da Tragédia* in: Revista Ellenismos: Art is a Process NOT A PRODUCT. Arte e Mercado. Edição 24, novembro de 2012.

latino-americanas hoje vivem em centros urbanos tomados por violência, drogas e corrupção, que a fantasia do continente, se um dia houve, está aniquilada, e que o cinismo é a marca do homem e da mulher latino-americana do século XXI. Campos de Carvalho antecipou em cinquenta anos esta análise e desdobrou suas conjunturas, construindo uma narrativa inédita demais em seu tempo para ser apropriadamente compreendida.

Entrevistado pelo extinto Caderno MAIS! da Folha de São Paulo em 16/05/2004, Efraim Medina Reyes assim definiu as próprias influências:

Do pop, às novelas trash se estende minha formação literária. As canções de Prince e os livros de Truman Capote, filmes como *Paris, Texas*, de Wim Wenders, a música de Pixies e Nirvana, as propostas de John Galliano, a comida da minha mãe, as lutas de Cassius Clay e Sugar Ray Leonard. As mulheres que me despedaçaram o coração quando tudo parecia perfeito. Os medos da minha infância, que ainda me assolam certas noites. A poesia de Emily Dickinson e Cesare Pavese. As feridas de bala que tenho na perna direita e na barriga, a de faca que tenho no lábio e as milhares que não se veem por estarem lá dentro. (REYES, 2004).

Seu romance *Técnicas de Masturbação de Batman e Robin*, tido por revolucionário, é composto por fragmentos desconexos, misturando aforismos, autoajuda negativa e capítulos sem sequenciamento.

Assim também, tal qual Medina, porém décadas antes, estas técnicas pós-modernas foram empregadas na arquitetura de *A Lua vem da Ásia* e de *O Púcaro Búlgaro*.

O romance *A Lua vem da Ásia*, por exemplo, é dividido em duas partes: 1ª) A vida Sexual dos Perus e 2ª) Cosmogonia. Se não bastasse a estranheza dessa divisão, os capítulos da primeira parte são, respectivamente, assim enumerados: Capítulo Primeiro, Capítulo 18º, Capítulo Doze, (Sem Capítulo), Capítulo Sem Sexo, Capítulo 99, Capítulo Vinte, Capítulo I (Novamente), Capítulo, Capítulo CLXXXIV, Dois Capítulos num Só e assim sucessivamente; se é que é possível falar em sucessão nesse caso. Já a segunda parte, pega emprestado a ordem sequencial das letras de A a Z, sendo o penúltimo capítulo o N e o último O.P.Q.R.S.T.U.V.X.Y.Z. Somando-se a isso, estão os aspectos delirantes de *O Púcaro Búlgaro*, por seu turno, composto em forma de diário, que gradualmente vai perdendo a precisão, de marcações exatas dos dias passa-se à menção única dos meses, até se chegar ao ano, ao século em questão e enfim só sobra no alto das

páginas a palavra “século” como marca de (des)orientação temporal. Muito apropriado, neste momento, retornarmos às análises de Hutcheon:

Todas essas questões – subjetividade, intertextualidade, referência, ideologia – estão por trás das relações problematizadas entre a história e a ficção no pós-modernismo. Porém, hoje em dia muitos teóricos se voltaram para a narrativa como sendo o único aspecto que engloba a todas, pois o processo de narrativização veio a ser considerado como uma forma essencial de compreensão humana, de imposição do sentido e de coerência formal ao caos dos acontecimentos. (HUTCHEON, 1991, p. 160).

A Lua vem da Ásia e *O Púcaro Búlgaro*; a observação ligeira de seus enredos acaba por conduzir a classificações não muito precisas e diante de inovações como as empreendidas por Carvalho, a falta de referências não raro conduz a ordenações apressadas.

Nota-se: é sobre a Bulgária que recai a dúvida acerca de sua existência geográfica e é para lá que deseja rumar o protagonista de *O Púcaro Búlgaro*; não para Macondo com uma comitiva de ciganos conduzindo as novidades dos sábios alquimistas de Amsterdã, ou ainda para a Atlântida dos diálogos de Platão, a Terra da Cocanha medieval, Pasárgada com seu soberano tão gentil e suas prostitutas tão lascivas, Never Neverland, Tatipirun, a R”lhye dos mitos de Cthulhu ou qualquer outro reino imaginário desse mundo tão real. O fantástico de Carvalho, na ausência de um termo melhor, concentra-se no mundo tal como os mapas costumam dizer que ele é. É o protagonista que duvida que o mundo seja assim mesmo ⁴⁷, conseguindo gente suficientemente corajosa e cética para se juntar a ele nessa dúvida.

Por isso Campos de Carvalho se diferencia dos surrealistas. Sua proposta não é inspirada no inconsciente mergulhado no oceano do *delirium* freudiano, em oposição à ordem corrente e dominante da civilização humana. Pelo contrário, Campos de Carvalho vem apontar que o absurdo é a moeda do dia a dia, das relações humanas, tendo o pé fincado nos eventos contraditórios do século XX, que é, em enorme medida, sua essência. Período visto como o mais extremo desde sempre por Eric Hobsbawm. E com toda razão ainda estamos tentando compreender o último século afinal. Um século que espalhou o ideal democrático

⁴⁷ Considerando-se as velozes alterações realizadas nos mapas no decorrer do século XX, com impérios sendo pulverizados, nações em secessão, anexações geográficas, regiões sendo disputadas, canais rasgando continentes e países mudando de nome a torto e a direito, faz sentido questionar quais são as terras que ainda “existem” no globo.

pelo globo, mas ao mesmo tempo foi vítima das mais sanguinárias ditaduras da história. Um século que se fez avatar do progresso por meio do rompimento de fronteiras, indo do telégrafo à internet, do vapor aos supersônicos, da penicilina ao transplante de órgãos e à clonagem, da aspirina ao viagra, do voo das máquinas mais pesadas que o ar ao pouso na Lua e, ao mesmo tempo, das baionetas à bomba atômica, da agricultura de precisão às fomes artificiais, de Gandhi a Adolf Hitler. O século XX conseguiu a façanha de ser ao mesmo tempo o século mais próspero e mais assassino da história humana.

Campos de Carvalho não pretende passar a racionalidade para trás com peraltices oníricas ou desarticular a ordem por força de insubmissão, tampouco com sua prosa desconstruir a lógica, mas, ao contrário, denunciar o cadáver dela apodrecendo na sarjeta aos olhares indiferentes dos transeuntes inebriados por álcool, cocaína e televisão; que caminham, vão e vem, partem e voltam, sem saberem exatamente para onde, por que e principalmente para quê. Suas intenções são sintetizadas no primeiro parágrafo de *A Lua vem da Ásia*, em que o protagonista revela que aos dezesseis anos matou seu professor de lógica, tendo em seguida evocado a legítima defesa e logrado absolvição – toda obra passa a ser a denúncia desse crime perpetrado no cerne da modernidade e a veloz dissolução dos preceitos e significados inerentes à sociedade erguida em 1789 – e ninguém quer levar a culpa pelo esquartejamento da lógica, portanto a legítima defesa, aqui, se faz a mais legítima. A incompreensão – tanto dos setores da direita quanto da esquerda – da qual Carvalho foi vítima deu-se porque este autor não se encaixava na órbita maniqueísta edificada pela Guerra Fria, vagando livremente pelas fronteiras ideológicas e duvidando abertamente que qualquer coisa boa pudesse advir da empreitada política humana.

O Movimento MacONDO, cujo nome ao mesmo tempo remetia à mítica cidade criada por Gabriel Garcia Márquez, aos preservativos que selaram o sexo livre na geração HIV, ao Macintosh que substituiu a escrita e mesmo a datilografia, ao consumismo e internacionalismo imperialista da rede de lanchonetes McDonald's, pois bem, MacONDO pregava o surgimento de uma nova geração literária que era pós-tudo: pós-modernista, pós-yuppie, pós-comunismo, pós-baby boom, pós-camada de ozônio. Para seus idealizadores não há realismo mágico, o que há é um realismo virtual, um realismo caótico. (FUGUET; GÓMEZ, 1996 e LIMA, 2006).

Houve e ainda há uma proposta de se rebatizar a cidade de Aracataca, terra natal de Gabriel Garcia Márquez, de Macondo. A este respeito Alberto Fuguet declarou:

Nova York não tentou virar Gotham City e aposto que, se um dia aprovarem essa Macondo 'de verdade', logo na entrada haverá um cyber-café, DVDs piratas e um shopping com ar-condicionado cheio de contrabando, igualzinho aos de Ciudad del Este, no Paraguai.⁴⁸

Neste sentido, Campos de Carvalho inaugura a concepção do novo homem latino americano e da realidade que o cerca. Estando tão antecipado em suas proposições, passou despercebido em seu tempo, porém hoje se faz mais que atualíssimo.

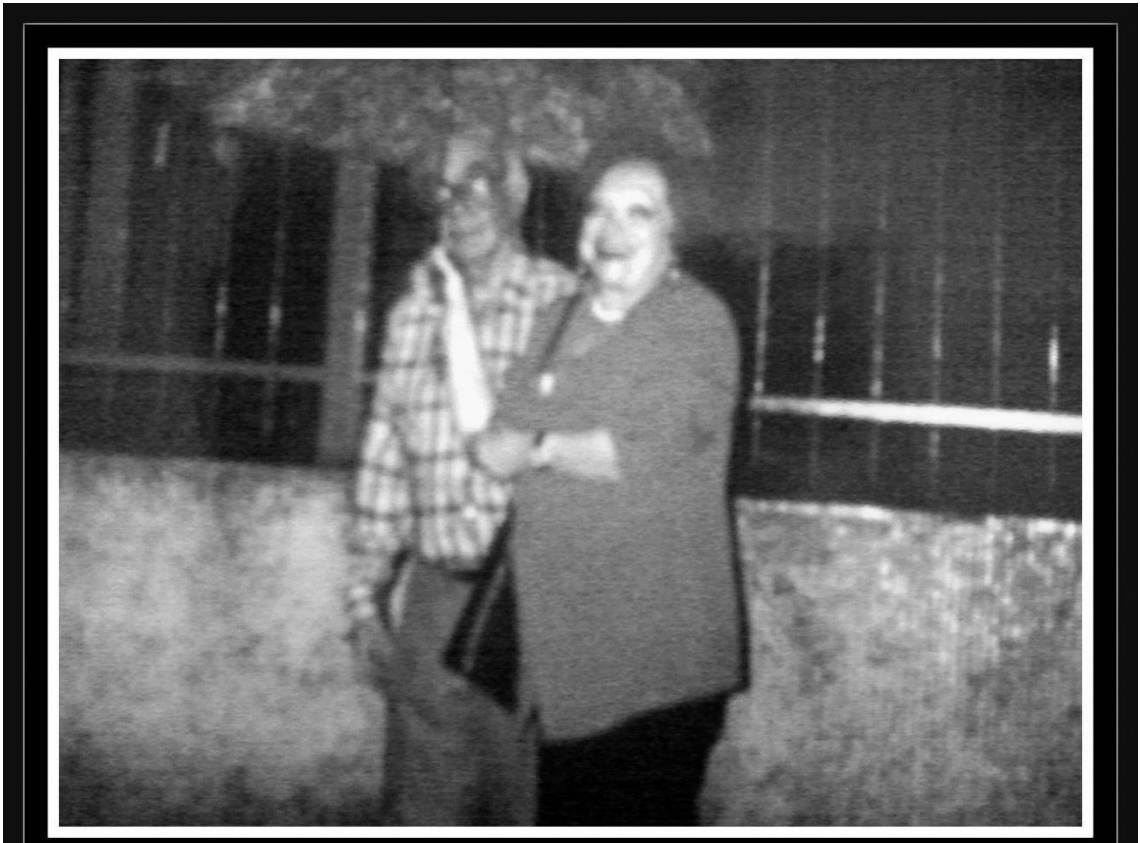


IMAGEM 05: Campos de Carvalho e sua esposa em frente ao prédio em que residiam. Fotografia tirada por Heleno Álvares. São Paulo. 1993.

⁴⁸ <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult3891u1.shtm>>.

4. IDENTIDADES FRAGMENTÁRIAS

O ser humano uivou durante milhares de anos. subitamente, com a invenção da escrita, e, é claro, da história, tal tradição desapareceu. (...). milhares de religiões floresceram nos quatro campos do globo apenas para tentar preencher, no espírito atormentado do homem, o vazio que a morte do uivo produziu.

Campos de Carvalho

A verdadeira identidade dos protagonistas construídos por Campos de Carvalho nos romances *A Lua vem da Ásia* (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964) acaba escapando à lógica figurativa. Se são, também não são. Se ocupam, também esvaziam. E se falam é para proclamar a necessidade do silêncio. O homem anulado, fragmentado é a representação exata das *personas* carvalhianas. Não mais importam indagações como *de onde viemos* ou *para onde vamos* no presente perpétuo dos valores liquefeitos da prosa do primeiro e do último romance de Walter. Neste contexto, agarrar alguma coisa na enxurrada é o que importa; qualquer coisa que possa satisfazer a mesquinhez do Eu que também não é um Eu que se importe em manter sequer esta permanência. Os princípios da incerteza e da inconstância social podem ser resumidos a partir do excerto abaixo extraído de *A Arte de Viver* de Bauman:

A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade genuína, adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tente chegar mais perto dele. (BAUMAN, 2000, pp. 31-32).

Percebemos que quanto mais avançamos, mais nos aproximamos de coisa alguma. E não é que tenhamos nos perdido em meio ao vendaval de poeira e espuma. Sempre estivemos aqui sem que o soubéssemos e agora tememos enormemente que de aqui não passemos.

Na segunda fase da modernidade, aquela desconfiança já prevista por Marx desde seu *Manifesto Comunista* e por Weber, ao postular que as sociedades modernas não são coisa muito palpável e sim um conceito largamente flexível e difícil de ser percebido objetivamente, concretiza-se em definitivo justamente dissolvendo as identidades humanas. Se antes a construção de uma identidade era um verdadeiro projeto de arquitetura moral, de alfaiataria de sólidos valores e de fidelidades as mais diversas, na modernidade líquida as identidades assumiram uma flexibilidade *prêt-à-porter*, moldadas ao sabor das circunstâncias, não exercendo resistência significativa a elas, pelo contrário, muitas vezes as identidades antecipam os eventos numa sociedade em que o primeiro-eu e o oportunismo se tornaram não só constantes, como estimulados e aplaudidos. Ninguém é ninguém. Ninguém é de ninguém. Ninguém é nada. As tantas máscaras hoje usadas, trocadas, recicladas, modificadas, inovadas não escondem máculas ou deformações, só um estrondoso vazio, assim aponta o excerto abaixo:

Fiz-me peripatético porque a palavra se ajusta como uma luva ao meu temperamento proteico e sonambúlico — da mesma forma como me considero funâmbulo, sacripanta, autóctone e outra palavras igualmente belas, cujo único defeito é o de figurarem nos dicionários. E para preservar minha própria autonomia, minha plena liberdade de espírito dentro da carcaça frágil de meu esqueleto, faço questão de ignorar até meu próprio nome de batismo — pois na verdade nunca fui batizado nem o serei jamais — chamando-me pelo primeiro nome que ocorra à cabeça [...], pois sendo como sou uma legião de criaturas, como o louco do Evangelho, qualquer nome que me dê será sempre um nome adequado a um dos mil espectros que compõem meu Eu fabuloso — ou, para ser mais modesto, o meu pobre universo. (CARVALHO, 2002b, p. 130-131).

“Cada um de nós é um universo!”, cantava Raul em *Meu Amigo Pedro* e em *Ouro de Tolos*: “E você ainda acredita que é um doutor padre ou policial/ que está contribuindo com sua parte/ para o nosso belo quadro social”. Um espectro decerto ronda as personalidades humanas, o conceito de individualidade e, por conseguinte, de identidade. O mesmo Sartre que esbravejou “O inferno são os outros!” em *Entre*

Quatro Paredes (1945), amava a máxima de Paul Valéry: “Um homem sozinho está em péssima companhia.”, a ponto de tê-la parafraseado.

Krishan Kumar (1985) frisa que a pós-modernidade se movimenta ao mesmo tempo pelo contemporâneo e pelo simultâneo, sendo, portanto, mais adequado falar em sincronia neste momento histórico, por mais bizarra que esta seja, do que em diacronia. Os laços estabelecidos ou rompidos pela proximidade e pela distância no espaço e não no tempo erigiram-se tais critérios de importância e autonomia. A demolição do espaço promovida pela internet é um dos exemplos a ser colhidos. O estabelecimento de redes multinacionais, que conciliam logotipos e chamadas famosas sob um mecanismo de operação obscuro, abstrato e desraizado do capitalismo realmente existente constituem outro exemplo, a outra face da face da descentralização e dispersão do sujeito e do objeto.

O “sujeito descentralizado”, nos termos de Kumar, não mais pondera sua própria identidade em termos históricos e/ou temporais. Findaram-se as expectativas de um desenvolvimento contínuo por toda a vida, anulou-se o sentido de uma história de crescimento pessoal satisfatório. Pelo contrário, o Eu pós-moderno desenha-se em borrões como uma entidade descontínua; como uma identidade, ou identidades, constantemente construídas e reconstruídas em tempo nulo. Não há uma única identidade ou segmento de identidade privilegiado, não há revolução ou maturidade. A estranheza dessa situação exige uma metáfora do Eu concebida em tempos espaciais, ou em atmosfera esquizofrênica, absolutamente incompetente na tentativa de sequenciar passado, presente e futuro, estabelecendo uma correlação da evolução das pessoas e das sociedades. (KUMAR, 1985, p. 156-157). Bauman desenvolve um raciocínio análogo:

Para a grande maioria dos habitantes do líquido moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com os precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras. Se outras pessoas as adotam (raramente de bom grado, pode-se estar certo!), são prontamente apontadas como sintomas de privação social e um estigma de fracasso na vida, da derrota, da desvalorização, da inferioridade social. (BAUMAN, 2005, p. 60).

Em *A Lua vem da Ásia* o protagonista, já na primeira parte do livro “A Vida Sexual dos Perus”, no Capítulo Primeiro, explicita a transição de sua identidade flutuante:

Chamava-me então Adilson, mas logo mudei para Heitor, depois Ruy Barbo, depois finalmente Astrogildo, que é como me chamo ainda hoje, quando me chamo. (CARVALHO, 2002b, p. 36).

Não se trata apenas de uma vaidade de nomes vários, de um anonimato estilístico, pseudonímico, heteronímico, condividual, mas de um Eu incerto, sem constância, em que o antigo conceito de identidade só pode ser entendido, e se, em fragmentos. E durante todo o romance o protagonista irá não só rejeitar nomes fixos, sua identidade também assumirá tantas variações que se torna quase impossível, neste caso, falar em um sujeito. Havia certo orgulho em tempos idos de se ser o que se é, de se possuir valores, gostos específicos, aptidões privilegiadas. Sendo a falsidade ideológica vista com desconfiança quando não como crime. Na modernidade pós-moderna tal transição de afetos, ideologias, vontades e volições é a prova dos nove:

Esse imperador abissínio, aliás, foi quem me nomeou governador de Harrar pelo espaço de 12 meses - levado, talvez pela minha cor etíope e por uma falsa carteira de identidade que lhe apresentei e que roubara a um pobre mendigo por mim assassinado numa rua de Gondar -; e, findo aquele prazo, eu estava mais rico do que o próprio imperador e todo o seu império, dado o negócio de armas em que me meti e que me valeu a excomunhão do Papa. (CARVALHO, 2002b, p. 94).

Já em *O Púcaro Búlgaro* o protagonista, depois de deixar em evidências as flutuações de sua personalidade, somente na metade do romance fornece pistas sobre seu nome:

Mas quem, eu pergunto, em seu perfeito juízo pode levar a sério um sujeito que se chamava e sobretudo se deixava chamar Estrabão – e isso não só durante a vida como através de séculos e séculos – quando já naquele tempo havia tantos nomes belos e sugestivos entre os quais pudesse escolher livremente, alguns mesmo belíssimos e sugestivíssimos, como Radamés, Expedito, Ivo, Penacchio, Rosa e Hilário – para só citar uns poucos exemplos? (CARVALHO, 2002b, p. 344).

Hilário, sendo a única das sugestões a não pertencer a algum dos outros personagens do livro, resta como apontamento para o nome que o narrador trouxe de pia, um nome que per si constitui uma ousada ridicularização do conceito de identidade.

Se todos estão perdendo velozmente os construtos necessários à formação de uma legítima identidade, as consequências desta transformação não podem por ora ser plenamente medidas. Entrementes, Bauman alerta: “Só se avalia plenamente o valor de alguma coisa quando esta some de vista – desaparece ou é dilapidada.” (BAUMAN, 2005, p. 52).

O costume de outrora de imediatamente nos apresentarmos às pessoas ao conhecê-las se tornou reticente, temerário, talvez seja melhor criar algo mais interessante, ou apenas fornecer pistas vagas, a fim de se construir outra identidade caso a primeira não tenha atendido às expectativas iniciais da alteridade, ou nos erigirmos por meio de quantos nomes e quantos estilos e quantas ideologias se fizerem necessários. Pesquisas sempre indicaram que as pessoas mentem em currículos, a fim de se colocarem mais aptas do que de fato são, bem como em sites de relacionamento, onde altura, peso, profissão podem ser reelaborados à vontade – sinceramente, nem seria preciso uma pesquisa para tanto, a pura constatação empírica e generalizada se faz mais que suficiente. Muito em breve não surpreenderá que a resposta mais comum à pergunta “Qual é o seu nome?” seja um peremptório “Não te interessa!”.

Observemos o seguinte excerto de *O Púcaro Búlgaro*:

Os outros dois foram um Expedito não sei do quê, que pelo nome foi imediatamente incorporado à expedição, e um marinheiro fenício que se recusou a declinar sua verdadeira identidade, sob pretexto de que o sol estava a pique e não se sabia se era a pique de explodir ou de algo ainda muito mais catastrófico. (CARVALHO, 2002c, p. 332).

Um marinheiro fenício que certamente não é isto e que não está disposto a revelar o que é de fato, ainda que não seja coisa alguma. A noção de verdadeira identidade também está próxima a cair no desuso, porque todas as identidades, afinal, estão se constituindo falsas desde as mínimas porções, desde a gestação, e, com o controle genético, até antes dela. Não causará espécie se num futuro próximo o transtorno dissociativo de identidade desapareça dos anais da psiquiatria dado sua completa obsolescência.

O tempo dirá, certamente, sempre da pior forma, como é do caráter do tempo, as consequências do esvaziamento daquilo que outrora se chamou, até com certa honra, de identidade.

5. AS ÚLTIMAS GOTAS DE UM SÉCULO LÍQUIDO OU UM SÉCULO ATÉ A ÚLTIMA GOTA!

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados. Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos. Assim, toda a questão se reduz a isto: pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?

Paul Valéry

A consagrada afirmação de Umberto Eco (1999, pp. 89-91) de que o mundo ficcional é um parasita do mundo real, embora pertinente, permite outra reflexão, dialética e complementar, no sentido de que a ficção não é somente um parasita da realidade, mas também nutre uma relação simbiótica com o universo concreto, sendo influenciada pelos rumos da sociedade, mas também influenciando, de forma significativa, o ritmo da caminhada humana.

O último século trouxe-nos uma perspectiva inédita dos fenômenos culturais por meio das culturas de massa, mudança de paradigma que só se tornou possível a partir da reprodutibilidade técnica das obras de arte. Tais processos foram e ainda são vistos ora com desconfiança, ora com entusiasmo pelos homens do presente, e, independente do juízo de valor que se faça acerca da difusão total das culturas, elas tão diversas e multiformes bem como seus canais, neste processo de achatamento do globo, a constatação de inevitabilidade é a prova dos nove. Compreender os mecanismos que levaram o mundo contemporâneo a ser o que é trata-se de um

caminho indispensável para refletir sobre o que a literatura se tornou, seu desenvolvimento tão intimamente ligado às reviravoltas históricas.

Entre as discussões possíveis levantadas acerca da polêmica pós-modernidade, invocamos uma vez mais os conceitos de liquidez desenvolvidos por Zygmunt Bauman, aqui sempre empregados para investigar as possíveis dissoluções que influenciaram a peculiar narrativa do escritor mineiro Campos de Carvalho em seus romances *A Lua vem da Ásia* (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964). A sustentação histórica, que tem se pautado nos estudos de Eric Hobsbawm⁴⁹ e seu rigoroso método de análise, aqui serão observados com uma riqueza maior de detalhes.

É certo que as vanguardas artísticas surgiram como um sentimento de inadaptação, necessidade, mesmo urgência, a verificação óbvia de que o século XX, com todas suas dinâmicas realizações tecnológicas, não podia mais viver somente sob os parâmetros culturais da *belle époque*, que eram não só ultrapassados, mas totalmente distantes da realidade do homem comum no século do homem comum. Até então, uma visão entusiasta da tecnologia reinava junto da sensação de que as conquistas democráticas seriam compartilhadas por todos junto com o maravilhoso ideal de progresso.

Provavelmente, sem a Primeira Grande Guerra, ou melhor, sem a Grande Guerra de Trinta e Um Anos, como prefere o historiador Eric Hobsbawm, as vanguardas não teriam ido muito além do futurismo. Hobsbawm denomina a primeira parte de sua monumental análise do século XX *A Era dos Extremos* (1994) como “A Era da Catástrofe”, situada entre o atentado contra o arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo até a explosão dos artefatos mega-atômicos sobre os céus nipônicos. O século XX teria, em seu discurso, verdadeiramente nascido em 1914, sendo tudo anterior uma continuação tardia do “Longo Século XIX”⁵⁰. Levando-se

⁴⁹ Levando-se em consideração, obviamente, que se trata de uma das leituras possíveis do supracitado momento histórico, escolhida por razões específicas. Como postula uma observação providente da meta-história: “a maioria das sequências históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes.” (WHITE, 2001, p. 101).

⁵⁰ Para Hobsbawm o século XIX formou-se nas últimas décadas do século XIII, estendendo sua influência até a Primeira Guerra Mundial – por isso “Longo Século XIX” –, contenda que representou a real mudança de paradigma. Já o século XX teria se iniciado no período dos conflitos mundiais e terminado com a falência do Bloco Socialista, bloco este que, na visão do autor, determinou toda a construção material, ideológica, política e social do “Breve Século XX”. Hobsbawm aborda esse período na terceira e última parte de sua *A Era dos Extremos*, chamada, não por acaso, de “O Desmoronamento”, contemplando a paralisação dos ciclos de crescimento econômico, o fim do

em consideração, obviamente, que se trata de uma das leituras possíveis do supracitado momento histórico, escolhida por razões específicas. Como postula uma observação previdente da meta-história:

(...) a maioria das sequencias históricas pode ser contada de inúmeras maneiras diferentes, de modo a fornecer interpretações diferentes daqueles eventos e a dotá-los de sentidos diferentes. (WHITE, 2001, pp. 97-116).

Sem *A Era da Catástrofe* não surgiria o sentimento de desconfiança em relação ao progresso em sua maior intensidade nem as vanguardas artísticas influenciadas pela Grande Guerra Mundial, profundamente críticas em relação à sociedade que não foi capaz, apesar de toda sua enorme jactância, de impedir o *horror, o horror*. Predominaria, muito provavelmente, um estilo de arte mais concreto e entusiástico como futurismo. As vertentes mais delirantes, niilistas e céticas, herdeiras de Munch e Kafka, como, por exemplo, o surrealismo e as distopias negativas, teriam sido completamente eclipsadas “à dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica.”. E, quase certamente, não faria sentido agora falar em modernidade líquida. Predominariam as fachadas imponentes e absolutamente similares do realismo socialista e do fascismo italiano, e Brasília, neste cenário, não seria uma capital ímpar em sua estética claustrofóbica, como se arrancada de uma utopia negativa ou das dimensões antieuclydianas de M. C. Escher.

A percepção, ainda que tardia, de que havia uma pedra no caminho da modernidade promoveu uma reviravolta na literatura e o passo ginástico, o soco e o canto militar do futurismo já não podiam ser encarados com simpatia depois da ascensão dos regimes representados por Mussolini, Hitler, Franco, Salazar, Perón e Vargas. Mesmo a utopia proletária, que pretendeu, de uma só tacada, emancipar a humanidade, coletivizar os meios de produção, combater credices e superstições para, num processo gradual, libertar a sociedade de toda e qualquer manifestação do Estado, perdeu-se num *tétrico* ⁵¹ Realismo Fabril, autoritário e burocrático, levando ao desencanto muitos daqueles que um dia se sentiram aliados

Estado do Bem-Estar Social graças às políticas neoliberais de Thatcher e Reagan, a derrocada do Segundo Mundo, enfim, a desestruturação de todos os sistemas que pretenderam regastar a humanidade de sua desigualdade e incoerência, abrindo espaço para um vácuo de humanismo e para uma incerteza sem precedentes na história moderna.

⁵¹ Não consultes dicionários. *Tétrico não está aqui no sentido que eles lhe dão*, mas como um neologismo criado por mim, que toma por base o famoso jogo de blocos *Tetris*, desenvolvido na antiga União Soviética e desde sempre patrimônio da humanidade. Tanto a trilha sonora quanto os objetivos do jogo são, em essência involuntária, uma das maiores representações do futurismo.

ideologicamente à nação que fora historicamente destinada a pôr fim aos abusivos governos burgueses e a eliminar as diferenças impostas entre os povos e entre os sexos.

A primeira metade do século XX colocou em cheque as duas grandes crenças que se pretenderam substitutas da religião e algozes da ignorância: a igualdade de classes e o progresso *ad infinitum*.

Embora o modernismo brasileiro – quase tão tardio quanto a modernização do Brasil – não tenha se realizado em estéticas tão distintas quanto as da Europa, e, por aqui, a confluência vária de valores e influências digeridas e regurgitadas tenha se estabelecido como regra, ainda assim houve experimentações aproximadas do imaginário das vanguardas europeias – não idênticas e, absolutamente, não as mesmas. O “nosso” surrealismo e dadaísmo estão presentes em *Macunaíma*, o “nosso” cubismo e expressionismo permeiam de modo luxuriante os quadros de Tarsila e a nossa renovação literária como um todo é demonstrada no rompimento violento com um passadismo em especial, não total, como queriam os futuristas: o parnasianismo. Nossos mitos e heróis românticos ressurgiram sob uma nova roupagem, da pilhéria, do bom humor, da blague, desconstruindo símbolos nacionais e pendendo entre o tupi e o não tupi, na paráfrase hamletiana de Oswald.

O século XX oscilou em perspectivas de exaltação do progresso e momentos de descrença e mesmo rejeição para com o mesmo. Se “A Era das Catástrofes” abafou o entusiasmo em relação à tecnologia, ao demonstrar claramente que o progresso podia e ainda pode levar mais gente à sepultura do que qualquer guerra travada até então. “A Era de Ouro”⁵² retornou parcialmente com o entusiasmo, ao propiciar um crescimento econômico inigualável na história humana. Porém, mesmo esta perspectiva positiva, levava uma mancha ulterior, talvez não observada adequadamente pelos mais eufóricos, mas, para outros, a regra daqueles tempos: o fim das guerras trouxe consigo a possibilidade de um combate do qual absolutamente nenhum espécime da biosfera tinha condições de sair ileso.

⁵² Para Hobsbawm, o período de acelerado crescimento econômico mundial compreendido do cessar da Longa Guerra de 31 Anos até o fim dos anos 70 do século XX. Trata-se do título da segunda parte de *A Era dos Extremos*.

As contradições se acirraram, pois, ao mesmo tempo em que a ONU surgia com o intuito de promover a concórdia entre os homens com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e, talvez, a democracia total, seus membros fundadores investiam-se de discursos e regras que gostariam que fossem cumpridas, porém, julgando-se mais iguais entre os iguais, sentiam-se no direito de abrir mão daquilo que pregavam. Duas nações, França e Inglaterra – ditas de Primeiro Mundo –, que compunham o Conselho de Segurança da ONU ainda insistiam na posse de colônias de exploração e na repressão violenta aos movimentos de independência. E, outrossim, duas das nações que lutaram conjuntamente e a todo custo contra o fascismo, por serem herdeiras, cada uma ao seu modo, do ideário Iluminista, armavam-se, nas palavras de Hobsbawm “num grau que desafia qualquer crença” (1994, p. 250) para uma contenda que, diante das circunstâncias, nunca poderia ser travada: eis o momento da Guerra Fria ou, como também é possível dizer, talvez até mais adequadamente, da Paz Quente⁵³. Como se não bastassem os absurdos e as contradições daqueles anos, as ditaduras domésticas do Bloco Socialista investiam pesado para a libertação das colônias africanas, enquanto a orgulhosa nação ianque, autoproclamada maior democracia da Terra – sempre se esquecendo, deliberadamente, que a Índia tem bem mais gente –, financiava ditaduras genocidas pelos quatro cantos do globo. No Brasil, aqueles que retornaram da luta contra o nazifascismo nos montes da Itália deparavam-se com o gigantesco autoritarismo de Getúlio e perguntavam-se, finalmente, por que diabos tiveram que pegar em armas então para libertar a Europa do *führer*? A modernidade acentuou seu caráter líquido e a partir de então nenhum valor, conceito, premissa, moral ou circunstância podiam ser tidos como definitivos ou mesmo lógicos: tudo que é sólido invariavelmente deformado pelo peso das pressões e das conveniências, geralmente as mais cínicas, as mais covardes e as mais insensíveis. A sociedade moderna fez espuma de seus valores mais caros, assumindo a propriedade física dos fluídos. Campos de Carvalho tem a dizer, silenciemo-nos, quando seu personagem de tantos nomes quanto o diabo observa a palavra suprema, escrita por um filósofo no muro à frente: MERDA.

⁵³ A possibilidade de destruir o planeta centena de vezes. Numa ficção, a Guerra Fria careceria de verossimilhança. Nada mais absurdo do que a realidade.

O dia mais feliz da minha vida foi o dia em que escrevi minha primeira palavra feia no muro alto do colégio - exatamente essa bela palavra MERDA que agora me fita do outro lado da rua, como um desafio. MERDA é tudo que não seja a morte, que talvez também o seja, e disso sempre tiveram consciência os homens menos mentecaptos em seus momentos de maior lucidez, e que são poucos. Merda é a própria vida, mero eufemismo para uso dos salões elegantes e dos tratados diplomáticos, que também são uma merda como tudo mais, como sempre o foram e o serão até o fim dos tempos. Proponho mesmo que, em lugar dos nomes dos países, se diga simplesmente: Merda n.º 1, Merda n.º 2, e assim por diante, chamando-se aos Estados Unidos a capital de todas as merdas, como de fato eles o são. (CARVALHO, 2002b, p. 111).

Neste período do pós-guerra, as tendências literárias oscilaram e a busca de uma possível uniformidade passou a ser coisa sem sentido. Enquanto alguns se debruçavam num existencialismo ao mesmo tempo atordoante e libertador, como Sartre e Camus, outros, pela primeira vez, sem precisar temer pela própria vida, tiveram a liberdade de relatar os absurdos ocorridos anos antes em seus próprios países, caso de Soljenítsin e de Kundera. Em alguns exemplos, a confusão estabelecida no campo histórico e a liquidez das realidades promoveu a construção de artes experimentalistas, dispostas a integrar, até com certo oportunismo, elementos daquilo que era taxado como cultura de massas, assim foram o concretismo e a controvertida *pop art* de Warhol; por assim dizer, um dadaísmo sem dadá. Na contrapartida do Realismo Socialista, a CIA investiu pesado no “Abstracionismo Capitalista”, endeusando a *action painting* de Jackson Pollock. A América Espanhola foi invadida por uma lufada de frescor que se equilibrava entre modernidade e folclore de modo inovador e fantástico. Numa posição semelhante encontravam-se aqueles que se dedicaram à construção de novas linguagens dentro da língua. E os EUA, jogando na lata de lixo a 5ª Emenda, perseguiram artistas que não dançavam conforme sua dança, promovendo perseguições e interrogatórios muito parecidos com os que iria realizar a Stasi na RDA. Os Estados Unidos também financiaram artistas ideologicamente “corretos”, convenientemente neutros, suficientemente puros, e por um momento as diferenças entre as duas potências da Guerra Fria nem pareciam mais tão grandes. Diante da perspectiva do tudo ao mesmo tempo agora, houve quem fizesse do regionalismo uma experiência universal. Ou se voltasse para tradições já banidas. Não raro foi o mergulho dentro de si num resgate intimista. E não poderíamos deixar de repetir a imersão extasiante na cultura de memória anistórica promovida pelo realismo-fantástico, pautado muito mais na sinestesia das lembranças do que na precisão dos eventos e das datas.

Permitindo uma concepção mais abrangente e diacrônica dos conceitos cunhados por Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* (2001), abrangente no sentido sociológico e diacrônica no sentido histórico, todos os exemplos acima eram, cada um à sua maneira, *integrados*. Sua rejeição, quando havia, apontava para a mudança. Sua indignação, quando havia, indicava novos caminhos. Outros eram os *apocalípticos*: aqueles que desconfiavam, quando não tinham absoluta certeza, de que não havia solução possível nem mesmo razoável para o impasse da modernidade.

Aqui se encontra Orwell, o último homem da Europa, com sua visionária afirmação de que a imagem do futuro é um rosto humano esmagado por uma bota por toda eternidade. E aqui também se localiza Campos de Carvalho e sua estética, para dizer o mínimo, única. Surrealismo tardio. Realismo-fantástico tupiniquim. Desvario pura e simplesmente. Coisa de gente que não tem nada pra fazer. Houve tentativas de classificação, cada uma delas tentando solidificar o que não tinha nenhuma pretensão de deixar de ser líquido.

A prosa de Campos de Carvalho teria mais a ver com o absurdo do Kafka de *O Processo*, não tanto com o de *A Metamorfose*, em que a engenhosa metáfora do inseto, na necessidade inútil de ser explicada, revela em si as fraquezas de um indivíduo diante de uma sociedade hostil, capaz de equiparar pessoas e baratas. *O Processo*, por seu turno, nos remete a uma compreensão mais amplificada, de uma sociedade que simplesmente deixou de fazer sentido, perdida no descaso da burocracia, no abismo da arbitrariedade e na sandice do cada-um-por-si. O surrealismo e o realismo-fantástico precisavam ir além da realidade para se formarem e este não é o caso de Campos de Carvalho.

Campos de Carvalho promove uma concepção genuína não do absurdo interior, nem de uma fabulação pós-moderna, mas a composição de tramas cujo acentuado niilismo já não fala somente de homens convertidos psicologicamente em bestas, nem só de julgamentos feitos à revelia, mas da medida histórica do século XX, da desestruturação moderna e da fusão de toda a arquitetura pós-Iluminista num caldo apocalíptico de cada um por si e Deus contra todos. Nesse sentido, Carvalho está além de Kafka e de Orwell, por não se sujeitar à melancolia ou à indignação, nem se permitir, por um momento sequer, reflexões de caráter moral. Compreende desde cedo o derretimento de toda virtude e explora debochadamente a moeda da vez, que só pode ser o cinismo absoluto, cria de uma sociedade que já

não tem mais valores definidos – e Campos de Carvalho aceita que já é tarde para tentar conter a inundação ou construir uma arca seja lá de quantos côvados fosse. E já que o oba-oba generalizou-se e a ética não passa, no melhor dos casos, de um delírio aristotélico, é melhor meter-se na multidão e tentar tirar alguma coisa desse saque universal.

As obras *A Lua Vem da Ásia* e *O Púcaro Búlgaro* compartilham um idêntico interesse histórico e geográfico, lançando-se sobre o mundo que, pela primeira vez, era enxergado como um todo. Segundo menciona o historiador Geoffrey Blainey (2008, p. 47), até 1939 mais da metade da população mundial nunca tinha se distanciado mais do que alguns quilômetros do lugar onde tinha nascido. O grande dilúvio que se seguiu à dissolução cada vez mais acelerada da modernidade propiciou um mundo de fronteiras mais flexíveis e, também, o desencanto que gera o conhecimento de que não havia mais terras a serem descobertas – ou seja, o mundo é isso mesmo, pronto e acabou. É um cidadão apátrida, sem moral e sem juízo, cujo até o nome muda ao sabor das conveniências, o personagem principal de *A Lua Vem da Ásia*⁵⁴. Este transita por diversos países, vivenciando experiências icônicas do século XX, nunca perdendo a oportunidade de tirar o seu, mesmo nas situações mais desastrosas e reprováveis como terremotos, revoluções ou pestes multitudinárias, fazendo fortuna sem se importar como e também a perdendo completamente por nunca se conter em situações em que o silêncio e a prudência são os valores mais desejados. A própria *solidez* de seu relato, narrado em primeira pessoa, mais do que nunca se cobre de suspeita. E é sem o menor pudor que este personagem nos revela que sua rica amante “acabou por matar-se numa noite de tempestade, com um tiro do meu revólver que lhe acertou bem no meio da nuca.” (CARVALHO, 2002b, p. 95). Seu egoísmo e individualismo chegam a ser hipnóticos, apontando que a sociopatia não se trata apenas de uma doença ou desvio de caráter, tendo se tornado, em menor ou maior medida, uma característica (valor?) inerente ao *homo urbanus*. Aliás, sobre seguir algum valor, o personagem em questão pondera:

(...) se eu tivesse que seguir alguma doutrina algum dia, seria certamente uma doutrina criada inteiramente à minha imagem e semelhança, e que não

⁵⁴ Aspecto que se liga à teoria presente no livro *Identidade* (BAUMAN, 2004) de que a liquidez moderna promoveu uma transformação das identidades humanas que vão rapidamente do perene ao absoluto transitório.

admitiria mestres como tampouco admitiria discípulos, a não ser eu mesmo em meus diversos momentos históricos. (CARVALHO, 2002b, p. 130).

Em *O Púcaro Búlgaro*, a mencionada desilusão de um mundo completamente descoberto abre suspeitas sobre a existência de certas localidades deste mundo desnudo e agora bastante sem graça. Se já não se pode mais contar com Atlântica, Eldorado, Utopia ou Brasília, todas cidades imaginárias na visão do autor, o que garante a existência, por exemplo, da Bulgária? E seguindo o espírito dos grandes desbravadores, o personagem principal desta obra pretende provar, com uma expedição (!), que a Bulgária não existe. Sentindo-se tão lírico quanto uma ópera, o personagem compara-se a Marco Polo, a Colombo e a Amundsen que a duras penas conquistou o Polo Sul para deixar lá uma carta ao rei da Noruega, quando seria muito mais sensato metê-la logo no correio; como é frisado no texto com muita lucidez; e somos forçados a concordar com ele⁵⁵.

Campos de Carvalho se encontra mergulhado na dissolução dos valores modernos, mais, chega a parecer que sua constatação exaltada de que a humanidade fracassou não é só fruto de nosso momento histórico em específico. Pelo contrário, sua ótica sugere que tudo indicava, desde o princípio, que não iria mesmo dar em grande coisa a caminhada humana e, em Carvalho, a admiração é de, apesar dos pesares, o gênero humano ter conseguido chegar até aqui, seja lá onde é isso, e de onde, certamente, não avançará mais. Mas em vez de deitar lágrimas pelo fim eminente, Campos de Carvalho parece extasiado com a perspectiva de que finalmente o homem deixou de se levar a sério e de buscar metodicamente a construção de valores universais. Enfim, um alívio que essa brincadeira chata finalmente esteja próxima do fim, porque ninguém aguentava mais isso. A humanidade fracassou não por deixar de crer em si mesma, mas por se crer em demasia. Em *O Púcaro Búlgaro* o narrador reflete sobre o quanto o homem perdeu ao deixar de ser macaco. (CARVALHO, 2002c, p. 359). E, obviamente, ele não se refere somente às pulgas e aos pelos. Nesta vertente Nietzsche poderia acrescentar: “O macaco é um animal demasiado simpático para que o homem descenda dele.” (NIETZSCHE, F. apud TANNER, 2004, p. 23).

⁵⁵ Neste sentido vale a observação de que por centenas de anos a fio os povos do Himalaia viveram à sombra do portentoso Everest, encantados com sua graça, mas nunca compelidos a escalá-lo. Precisou chegar o ambicioso século XX e os lúcidos ingleses para que o cume de tal montanha fosse atingido pela primeira vez a um custo humano poucas vezes tão gratuito. Possível imaginar a euforia de tal conquista e o sentimento certamente frustrante de se fazer o inevitável caminho de volta.

Umberto Eco chama de pacto ficcional o contrato estabelecido entre o leitor e o autor para a construção de um mundo possível, conforme observamos:

A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de "suspensão da descrença". O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras (...) Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que está sendo narrado de fato aconteceu. (ECO, 1999, p. 81).

Por vezes esse contrato é rompido, principalmente quando a história contada, independente de se situar no futuro, em outro planeta ou na Terra-Média, não consegue sustentar algo de verossimilhança, legando ao leitor a sensação de estar sendo passado para trás no jogo narrativo.

A já mencionada relação entre o discurso histórico e o discurso literário permite um intercâmbio de conceitos entre as duas disciplinas. Não é tão ousado dizer que a modernidade líquida é a quebra do pacto moderno, do contrato social e dos valores que pretenderam domar as rédeas da história em prol de uma realização coletiva, pacificadora e civilizatória. A credibilidade moderna se esvaiu por água abaixo no século XX. Em verdade, a realidade já não conta com nenhuma verossimilhança. Os romances de Campos de Carvalho operam sob esta descrença, desde os títulos, *A Lua vem da Ásia* e *O Púcaro Búlgaro*, abordando o descentramento e o nonsense. O absurdo e o cinismo dos trabalhos de Campos de Carvalho é aquilo que amargamente nos habituamos a chamar de dia-a-dia. A utopia negativa já chegou. O futuro, neste caso do pretérito, é tudo que nos resta.

Enfim pó!

6. SEM LENÇO E SEM DOCUMENTO: O DESENVOLVIMENTO ARQUETÍPICO DO ETERNO CAMINHANTE

De tão grandes poderes ou seres é perfeitamente possível que haja uma reminiscência... uma reminiscência de um período remoto, quando a consciência estava manifesta, talvez, em formas e contornos apagados desde antes da maré de avanço da humanidade... formas das quais a poesia e a lenda, sozinhas, tenham captado uma memória esparsa e as denominado de deuses, monstros, seres míticos de todos os tipos e espécies...

Algernon Blackwood

Aqui em cima, no alto da Gávea, as estrelas cintilam mais perto: houvesse lua e eu talvez nela pudesse banhar as mãos de luz, no seu bacio de cristal – não como Pilatos mas como um cirurgião que se apresta para um parto difícil, o mais difícil da história, arrancando das entranhas do Desconhecido todo um mito e a sua verdade, séculos e séculos de mal-assombrados e equívocos.

Campos de Carvalho – O Púcaro Búlgaro

Quanto mais um homem viaja, mais se aproxima de si mesmo. Por isto há em todos nós uma sensação de que além do horizonte pode estar um lugar mais interessante do que o aqui e o agora, cheio de oportunidades e maravilhas mil, à espera de nossa coragem de romper a prisão do dia-a-dia e finalmente triunfamos sobre a rotina civilizatória.

O caranguejo da animação *A Pequena Sereia* da Disney aconselhava Ariel a despeito do seu desejo de se aventurar fora do mundo marinho: “o fruto do meu vizinho, parece melhor que o meu.” Para se compreender mais apropriadamente os dois romances estudados nesta dissertação, *A Lua vem da Ásia* e *O Púcaro Búlgaro*, é preciso entender o ímpeto humano de romper fronteiras e de rumar

indefinidamente se sabe lá para onde, ainda que apenas em sonhos. Campos de Carvalho declarou que desconfiava de todos aqueles que tentavam entender suas obras com os pés fixos no chão⁵⁶. O autor estava certo, porque, além de apontar para o futuro estético, há em suas obras uma ancestralidade primordial, que remota às fundações da era humana e de suas bárbaras realizações sobre este planeta.

Agora se pode tratar de uma concepção que fenece no campo do óbvio: a certeza de que todos nós, seres humanos, em maior ou menor proporção, compartilhamos de um similar universo simbólico, cujos signos podem variar de cultura para cultura, mantendo intocado, entretanto, um substrato comum. Há menos de cento e cinquenta anos, tal fato era apenas uma desconfiança de muitos, uma suspeita que mais tinha a ver com a superstição e a mística do que com os parâmetros dolorosamente racionais do “espírito positivo” do século XIX. Proposto por Jung, o conceito de inconsciente coletivo já nasce envolto em obscuridade e, para os críticos, embebido em metafísica – na acepção mais pejorativa que esse termo pode assumir, tanto que o psicólogo observa:

A hipótese de um inconsciente coletivo pertence àquele tipo de conceito que a princípio o público estranha, mas logo dele se apropria, passando a usá-lo como uma representação corrente, tal como aconteceu com o conceito de Inconsciente em geral. (...) Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é pessoal. Nós a denominamos, inconsciente pessoal. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal. (JUNG, 2008, p. 15).

Na famosa metáfora freudiana, a consciência se trata apenas da ponta do iceberg, bólide de gelo cuja apenas dez por cento da massa emerge das águas glaciais e, na visão do pai da psicanálise, todo o restante, ou seja, os outros noventa por cento do iceberg, são o reino do inconsciente, forjado no conjunto de experiências individuais formadas desde o berço – possivelmente, até antes dele. Vislumbrando uma ampliação desse conceito, as águas em que se encontra mergulhado o inconsciente seriam então o inconsciente coletivo. É nesse misterioso coquetel semiótico que operam os mecanismos que dão vida aos arquétipos e fazem da cultura humana um caótico fractal – cuja beleza, em certa medida, reside no

⁵⁶ *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

desconhecimento pleno dos significados e nas incertezas das zonas cinzentas; que até hoje arrepiam os cabelos igualmente cinzas dos cientistas mais ortodoxos.

Ao se meter num campo tão espinhoso em busca de respostas para questões polêmicas, Jung aponta que deveríamos deixar de encarar como simples coincidência o fato de que desde antes de *A Epopeia de Gilgamesh* há relatos sobre homens ascendentes diretos de seres divinos, com poderes muito além dos meros mortais, capazes de realizar incríveis feitos, geralmente em benefício de todo um povo. De Enkidu, irmão de Gilgamesh, saltando até Hércules ou ainda Perseu na Grécia, Jesus na Galileia, Baldur na Escandinávia e mais recentemente Super-Homem, nos Estados Unidos, estende-se o mesmo mito, sendo contado e recontado *ad infinitum*. Também não é obra do acaso diversas divindades salvadoras geradas por intermédio de virgens, presentes em variadas mitologias, que cobrem um largo período histórico e geográfico, como Hórus (Egito), Mitra (Pérsia), Krishina (Índia), Tammuz (Norte de Israel), Karna (Índia), Antíope (Grécia), Attis (Frígia), Salivahana (Índia), Lao-Tsé (China), Jesus (Nazaré? Belém?), Huitzilopochtli (México) e até um descendente, se é possível dizer assim, do profeta Zaratustra (Pérsia) – como se pode ver, a fábula natalina cristã está longe de ser a primeira versão dessa história.

Ou mesmo poder-se-ia ressaltar, agora sem assombro, a semelhança entre Sansão e Hércules – e ambos, apesar de terem matado um leão com as próprias mãos, tombaram vitimados por estratégias de suas mulheres. Assim, também deixa de intrigar o fato de que culturas tão distintas e separadas por enormes distâncias geográficas, linguísticas e temporais possam contar histórias incrivelmente semelhantes sobre seu passado remoto, por exemplo, o dilúvio, presente nas narrativas caldeias, mesopotâmicas, babilônicas, egípcias, gregas, judaico-cristãs e mesmo nas religiões orientais, como o hinduísmo. É bem possível que uma inundação de proporções cataclísmicas recaiu sobre a humanidade em tempos muito remotos, alguns cientistas creem que o aumento do nível dos oceanos no fim da última era glacial, há cerca de cinco mil anos, tenha precipitado o Mediterrâneo contra a Ásia e a Europa Oriental, formando o Mar Negro. A invasão veloz das águas representou uma catástrofe para os povos daquela região. Essa lembrança traumática acabou, de certo modo, sobrevivendo no inconsciente coletivo da humanidade, dando origem a tantas lendas e tradições orais. Num raro lapso de lucidez, o escritor J. J. Benítez (1994, p. 45) declara que os mitos são tão verdadeiros em princípios quanto falsos em detalhes. Embora os restos da arca de

trezentos côvados nunca tenham sido encontrados no alto do monte Ararat – e nem irão e tampouco importa isso – as provas do dilúvio teimam em se acumular nos laboratórios de geologia.

Mas não são as provas científicas de contextos míticos que nos interessam nesse momento, mas sim a própria natureza dos mitos e a construção dos arquétipos universais. A maneira como os mitos são encarados sofreu uma sensível transformação no último século. Como já mencionado, os mitos convivem com a humanidade muito antes de a civilização começar a dar seus primeiros passos. Gilbert Durand sempre frisou que é possível a existência de sociedades sem cientistas, sem escrita, mas não de culturas sem mitos. Por isso, há mais de um século os estudiosos passaram a tratar o mito não como fábulas ingênuas, mas como um conjunto de valores fundadores – fundadores de moral, de culturas, de civilizações e de estímulos gregários, sendo os mitos inevitáveis e não raro benéficos. Nesse campo encontram-se teóricos como Mircea Eliade e K. K. Ruthven. O mito ainda acabou por influenciar de forma significativa a psicologia, não apenas no trato freudiano, onde muitas vezes é abordado como sintoma infantil, mas especialmente nas pesquisas do supracitado Jung, com suas teorias sobre o imaginário coletivo da humanidade.

É necessário perceber como os mitos sobreviveram na pós-modernidade, apesar de todos os iconoclasmos sofridos pela imaginação simbólica nas mãos da civilização ocidental, e que essa sobrevivência se deu principalmente em virtude do ideário coletivo – que não pode ser facilmente instrumentalizado nem contido em fronteiras totalizadoras; pelo menos não indefinidamente. Principalmente com o advento do método cartesiano, que, como observa Gilbert Durand (2000, p. 38), castrou muito da autonomia na busca do conhecimento humano ao impor barreiras por demais rígidas para os estudos, deixando de lado, quase sempre como sintomas infantis, a criação artística e a imaginação, tivemos um prestígio excessivo da fórmula em detrimento do símbolo. Recuperar o equilíbrio entre a razão e o imaginário no campo dos estudos é reconhecer a natureza plural, mesmo ambígua, da humanidade, deixando de se privilegiar ou até de se idealizar uma espécie de *homo mechanicus*, que teria, em sua triunfal marcha evolutiva, superado

os estágios ditos mais primitivos da cognição e se tornado um ser completamente babaca⁵⁷ e sem graça.

Num viés selecionado do universo mitológico, o capítulo aqui apresentado aborda o desenvolvimento arquetípico do eterno caminhante nos trabalhos do autor mineiro Walter Campos de Carvalho e seu substrato na cultura judaico-cristã, relacionando-o com a sobrevida do sentimento errante na modernidade e, analisando, para tanto, as raízes antropológicas e míticas do nomadismo.

Neste sentido, o hermetismo de Campos de Carvalho contrastava com o empenho vagabundo de suas criações. O destino do criador foi colaborar vagamente no *Pasquim*, não ser envergado com a túnica e o báculo dos imortais – “honra” à qual provavelmente declinaria por julgá-la ridícula.

Em suas conversas com os amigos, Carvalho afirmava pretender ir a tantos países quanto possível⁵⁸, entretanto, salvo uma viagem de seis meses pela Europa, centrada principalmente na França, em Portugal e na Inglaterra, fiou-se mesmo foi no reino-de-si – e até os amigos rejeitou. Pensou durante um tempo em fixar residência no exterior, mas em seguida declarou que só se sentia realizado intelectualmente no caos da sociedade brasileira. Dizia sobre si mesmo numa breve introdução de *A Chuva Imóvel*:

Sou, com razão, considerado uma pessoa de trato muito difícil. Como todo bom mineiro sou fechado, fechadíssimo, por natureza e não por qualquer tipo de esnobismo, que não teria cabimento. Sou difícil até quando estou sozinho, diante de mim mesmo. Tenho procurado me corrigir, mas em vão. (CARVALHO, 1963, p. 6).

Recluso, dir-se-ia hermético, viveu, ao contrário dos seus personagens, tanto Astrogildo de *A Lua vem da Ásia* quanto Hilário de *O Púcaro Búlgaro* – nômades de natureza ou pelo menos de intenção –, no claustro até a morte. Porém uma característica o criador compartilhava com suas criaturas: a idêntica desconfiança em relação ao mundo que nos cerca, que na literatura se manifestava por meio de um *nonsense* muitíssimo particular e que no autor se construiu em torno de uma pesada melancolia. Nem quando recebeu convite para a publicação em francês de *A Lua vem da Ásia* e de *Vaca de Nariz Sutil* se sentiu encorajado, apesar de ter

⁵⁷ Rogo para que a circunstância descrita minimize ou mesmo autorize o uso da informalidade.

⁵⁸ Como afirmou Heleno Álvares em entrevista.

assinado os papéis para a editora parisiense. Seu entusiasmado editor Ênio Silveira viria afirmar que Campos de Carvalho era um escritor a ser descoberto em trinta anos se mais⁵⁹. A escuridão das páginas em branco que se seguiu ao lampejo criativo da pena negra de Carvalho pode ser ilustrada com a seguinte passagem:

(...) O tema seguinte, levantado por Penacchio, prendia-se ao fato de os macacos, como descendentes do homem, não serem dotados do dom da palavra nem do raciocínio; qual, perguntou, a razão da degenerescência? O expedicionário e professor Radamés contestou veementemente que se tratasse de uma degenerescência, parecendo-lhe tal fato (se verídico, fez questão de frisar) antes um sinal de sabedoria e manifesta superioridade sobre o homem, que justamente se perde pela boca e vive perdendo a cabeça. Qualquer macaco, proclamou sem permitir apartes, é incomparavelmente mais sábio do que um santo Tomás de Aquino ou um Descartes por exemplo, e, quanto a falar, basta ouvir o que estamos aqui falando para se chegar à conclusão de que defecamos tanto por cima quanto por baixo, ou muito mais até. (CARVALHO, 2002c, p. 359).

O trecho descreve parte de uma ata do grupo expedicionário que pretende rumar para a Bulgária. Liderados por Hilário – uma piada (in)voluntária? – planejam uma grande viagem, comparável às realizações de Colombo, Marco Polo e tantos outros que saíram a vagar pelo mundo na falta ou por excesso de coisa para fazer onde naturalmente se encontravam. Em Campos de Carvalho é muito forte o sentimento de que lá é um ponto sempre mais à frente. Mantenhamo-nos caminhando, portanto. Assim sendo, o mito do eterno caminhante encontra um lugar confortável em suas páginas.

E por falar em macacos, a antropologia possui evidências de que o gênero homo, desde seu surgimento nas savanas africanas, vivia deslocando-se em busca de água, alimento e melhores condições de vida. Essa fase de nomadismo completo da espécie, que durou quase um milhão de anos, só foi encerrada nos últimos dez mil anos. Os fatores que levaram os homínídeos a se acomodarem foram a descoberta do fogo, da agricultura e a domesticação dos animais. A invenção da agricultura, segundo alguns antropólogos, pode ter se dado pela observação das sementes de cevada, que germinavam quando em contato com a terra molhada. Hoje também há uma forte desconfiança de que as primeiras cidades foram fundadas para facilitar o comércio de cerveja (!). Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro... Essa divisão de períodos foi criada um tanto arbitrariamente por arqueólogos, baseando-se no uso de cada um desses materiais e na revolução

⁵⁹ <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-vinganca-do-icone-iconoclasta/>>.

propiciada por eles na vida dos homens primitivos. Porém Tom Standage, no livro *História do Mundo em Seis Copos*, propõe dividir a história humana em períodos dominados por determinadas bebidas. Na visão do historiador, dizer que o Oriente Médio estava entrando na Idade do Bronze há cinco mil e quinhentos anos é comparável a afirmar que aquelas populações viviam a Era da Cerveja. Standage é enfático em demonstrar como a cerveja foi decisiva para o desenvolvimento da agricultura e da escrita – ajudando, assim, o homem a sair da pré-história e a tornar-se sedentário. Bebidas alcoólicas, itens indispensáveis na lista dos expedicionários a rumar para o reino da Bulgária, que se preparam para a viagem levando: “200 garrafas de uísque, 400 de gim, 200 de vermute, 200 de vodca, 1.000 de cachaça e 1 de guaraná.” (CARVALHO, 2002c, p. 371-373).

Em contraposição à noção diaspórica, o mito judaico-cristão contido no livro Gênesis relata que a humanidade teria surgido sedentária. Adão foi criado por Javé no Jardim do Éden, onde desfrutava de todas as delícias. O fato de Eva ter comido o fruto proibido é que teria levado a humanidade ao degredo.

2 A mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. 3 Mas, quanto [a comer] do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: „Não deveis comer dele, nem deveis tocar nele, para que não morras.”” 4 A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. 5 Porque Deus sabe que, no mesmo dia em que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mau.” (...) E Deus disse a Adão: “Porque escutaste a voz de tua esposa e foste comer da árvore a respeito da qual te ordenei, dizendo: „Não debes comer dela”, maldito é o solo por tua causa. Em dor comerás dos seus produtos todos os dias da tua vida.¹⁸ E ele fará brotar para ti espinhos e terás de comer a vegetação do campo. 19 Com o suor do teu rosto comerás o pão, até que voltes ao solo, pois dele foste formado. Porque tu és pó e ao pó voltarás.” (Gênesis – 3:2-19)

Adão e Eva geraram Caim e Abel. Após Caim ter matado seu irmão numa incontinência de ciúmes infantil, tornando-se a um só tempo o primeiro invejoso e o primeiro homicida, Deus o puniu com o exílio perpétuo e com a impossibilidade de ser justificado por humanos. Um castigo, segundo o próprio Criador, muito pior do que a morte. Adão e Eva perderam o privilégio do sedentarismo e Caim tornou-se também o errante original. Em seguida, segundo textos apócrifos, Caim teria gerado Enoque, que por sua vez fincou raízes novamente ao fundar a primeira cidade.

4:9 Perguntou o Senhor a Caim: Onde está teu irmão? Respondeu ele: Não sei; acaso sou eu o guarda do meu irmão? 4:10 E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão está clamando. 4:11 Agora maldito és tu sobre a terra. 4:12 Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás. 4:13 Então disse Caim ao Senhor: É maior a minha punição do que eu posso suportar. 4:14 Eis que hoje me lanças da face da terra; também da tua presença ficarei escondido; serei fugitivo e vagabundo na terra; e qualquer um que me encontrar matar-me-á. 4:15 O Senhor, porém, lhe disse: Portanto quem matar a Caim, sete vezes sobre ele cairá a vingança. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse. 4:16 Então saiu Caim da presença do Senhor, e vagou pela terra de Nod, a leste do Éden. (Gênesis -4:9-16)

A confusão das línguas do mito da Torre de Babel, ainda no Gênesis, precipitou também, pelo menos por um período, a humanidade rumo ao nomadismo. Graças às ambições do rei Nimrod, o primeiro poderoso da Terra, conforme descreve as Escrituras, promoveu-se o povoamento do mundo e a diversificação cultural. Também na cultura judaico-cristã temos o livro Êxodos, que relata o período de quarenta anos em que Moisés ficou errando no deserto com o povo prometido, à custa de maná e de enorme paciência. A postura de Moisés como errante é reforçada pelo fato de que, ao contrário do povo que guiou, ele morre após contemplar a terra de Canaã no alto do Monte Nebo, portanto não lhe foi concedida a oportunidade de fixar-se.

Desta forma, diante do que foi exposto, aproximemo-nos do maior dos errantes da cristandade, não registrado em nenhum dos quatro Evangelhos, nem nas cartas de Paulo ou nos Atos dos Apóstolos e tampouco num *best seller* duvidoso de Dan Brown, embora a força de seu nome esteja presente em inúmeros símbolos do imaginário cultural dos últimos dois mil anos: de tradições orais diversificadíssimas, a superstições, poemas, romances, canções, literatura de cordel e mesmo peças históricas. Trata-se do mito do Judeu Errante e suas incontáveis variações. E como Campos sugeriu em um de seus poemas intitulado *Sapateiro*, que circulou em cópias mimeografadas, nenhum de seus textos teria vingado sem o conhecimento de tal mito.

Falam em me compreender como se fosse possível com os pés fincados no chão. Seria como pedir a um marujo que falasse do mar em pleno deserto e comparasse ondas às dunas e a areia ao sal.⁶⁰

⁶⁰ Fragmento de uma entrevista originalmente publicada no jornal *Correio de Araxá*, 30 de setembro de 1995.

A curiosa história do judeu condenado a viver e a nunca morrer não antes que o mundo morra também se confunde com o nascimento da cristandade. Há a lenda que afirma que Judas Iscariotes seria o Judeu Errante: o apóstolo fracassou na sua tentativa de suicídio e, nessa versão dos acontecimentos, acabou condenado a rondar o mundo até que o Messias retornasse e lhe concedesse perdão – as longas andanças do traidor justificariam o dito “onde Judas perdeu as botas”. A mais famosa variante da lenda, não obstante, narra que Jesus Cristo ao cair sob o madeiro em frente à oficina do sapateiro.

Ahsverus, proprietário de uma das lojas da Via Dolorosa, teria ouvido o seguinte imperativo em tom de galhofa: “Caminha!”. Jesus então amaldiçoou Ahsverus e, ironicamente, o sapateiro da Galileia é quem foi obrigado a caminhar pelo mundo até o fim dos tempos. Outra lenda consagrada e igualmente fascinante menciona Cartápilus, um centurião de Pilatos que batera no Salvador em três ocasiões, a última delas durante a Via Crucis, em que Jesus acabou chicoteado. O romano gritou apontando o monte Gólgota: “Vai!”. E o Nazareno respondeu decidido: “Eu vou, mas você vai ficar aqui até que eu volte.” Durante o medievo, era comum os italianos chamarem o Judeu Errante de Giovanni Buttadeo (“o que bate em Deus”) e na Alemanha, por volta do século XVI, um bispo declarava abertamente ter encontrado o Judeu Errante, e tão arrebatado pela emoção do encontro chegou a publicar seu bate-papo com o Mito ⁶¹. A pesquisadora Kenia Maria de Almeida Pereira observou em artigo sobre o Judeu Errante:

Ironicamente, se o Judeu Errante caminha indiferente e sem medo da escuridão ou “Sem se importar com a noite que vem vindo”, não era bem assim que ele era visto na Idade Média, principalmente no século XIV, quando esta lenda criou força e se espalhou de boca em boca. Imaginar passar o Judeu Errante, na escuridão da noite, com um saco às costas, era motivo de pavor e histeria coletiva. Geralmente, os cristãos não ficavam indiferentes a este ser pecador, peregrino e vagabundo. (PEREIRA, 2012).

O que mais instiga é a maneira como a lenda começou a se espalhar e sua origem histórica. Acredita-se que o mito do Judeu Errante foi contado pela primeira vez na Terra Santa e que os fiéis ao visitarem Jerusalém levaram para a Europa essa história. Também é possível que templários e cruzados propagassem a lenda.

⁶¹ No Brasil, talvez a maior especialista no mito do judeu errante seja a professora Jerusa Pires Ferreira da USP, que, entre outras coisas, aponta como a forte religiosidade do povo nordestino levou o mito do Judeu Errante a integrar a literatura de cordel.

Há duas passagens do Novo Testamento que são vistas como possíveis inspirações para o mito do Judeu Errante. A primeira delas no Evangelho segundo São Mateus 16:28: "Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino". A outra se encontra no seguinte excerto do Evangelho de São João (21:21-24):

Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e deste que será? Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu. Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não lhe disse que não morreria, mas: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Este é o discípulo que testifica destas coisas e as escreveu; e sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.

O horror que ronda a ideia do exílio perpétuo, tão recorrente nas Escrituras, se dá pela mentalidade dos hebreus da época, escravizados no Egito e considerados um povo sem pátria em quase toda sua história na Terra. Vagar eternamente pelo mundo era uma perspectiva terrível para aqueles que se viam como o povo escolhido pelo Deus de Abraão. Ainda é possível apontar que a desconfiança nutrida por praticamente todos os povos sedentários em relação aos forasteiros (hippies, ciganos, imigrantes, refugiados e andarilhos não ideológicos de toda sorte) advenha de milênios, desde quando as primeiras populações se estabeleceram em agrupamentos e não conseguiam tolerar a falta de apego dos nômades ao que julgavam ser o trabalho pesado, como redes de irrigação, trato do solo e plantio, construções de alvenaria em vez de tendas entre outras exigências do cotidiano citadino. Mormente, é preciso lembrar que os nômades não pagam impostos, o que é por demais insuportável para qualquer Estado; como vem por uma vez mais frisar a França de Sarkozy, ao investir contra os ciganos – embora, curiosamente, *O Corcunda de Notre-Dame* e *Os Miseráveis* prossigam idolatrados pelos franceses, apesar da mensagem de tolerância aos proscritos e aos estrangeiros legada por Victor Hugo.

O processo de transformação dos povos nômades em sedentários também levou à especialização em detrimento da simples caça e coleta e logo à estratificação social. Rousseau postulava que tudo deu errado quando um homem bastante astuto cercou uma parcela de terra e disse: "É meu!", conseguindo encontrar ainda gente suficientemente ingênua para lhe dar crédito. Obviamente, tal perspectiva é antes uma ilustração do que fato histórico. Na mesma corrente, Mario

Schmidt (2003, p. 21) vem acrescentar que o mito do Paraíso Perdido talvez habite o imaginário da humanidade graças a uma lembrança esvanecida de um mundo onde tudo pertencia a todos e em que as fronteiras inexistiam. Sob os pés a estrada por fazer. À frente somente o horizonte. E o desconhecido...

O imaginário do homem ocidental, o judeu-grego, ainda, em plena dinâmica disso que chamam pós-modernidade, é fortemente abalado pelas noções de sedentarismo e de nomadismo. E tanto Moisés quanto Ulisses pelejaram para encontrar seu lugar. Nisto podemos contemplar a dicotomia de Carvalho, criador, sedentário, e criação, ou melhor, criaturas, errantes. Astrogildo de *A Lua vem da Ásia* a percorrer o mundo sem fronteiras e Hilário, de *O Púcaro Búlgaro*, como seu criador, sonhando da janela com horizontes perdidos e com objetivos ambiciosos de transpô-los. A construção social nos fez crer que é da natureza do homem fixar raízes e nosso projeto de vida gira em torno deste objetivo. A independência significa deixar de ver a casa dos pais como nossa própria casa. Quem casa, quer casa. Casa, comida e roupa lavada. Em casa escura não entra alegria. Tradição, família, propriedade. O bom filho à casa torna. Lar, doce lar. Minha casa, minha vida. Cada um na sua casa e Deus na de todos. Casa própria é tesouro: não se paga nem com ouro. Ou ainda provérbios cautelosos, previdentes: roupa suja lava-se em casa. Isso não é casa da mãe Joana. Em casa de enforcado não fale de corda. Quando o gato sai de casa, o rato se espalha. Casa roubada, trancas à porta. Com cada um na sua casa, o diabo não tem o que fazer. E a sublime constatação: o melhor investimento que existe são os imóveis.

Muitos dos lemas modernos, construtores de valores e reservatórios de moral, organizam-se em torno da palavra casa, um santuário, que, às vezes, pode parecer o mais cretino dos túmulos, como bradava Nelson Rodrigues em seu romance *Asfalto Selvagem* (1959), mas que, mesmo na mais deslumbrante das férias, desperta lembranças – e quão poderoso não é o sentimento de retorno ao lar, o reencontro com as mesmas coisas de sempre, com os odores tão particulares e com os objetos que vão preenchendo o espaço entre nós e os outros, deixando-nos, não raro, lentamente mais distantes do próximo e mais íntimos da rotina. Entretanto, o dito popular também pondera: quem não tem casa sua, anda sempre na rua.

Para mencionar o arquétipo do eterno caminhante em Campos de Carvalho, primeiramente é preciso se situar no mundo tal como ele era nos dias em que *A Lua*

vem da Ásia e o *Púcaro Búlgaro* foram compostos. Segundo menciona o historiador Geoffrey Blainey (2008, p. 74) até 1939 mais da metade da população mundial nunca tinha se distanciado muito do lugar onde nascera. Apesar disso, em *O Púcaro Búlgaro* retorna-se ao entusiasmo das grandes descobertas num mundo completamente desnudado e bem definido no mapa – na verdade, até o espaço já era uma fronteira prestes a ser cruzada àquela época por um bravo. Igualmente, o personagem principal de *A Lua vem da Ásia* é um cosmopolita cuja origem é tão misteriosa quanto os destinos que toma. Circulando por diversas nações, metendo-se em enrascadas e saindo das mesmas com a sorte e a habilidade própria dos amorais, Astrogildo, um dos infinitos nomes que adota no decorrer do romance, se coloca como cidadão universal nesses termos:

(...) Com uma corrente de ouro que lhe consegui roubar, acompanhada do competente relógio, obtive fundos para instalar-me com uma pequena fábrica de pirulitos na cidade de Sendai, onde me naturalizei japonês com o nome de Akiito Furuashi, em homenagem ao príncipe herdeiro do império e a um cavalo de corridas que eu conhecera no prado de Longchamp. Desse meu período nipônico, a recordação mais grata que guardo é a do haraquiri que praticou sob as minhas barbas um obeso sacerdote sintoísta apaixonado por uma gueixa de rara beleza, e cujo cadáver ainda quente eu saqueei com grande proveito e discrição, embora tremendo dos pés à cabeça. Quando o primeiro ministro Hiroshida mandou fechar minha fábrica de pirulitos, atrás da qual eu mantinha um pequeno bordel onde se podia fumar ópio dia e noite, eu já estava rico o suficiente para desnaturalizar-me japonês e tornar-me de novo um apátrida cidadão-do-mundo, sem outra preocupação que a de viver a minha vida e de cumprir fielmente o destino que Deus me reservou entre os medíocres e os medrosos de todos os países. (CARVALHO, 2002b, p. 81).

Ou:

Também no Conservatório de Varsóvia, onde aprendi a tocar berimbau com o professor Hepsteimm, tive oportunidade de demonstrar, de uma feita, meu irrestrito apego à minha liberdade moral, quando fiz voar pelos ares a tuba e a clarineta da Orquestra Sinfônica Nacional, com um pontapé endereçado a um músico idiota que me chamara de estrangeiro, eu que sou o mais perfeito exemplar de cidadão-do-mundo de que já se teve notícia até hoje. Criei um ligeiro caso internacional com essa minha atitude ao mesmo tempo intempestiva e tempestuosa, mas pelo menos me mantive íntegro e soberano em minha profunda individualidade e universalidade, e não tive por que envergonhar-me depois diante do espelho. (CARVALHO, 2002b, p. 55-56).

Enfim:

Um dia ainda escreverei um livro sobre isso, um livro de quinhentas páginas no mínimo, no qual terei oportunidade de revelar meus grandes

conhecimentos de economia política ou de política econômica, adquiridos ao longo de minha vida de cidadão do mundo - ou de cidadão do universo, para ser mais exato. (CARVALHO, 2002b, p. 124).

Astrogildo rompe violentamente com o dogma do sedentarismo e passa o enredo de *A Lua vem da Ásia* a viajar pelo mundo, tal um Ahsverus moderno como imaginava Campos. Não bateu em Cristo para ter tal sorte, porém suas andanças começaram quando, aos dezesseis anos, assassinou seu professor de lógica. As duas obras poderiam ser definidas como antiépicas ou como epopeias negativas.

Em seu tour *de France*, Campos de Carvalho compôs cartas reais e imaginárias para *O Pasquim*, descrevendo com seu peculiar estilo o desenrolar de suas viagens. Num desses trabalhos, confessou:

Sonho o livro inatingível (todos nós sonhamos) que eu mesmo venha a compreender na sua totalidade só muitos anos depois, e que me escape justamente porque ainda não estou preparado para entendê-lo mas apenas para escrevê-lo. (CARVALHO apud PUCHEU, 2009, p. 57).

Podemos hoje dizer que se o autor não atingiu esse objetivo, foi um dos que mais se aproximaram dele. Carvalho não compreendeu em seu tempo: seus livros já nasceram inatingíveis, distante dele e dos outros, romances nômades por vocação. O que restou entre o autor e a obra foi uma despedida não muito bem resolvida. Em seu autoimposto isolamento, pode ser que Campos de Carvalho sonhasse com a volta daqueles tipos delirantes, desbravadores ingênuos, cosmopolitas inescrupulosos, que eram, em essência, a natureza e o espírito de um errante muito bem fixado, de um marinheiro de terra firme e de um viajante do efêmero: as contradições que fervilhavam em Carvalho, ele tão deslumbrado delas. Talvez por isso suas criaturas nunca tenham retornado como o arrependido da parábola do filho pródigo, porque já nasceram do mundo e ao mundo pertenciam, não podendo mais ser contidas por uma fechadura, seja lá qual fosse ela. Exatamente por esta razão qualquer porta tem dois lados: o de dentro, um monastério, o de fora, um mistério.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lua vem da Ásia (1956) e *O Púcaro Búlgaro* (1964) são romances prenhes de circunstâncias que muito nos falam dos desdobramentos da tessitura que compõe a atual realidade. A estrutura deste trabalho, dadas as especificidades de seu objeto, tão pouco explorado e extremamente dilemático, acaba sendo, ela própria, a um só tempo, vítima e favorecida pela modernidade atual e por seus métodos investigativos.

Vítima dos infinitos diagnósticos lavrados sobre a contemporaneidade, daí a necessidade de um corpus teórico mais ou menos uniforme, mais ou menos similar, mais consensual e menos discrepante. Por outro lado, a ousadia e a flexibilidade do

pensar “pós-moderno” favorecem de todo a estrutura narrativa do primeiro e do último romance de Campos de Carvalho, que acabariam fatalmente mutilados se submetidos a uma formatação mais rígida.

Este trabalho buscou uma nova leitura sobre os dois mais importantes livros de Campos de Carvalho, aproximando-o dos diagnósticos da pós-modernidade e, conseqüentemente, esforçando-se para explicar a dificuldade de classificação que sempre rondou os escritos de Walter, isto quando tais escritos não passaram simplesmente em branco.

Também, desde o princípio, um dos impulsos que me guiaram aos romances de Campos de Carvalho manifestou-se pelos poucos estudos sobre o autor. Espero que minha dissertação possa contribuir para ampliar a fortuna crítica de Campos. Ao estabelecer uma leitura pós-moderna de sua prosa, acabei me distanciando do caminho traçado por outros trabalhos e inevitavelmente discordando de pontos firmados por pesquisas precedentes, não obstante me deslumbrando pelo já produzido.

Em virtude das condições intrínsecas à estrutura de uma dissertação de mestrado, a proposta de meu trabalho não se encontra encerrada, como uma conclusão em definitivo, nem poderia. E é por tais considerações que anuncio que a proposta aqui apresentada está aberta para ser apropriada por outros pesquisadores com o intuito de continuá-la, observá-la, para o estabelecimento de diálogos ou mesmo para que seja rechaçada completamente. Embora eu próprio pretenda retornar ao tema, num estudo mais aprofundado, em meu doutoramento; uma vez mais privilegiando a crítica e o realismo em Campos em detrimento do simples humor e do nonsense risível.

Franz Kafka, bem como Carvalho, tido como absurdo pura e simplesmente por muitos anos, pôde vislumbrar de sua época horrores que se aproximavam com botas de sete léguas, aos quais ninguém parecia dar a devida atenção. Campos de Carvalho em sua crítica impiedosa aponta que o delírio está lá fora e que tomamos parte dele como se não o soubéssemos. Esta nossa última valsa na verdade é uma dança de São Vito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho?*. São Paulo: 7 Letras, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *A Arte da Vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *A Arte de Viver*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. *A Sociedade Individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. *Europa: uma aventura inacabada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000a.

_____. *O Mal-estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Vidas para Consumo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Fundamento, 2008.

BENÍTEZ, J. J. *Meus Enigmas Favoritos*. São Paulo: Mercuryo,

1994. BRETON, André. *Manifesto Surrealista*. 1924.

BRITO, Bruno Eduardo da Rocha. *Roberto Piva, panfletário do caos*. (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Teoria Literária, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. A tolerância como virtude. *Revista USP*. Edições 68-71.

_____. *O antissemitismo na era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CARVALHO, Campos de. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

_____. *A Chuva Imóvel*. In. _____. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002a.

_____. *A Lua vem da Ásia*. In. _____. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002b.

_____. *O púcaro búlgaro*. In. _____. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002c.

_____. *Vaca de Nariz Sutil*. In. _____. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002d.

_____. Campos de Carvalho. Entrevista a Antonio Prata e Sergio Cohn. *Revista Azougue*, [s/d.].

CASTELLO, José. Bauman é um Pássaro. *O Globo*: Blogs, 08 agosto 2012, *A Literatura na Poltrona*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/literatura/posts/2012/08/08/bauman-um-passaro-458349.asp>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

CASTRO, Paulo. *Diário de Vila Nova de Famalicão. Cadernos Literários*. Famalicão, Portugal, 16/08/2007.

COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 2000.

ECO, Umberto. *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIOT, T. S.. *A Terra Devastada*. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1999.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2001, p. 28-29.

FELÍCIO, Brasigois. Existencialismo e angústia. *Revista Bula: jornalismo cultural*. 15 ago. 2009.

Disponível em: <<http://www.revistabula.com/posts/colunistas/existencialismo-e-angustia>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FUGUET, Alberto; GÓMEZ, Sergio. *McOndo*. Barcelona: Mondadori, 1996.

GIBBONS, Dave; MOORE, Alan. *Watchmen*: Edição Definitiva. São Paulo: Panini, 2009.

GOETTEMS, Fernando Vieira. Campos de Carvalho pode te enlouquecer. *Tá Ligado?*, Revista Virtual da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 17 de junho 2011.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

HUTCHEON, Linda. *A narrativa narcisista: o paradoxo metaficcional*. Nova Iorque: Routledge, 1991.

_____. *Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos do Inconsciente Coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura e suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *O Redemoinho do Horror: As Margens do Ocidente*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

MARSHALL, Berman. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

MORIN, Edgar. *Ciências com consciência*. 6. ed. Bertrand Brasil, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

_____. *Ecce Homo*. São Paulo: Escala, 2004.

PEREIRA, Kenia Almeida. Narrativas mitológicas e tradições judaicas: o mito do Judeu Errante na poesia de Vinicius de Moraes. *Revista Vértices*, [S.l.], pp. 95-108, jul. 2012. Disponível em: < <http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/441>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

PESSOA, Ciro. Quem foi Campos de Carvalho?. *Revista Superinteressante*, agosto 2001.

PIRES, Paulo Roberto. A Paixão Anarquista da liberdade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 abril 1995, Segundo Caderno.

PRATA, Mário. O Velório e o Enterro do Campos de Carvalho. *Estado de São Paulo*, abril 1998, Caderno 2.

PUCHEU, Alberto. *O Amante da Literatura*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2009.

REES, Martin. *Our Ultimate Century*. Londres: Random House, 2004.

REYES, Efraim Medina. *Folha de São Paulo*. 16 maio 2004, Caderno MAIS!.

SABINO, Fernando. *O Grande Mentecapto*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

SCHMIDT, Mario. *Nova História Crítica*: volume único. São Paulo: Nova Geração, 2003.

SILVESTRE, Edney C. Este homem é um maldito. *O cruzeiro*, 30 outubro 1969, pp. 42-44. In: BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho?*. São Paulo: 7 Letras, 2004.

TANNER, Michael. *Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

KRISTEVA, Julia. *La révolte intime*: pouvoirs et limites de la psychanalyse II. Paris: Fayard, 1997.

KUMAR, Krishan. Modernidade e pós-modernidade II: a idéia da pós-modernidade. In: _____. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

KURZ, Robert. *Os Últimos Combates*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Um herói do mundo pós-moderno ou o universo Gutenberg*: pequena análise de um caso exemplar. 2011.

Disponível em: < <http://o-beco.planetaclix.pt/rkurz388.htm> > Acesso em 17 dez 2012.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: Edusp, 2001.

Teses e dissertações sobre Campos de Carvalho

ARANTES, Geraldo Noel. *Campos de Carvalho*: inédito, disperso e renegado. (Mestrado em Teoria e História da Literatura) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. *Campos de Carvalho*: Literatura e deslugar na ficção brasileira do século XX. (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho?* (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Douglas Gonçalves. *Da Ásia à Bulgária*: um caminho impossível. (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

HECK, Caroline R. *A gargalhada mostra os dentes*: o riso como instrumento de crítica em Campos de Carvalho. (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GONZAGA, João Felipe. *Um resgate da obra de Campos de Carvalho*: o surrealismo e a produção do cômico. (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em:

< http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-6ZFGKF/disserta_o_campos_de_carvalho_jo_o_felipe_gonzaga_completa.pdf;jsessionid=819335CFA2FA193425592A34C9E7D6FF?sequence=1>. Acesso em 17 dez 2012.

OLIVEIRA, Josiane Gonçalves de. *O discurso da transgressão e a transgressão do discurso em “A lua vem da Ásia”, de Campos de Carvalho*. (Mestrado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

OLIVEIRA, Nelson de. “*O púcaro búlgaro*”, de Campos de Carvalho, e “*As naus*” de Antonio Lobo Antunes: romances surrealistas? (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEREIRA, Roberval Alves. *O Desertor no deserto: a trajetória do eu na Obra Reunida de Campos de Carvalho*. (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos Literários, UNICAMP, Campinas, 2000.

SPAREMBERGER, Alfeu. *Campos de Carvalho: a subjetividade condicional*. (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

FILMOGRAFIA

BAY, Michael. *Armagedom* (no original em inglês: Armageddon). EUA: Touchstone Pictures, 1998, 151 min, cor.

BOYLE, Danny. *Extermínio* (no original em inglês: 28 Days Later). Inglaterra: GBP, 2002, 113 min, cor.

BOYLE, Danny. *Sunshine: Alerta Solar* (no original em inglês: Sunshine). EUA: Fox Searchlight Pictures, 2007, 107 min, cor.

CLEMENTS, Ron. *A Pequena Sereia* (no original em inglês: The Little Mermaid). EUA: Walt Disney Pictures, 1989, 85 min, cor.

EMMERICH, Roland. *2012* (no original em inglês: 2012). EUA: Columbia Pictures, 2009, 158 min, cor.

EMMERICH, Roland. *O Dia depois de Amanhã* (no original em inglês: The Day After Tomorrow). EUA: Fox Searchlight Pictures, 2004, 124 min, cor.

HILLCOAT, John. *A Estrada* (no original em inglês: The Road). EUA: Chockstone Pictures, 2009, 111 min, cor.

ILIEȘIU, Sorin. *O Apocalipse segundo Cioran* (no original em romeno: Apocalipsa după Cioran). Romênia: Independente, 1995, 60 min cor.

LAWRENCE, Francis. *Eu sou a lenda*. (no original em inglês: I Am Legend) Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 2007, 100 min, cor.

LEDER, Mimi. *Impacto Profundo* (no original em inglês: Deep Impact). EUA: Dreamworks Studios, 1998, 121 min, cor.

SODERBERGH, Steven. *Contágio* (no original em inglês: Contagion). EUA: Warner Bros Pictures, 2011, 106 min, cor.